

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO GRAMER -

39º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA, FUNDE COM MUSICA DE TERROR QUE PERMANECE EM SUSPENSE

JERONIMO - Acho que já estou quasi chegando à porta do quarto dela. (PAUSA) É aqui.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA TOCA COM INSISTENCIA.

TÉCNICA - ACORDE SURDO, REFLETINDO GRANDE SUSTO.

JERONIMO - (SUSTO) Uê!... Quem poderá ser a esta hora da noite?!... Alguem que me tivesse visto entrar?! Não acredito! A rua estava completamente deserta. Não havia uma viva alma, de ponta a ponta! Mas eu não posso ficar aqui fazendo cogitações. Tenho que agir e com presteza, sinão posso estar perdido.

C/REGRA - BATIDAS COM FORÇA NA PORTA DA RUA, EM 3º PLANO.

TÉCNICA & REPETE O ACORDE ANTERIOR.

JERONIMO - Que posso fazer, nesta altura? Matar a velha e fugir? Mas deixei a porta sem volta na chave e ao menor encontrão o trinco pode ceder. E si ela grita?! Ai mesmo é que estarei perdido! (SUSTO) Luz no quarto!

TÉCNICA - ACORDE SURDO QUE REFLITA CHOQUE VIOLENTO.

JERONIMO - A velha acordou!... Não há mais tempo para pensar. Tenho que tratar de me esconder o mais depressa possível!

C/REGRA - REFLETE AS BATIDAS AINDA MAIS FORTES, NA PORTA DA RUA. (AFASTADA) ABRIR PORTA EM PRIMEIRO PLANO. AS BATIDAS AFASTADAS PÓSSEGUEM.

TEREZA - Quem será que bate, a esta hora e deste jeito, na porta da rua? Será que dona Eugênia piorou e vieram me buscar?

C/REGRA - CESSAM AS BATIDAS E ^{COMEÇA} ~~começa~~ A CAMPAINHA EM 3º PLANO. PASSOS DE TEREZA, ANDANDO PELO CORREDOR E FALANDO.

TEREZA - Palavra de honra que nunca vi alguém bater dessa maneira na porta de uma casa de família, ~~xx~~ (PROJETANDO) Já vai... já vai...

C/REGRA - RUIDO DE LIGAR CHAVE DE LUZ. CESSAM AUTOMATICAMENTE OS TOQUES DE CAMPAINHA.

TEREZA - Pode ser que vendo a luz, eles atinem que já me acordaram. Depois esse corredor é longo, que não acaba!... Além disto eu não posso andar muito depressa... tenho que demorar. (PAUSA EM QUE SÓ SE OUVIM OS PASSOS) Felizmente parece que eles já viram a luz, porque cessaram de bater.

C/REGRA - MAIS UNS PASSOS. RUIDO DE BOTAR CHAVE NA FECHADURA E TENTAR FAZER A VOLTA

TEREZA - Uê!... A porta está sem chave? Mas não pode ser. Eu tive todo o cuidado

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) de dar as duas voltas, quando fui me deitar... Só se a maluca esteve ou está aí. (TROJETANDO) Quem é?

RODRIGO - (2º PLANO) Sou eu, dona Tereza, Rodrigo. Abra, por favor.

C/REGRA - RUIDO DE PUNCHAR TRINCO, ABRIR PORTA. PAUSA. DOIS OU TRES PASSOS, E FECHAR PORTA DE NOVO. PASSOS DE DUAS PESSOAS ACOMPANHANDO OS DIÁLOGOS QUE SEGUEM.

TEREZA - (ASSUSTADA) Mas que houve, seu Rodrigo? Alguma coisa com dona Eugênia?

RODRIGO - Não, com ela, felizmente, nada. Parece que tudo vai andando devagarinho, mas vai andando. Vm buscá-la. Vívó está muito preocupada com aquele negócio todo que eu já lhe falei pelo telefone e até agora não conseguia dormir. Está com maus presentimentos e quer que você vá ficar lá.

TEREZA - Pois olhe, seu Rodrigo, eu estava dormindo outra vez a sono solto, sem nem me lembrar daquelas coisas todas.

RODRIGO - Pois é, mas você vai juntar o que lhe interessa, botar um casaco por cima dessa camisola e vai comigo agora mesmo.

TEREZA - Está bem, se dona Arabela vai passar toda a noite em claro por minha causa, não é justo que eu fique. Venha comigo, então. Vamos lá para o meu quarto. Mas antes vamos ~~experimentar~~ olhar aqui o quarto de Catarina, para ver si ela está em casa.

RODRIGO - Acho que não, do contrário não poderia ter deixado de se acordar com a barulhada que fiz.

TEREZA - É aqui. Um momento.

C/REGRA - PARAM OS PASSOS. RUIDO DE ACENDER CHAVE DE LUZ.

TEREZA - Obrigada... ela não está mesmo.

RODRIGO - É claro! Se estivesse, tinha que ter se acordado.

TEREZA - Bem, então vamos tratar de arrumar as minhas coisas e ir, senão o senhor vai dormir muito tarde por minha causa.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FUNDE COM MÚSICA ESCURA, DE MISTÉRIO. - RELOGIO DE TORRE BATE DUAS BATAIADAS ESTACADAS.

CATARINA - (MONOLOGANDO A MEIA VOZ) A esta hora Jerônimo já deve estar muito perto dela. Foi a hora que marquei para que ele desse início ao trabalho. Tenho a impressão de que tudo vai ser fácil e rápido. O único contratempo que pode surgir, é que ela talvez tenha fechado a porta do quarto por dentro, mas é uma tramelinha tão frágil, que basta um encontrão com o peso do corpo para que a porta ceda. Nesse encontrão, é possível que ele acorde, mas se ele agir rapidamente, como lhe recomendei, ela não terá tempo nem para pedir socorro. Em questão de um ou dois minutos terá entregue a carcassa

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) ao diabo e não incomodará mais ninguém. Amanhã, à tarde já irei à casa de Jerônimo, para que ele me conte como tudo correu. Não podemos nos falar por telefone. É perigoso. (PAUSA) Era isto que eu precisava: alguém que trabalhasse por mim, principalmente na hora de assumir a responsabilidade pelo que possa acontecer. (PAUSA) Talvez neste momento o primeiro ato do drama já tenha tido o seu início. Como vai custar a passar esta noite e como vai ser longo o tempo que serei obrigada a esperar até poder ir colher as primeiras notícias!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. - RELÓGIO DE TORRE BATE TRÊS BADALADAS ESPAÇADAS.

JERONIMO - Três horas da manhã e a desgraçada da velha não volta! Será que foi pra passar a noite em algum lugar? Eu fui um idiota em me esconder tão longe. Deveria ter ficado mais perto, para poder ouvir e que eles conversassem. Também... tudo foi tão inesperado, que não houve tempo para pensar em nada. Matá-la, naquele momento, não seria possível. Ela se acordou com as batidas, gritaria por socorro, ao avistar-me, quem estava batendo poderia arrombar a porta com um empurrão, porque eu não tinha passado a chave e eu estava arriscado a ter que cometer um segundo assassinato, ou ser preso na hora. Então pensei num esconderijo seguro e este foi em baixo, na adega, onde eu tinha certeza que ninguém iria naquela hora. (PAUSA) O pior de tudo é que eu não posso ficar aqui muito mais tempo. No que comece a clarear o dia tenho que tratar de dar o fora, senão os vizinhos podem ver-me, ou até mesmo o leiteiro e o pedreiro que servem no quarteirão e que devem vir muito cedo. (PAUSA) Catarina vai ficar muito desapontada com o meu fracasso, mas diante do imprevisto acho que ninguém resolveria o caso de outro maneira que não fosse esta.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

ARABELA - Você vai perdoar a minha insistência, Tereza, mas depois que me entra uma cisma qualquer nesta cabeça, não há jeito de eu poder pensar outra coisa. Achei que aquele telefonema procurando você aqui em casa tinha uma trágica significação e por não querer falar francamente com você, nem assustá-la, acabei criando toda esta confusão durante a noite. Mas eu tinha que fazer isto, senão não poderia dormir.

TEREZA - Pois em vez de me pedir perdão, eu é que tenho que lhe agradecer, porque a verdade é que havia alguém lá dentro de nossa casa escondido.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

ARABELA - É mesmo?!... Não diga!... E como é que você pode saber? Viu algum vulto?

TEREZA - Não. Pode imaginar tudo por um detalhe: quando me deitei tive o cuidado de passar duas voltas na chave da porta da rua e quando Rodrigo bateu, que eu fui atendê-lo, a porta estava só fechada com o trinco.

ARABELA - E mais ninguém tem a chave da porta, além de você?

TEREZA - Catarina e seu Petrônio. Mas seu Petrônio não iria lá, sabendo que a mulher não estava em casa, porque o seu único interesse é espioná-la e Catarina também não tinha estado, porque o seu quarto estava iguaisinho como ela o havia deixado à tarde, ou melhor, iguaisinho como eu o encontrei, quando fui daqui.

ARABELA - Mas podia ter sido ela que entrasse e, ao tornar a sair, tivesse esquecido de passar a chave na porta, não podia?

TEREZA - Podia, mas não foi porque junto à soleira da porta da rua e ainda até quase o meio do corredor, haviam marcas de sapato de homem com sola de borracha, impressos no soalho pela humidade trazida da calçada.

ARABELA - E você não falou nada ao Rodrigo?

TEREZA - Absolutamente nada. Eu estava lá para êle inventar de revistar a casa e deparar com o homem armado de um revólver, ou de um punhal? Eu não. Tentei logo de tirá-lo para a rua, concordando imediatamente em sair.

ARABELA - Mas depois, na rua, ~~pergunta~~ por que você não disse a êle, não procuraram um guarda e não foram os dois prender o homem?

TEREZA - Deus me livre envolver Rodrigo numa questão qualquer dentro daquela casa. A senhora já pensou no quanto isto serviria ao maluco do pai? Que coisas seria capaz de inventar? Digo-lhe mais: tomara que a pessoa que esteve lá dentro não o conheça, porque sinão o fato ainda vai dar muito pano para mangas.

ARABELA - É mesmo, Tereza, você tem razão. Eu não tinha me lembrado desse outro lado da questão. Petrônio é, realmente, um homem a quem a gente tem que respeitar, porque além de astucioso é implacável na sua malícia.

TEREZA - Mas ele não era assim, antes. Pelo menos desde o tempo em que comecei a servir na casa, nunca o vi praticar a menor malícia com quem quer que fosse.

ARABELA - (TRISTONHA, SUSPIRANDO) Tem razão, sim Tereza. Ele não era assim. Ficou, depois. Pelo contrário, Petrônio sempre mostrou ser um homem generoso e bom.

TEREZA - E era, em verdade. Alguma coisa aconteceu com êle. O que foi, não sei, mas que aconteceu eu não tenho a menor dúvida.

ARABELA - Aconteceu, sim. Eu sei...

TEREZA - A senhora sabe, dona Arabela?

ARABELA - Sei. Mas o pior de tudo ainda não foi isto.

TEREZA - O que foi? Diga.

ARABELA - O pior de tudo é que eu podia ter evitado o que aconteceu.

TÉCNICA - ACORDE FORTE, DE SURPRESA.

TEREZA - A senhora... a senhora podia ter evitado?

ARABELA - Podia.

TEREZA - Mas por que não evitou? Tinha alguma razão especial?

ARABELA - Amor, Tereza. Um grande amor!

TÉCNICA - REPETE O ACORDE DE SURPRESA.

TEREZA - Amor?! Como amor?! Eu não entendo.

ARABELA - E não é mesmo para entender. Pelo menos por enquanto. Pode ser que um dia ... Hoje eu já falei de mais. Vamos tratar de dormir que é muito tarde e amanhã eu sei que você bem cedo já está fora da cama. Boa noite, Tereza.

TEREZA - Boa noite dona Arabela.

C/REGRA - PASSOS DE ARABELA QUE SE APASTAM E SE PERDEM.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA, PENSANDO) Amor... um grande amor... Ah está uma charada que não vai ser fácil decifrar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ENCIERRAR A PRIMEIRA PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO. FUNDE COM RELÓGIO DA CASA DE JERONIMO, BATENDO CINCO HORAS ESPAÇADAS.

ELISA - Estava à sua espera, para saber como se foi da sua primeira incumbência.

JERONIMO - Mal, muito mal. Baste dizer que não pude fazer nada.

ELISA - Ih, a Catarina vai ficar por conta com você. Ela já sabe?

JERONIMO - Sabe, nada. Recem venho chegando de lá. Fiquei à espera da velha, ela saiu e não voltou até a hora em que sai. Não podia esperar mais. Amanhecia e aí como é que eu ia sair?

ELISA - Olhe, Jerônimo, você quer que eu lhe diga uma coisa? Em parte eu gostei que você não tivesse podido ajudar a velha. Não concordo com isto. Si uma cliente nossa morrer, como já nos aconteceu, é por infelicidade, não é propositalmente e eu não me sinto culpada. Mas chegar assim para uma infeliz que não nos fez nada e friamente mandá-la desta para a outra, eu acho que é bruto.

JERONIMO - Ih, era o que me faltava, agora: uma lição de moral porque eu ia fazer um

CICERO - É, parece que agora já começamos a andar com passos menos incertos. Começo a ter esperanças de poder recuperá-la totalmente em menos de quinze dias. Mas a senhora me raspou um grande susto.

EUGENIA - Eu sei, doutor, e peço-lhe que me perdão o trabalho grande que lhe dei.

CICERO - Não, não... o trabalho não tem a menor importância, uma vez que a gente tem que trabalhar mesmo, já que para isto estudou. O susto é que foi tuão.

EUGENIA - O senhor deve ter ficado muito zangado comigo pelo que fiz; não doutor?

CICERO - Bem, não vamos falar nisto agora. Um dia, quando houver oportunidade, você vai me dizer porque tomou uma resolução tão absurda.

EUGENIA - Ah, doutor, se soubesse o quanto me arrependi, depois!... Muitas vezes chorei de desespero e arrependimento.

CICERO - Bem, bem... eu já disse que não é para falarmos nisto agora. Vamos conversar sobre outras coisas. Sabe que se continuar a melhorar assim, como nestes dois últimos dias, que para a próxima semana já serei capaz de mandá-la para casa?

EUGENIA - É mesmo, doutor? E visitas? Quando as poderei receber?

CICERO - Bem... conforma-se passar o dia de hoje e o de amanhã, sou capaz de autorizar duas visitas de quinze minutos para depois de amanhã.

EUGENIA - Ah, doutor, que bom! Como vão me custar a passar estes dois dias que ainda faltam para recebê-las!

CICERO - Podem custar mas passam. (TOM) Vamos ver o termômetro. (PAUSA) A temperatura está boa, a pressão já bem melhor... É, parece que vou tirar, afinal este grande peso de cima dos meus ombros. E depois vamos, juntos, dar graças a Deus pela sua infinita misericórdia!

TÁBORICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JUSSARA - Este recibo o seu Petrólio me disse que era para entregar a você, porque tinha que ser guardado no registrador.

CLAUDIA - (OLHANDO O RECIBO) Noventa mil cruzeiros? Ele não disse o que era?

JUSSARA - Não, ele não disse nada, mas não tem aí?

CLAUDIA - Deixe ver... (lendo) Banco do Estado de Minas Gerais, para crédito da conta do senhor Luiz Henrique... (CORTE) Luiz Henrique... Luiz Henrique... A tal carta de Diamantina vinha assinada com as iniciais L.H. (VIVA) E o passê é justamente para o Banco de lá. (PAUSA) Como é que... (CORTE)

JUSSARA - (depois de pausa) Como é o que?

CLAUDIA - Tolice minha. Você não fale nada, mas eu desconfio que o Patrão tem alguma namorada em Diamantina.

JUSSARA - Por que? Por causa desse recibo?

CLAUDIA - (despistando) É, por causa deste recibo. Aliás isso não tem nenhuma importância. Nós mulheres é que gostamos de fazer fábula com estas coisas. Que mal pode ter que ele tenha lá uma namorada, se ele já se desfez do compromisso que tinha antes?

JUSSARA - Claro. Era justamente o que eu ia lhe dizer.

CLAUDIA - E depois ele é um homem bastante rico, ainda, elegante... forte... há de provocar paixões aos montes, por aí.

JUSSARA - Você esqueceu de citar a principal qualidade dele para prender as mulheres.

CLAUDIA - Esqueci? Qual?

JUSSARA - Tem dinheiro às pampas. E isto é o que mais emociona e atrai as mulheres.

CLAUDIA - Pois olhe, eu, se gostasse do patrão com amor, em vez de amizade que lhe tenho, não me importaria que ele fôsse pobre. Acho que o amor supre, porfeitamente, as faltas que se possa ter por dinheiro.

JUSSARA - Eu acho o patrão elegante, bonitão, bem arranhado, mas... não que se diga não mesmo, é o filho dele. Você o conhece?

CLAUDIA - Conheço. Ele esteve aqui muitas vezes, no tempo em que se dava com o pai.

JUSSARA - Ah, você sabia que eles tinham brigado? O patrão me falou que você não sabia nada a respeito da família dele...

CLAUDIA - (Atrapalhada) Bem... quer dizer... saber mesmo eu não sei, mas a gente percebe as coisas que ninguém é burra. Ele não queria receber o filho e o filho nunca mais apareceu... O que é, que a gente pode pensar?

JUSSARA - É claro.

CLAUDIA - Assim também como a situação na casa dele eu tinha que desconfiar. Dona Eugênia telefonava todos os dias. Ele esperava ansioso o telefonema dela. De repente deixou de telefonar e ele me deu o endereço de um hotel, onde mora sozinho; o que é que eu posso pensar?

JUSSARA - Tem razão.

CLAUDIA - É claro que nunca perguntei nada, nem falei nada a ninguém, mas não deixei de observar.

JUSSARA - E agora você acha que ele tem uma namorada em Diamantina?

CLAUDIA - Namorada... ou noiva... sei lá o que... mas afinal ele tem direito de ter e eu não tenho nada que me meter. Se o que desejo é que ele seja feliz.

JUSSARA - Bem, deixe que eu vá trabalhar que as minhas faturas estão lá paradas.

O/REGRA - PASSOS DE NOÇA SE APASTAM E TORÇA ABRE E PECHA EM 2º PLANO.

CLAUDIA - Puxa vida!... Que mancada eu ia dando agora!... Nem sei quais são as ligações dela com o patrão... só sei que, de vez em quando, os surpreendo de cochichos. Inda bem que levei as coisas para o lado de namoro, quando, em verdade as minhas desconfianças são outras, bem diferentes. Eu não me lembro bem se foi carta ou telegrama que chegou de Diamantina com as iniciais I.H. Mas lembro-me, perfeitamente, que ele disse que não conhecia ninguém lá e menos, ainda, com aquelas iniciais. Que devia ter havido engano e que ele ia devolver ao correio ou ao telegrafo, sei lá. Eu estou muito desconfiada deste negócio, mas não quero nem pensar no que me assalta, para não me decepcionar com o seu Petrônio.

TÉCNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL, FUENDE COM MUSICA DE SEPARAÇÃO.

CATARINA - Aho que você dormiu no ponto.

JERONIMO - Quem dormiu no ponto foi você, que se desculcou da hora e, em consequência eu tive que ir mais tarde para dar início ao meu trabalho. Se tivesse ido no horário combinado antes, estava tudo feito.

CATARINA - Mas você devia ter ~~ia~~ procurado verificar quem foi buscá-la, para que a gente pudesse ficar sabendo onde ele estava. Agora, mais um dia perdido, para *descobrir* o paradeiro da velha.

JERONIMO - Tudo que você disse é muito fácil de dizer, mas eu queria ver você na boca do lobo, como eu estava, para ver qual seria o seu procedimento. Nem ficava lá esperando volta de ninguém, como eu fiquei, até de manhãzinha. Tratava logo de dar o fora e pôr-se a salvo. Eu ainda me arrisquei.

CATARINA - Bem, não adianta nada estarmos aqui a discutir, como duas crianças, por uma coisa que não tem mais remédio. Só quero lhe avisar uma coisa: talvez na próxima semana, disse-me o enfermeiro, hoje, dona Eugênia tenha alta e volte para casa. Ai tudo vai ser muito mais difícil do que agora. Portanto... trate de aproveitar esta semana que nos resta, para eliminar a velha!

TÉCNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL, FUENDE COM CARACTERISTICA PARA ENCEPIMENTO DO CAPITULO

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

40º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA DO CAPÍTULO

CATARINA - Você devia ter procurado verificar quem foi buscá-la, para que a gente pudesse ficar sabendo onde ela estava. Agora, mais um dia perdido, para descobrir o paradeiro da velha.

JERONIMO - Tudo que você disse é muito fácil de dizer, mas eu queria lhe ver na boca do lobo, como eu estava, para ver qual seria o seu procedimento. Nem ficava lá esperando volta de ninguém, como eu fiquei, até de manhãzinha. Tratava logo de dar o fora e pôr-se a salvo. Eu ainda me arrisquei.

CATARINA - Bem, não adianta nada estarmos aqui discutindo, como duas crianças, por uma coisa que não tem mais remédio. Só quero lhe avisar uma coisa: talvez na próxima semana, disse-me o enfermeiro, hoje, dona Eugênia tenha alta e volte para casa. Ai, tudo vai ser mais difícil do que agora. Portanto... trate de aproveitar esta semana que ainda nos resta, para eliminar a velha!

JERONIMO - Isso vai depender muito mais dela do que de mim.

CATARINA - Como assim?

JERONIMO - Claro. Si ela não voltar para casa o que é que você quer que eu faça? Que dê uma punhalada nela numa esquina para ser preso na outra? Tão trouxa assim eu também não sou, que diabo!

CATARINA - Bem, a maneira como você vai matar e onde, não me interessa. Interessa é que ela desapareça, o quanto antes, para não incomodar mais, nem atrapalhar a gente.

JERONIMO - Mas eu só vou fazer o serviço com garantia de impunidade. De outra forma não faço. Que me adianta matar e ser preso? O que é que eu vou gozar depois? Vou é dar com os costados nas grades e isto a mim não interessa.

CATARINA - Você é bem esperto e bem vivo para encontrar, querendo, uma boa ocasião.

JERONIMO - Isso também eu sei, mas resta saber se essa ocasião se apresentará no prazo de uma semana. Você não pode retardar a saída de sua patroa lá da clínica?

CATARINA - Está vendo, ô. Já você me deu uma bela ideia. No dia que eu for visitá-la, encarrego-me de dar-lhe os remédios. Numa hora lá, troco um calmante por um excitante, dá-lhe uma crise e já o médico suspende a entrada de quem dá dem de saída.

JERONIMO - Claro! Pois é isto que temos que fazer. Trabalhar com a cabeça.

CATARINA - Você já telefonou para a casa de dona Arabela, para saber si ela está lá?

JERONIMO - Não. Acho que seria melhor que você telefonasse.

CATARINA - Eu não posso. Trabalhei lá uma porção de tempo, dona Arabela vai conhecer, logo, a minha voz. Você mesmo é que tem que fazer.

JERONIMO - Eu já fiz uma vez, não convem fazer segunda.

CATARINA - E se Elisa telefonasse? Ela se importaria?

JERONIMO - Não tem nada de se importar. Sendo preciso, ela telefona.

CATARINA - Então chame-a. Vamos fazer ela telefonar agora mesmo.

JERONIMO - (gritando) Elisa! Venha cá um momento. (PAUSA) Elisa!

ELISA - (3º plano, gritando) Já vou, Jerônimo, espere um pouco.

CATARINA - Você tem o cartão que eu lhe dei com o numero de lá?

JERONIMO - Tenho. Está aqui. Guardei exatamente porque pensei que ele talvez voltasse a ser preciso.

C/REGRA - PASSOS DE ELISA QUE VEM DE 3º PLANO ATÉ O PRIMEIRO. CESSAM.

CATARINA - Boa tarde, Elisa.

ELISA - Boa tarde.

CATARINA - Você seria capaz de fazer um telefonema para nós?

JERONIMO - Está aqui o número. Quando atenderem, você pergunta quando ~~me~~ é que dona Tereza vai para casa que você tem uma encomenda para entregar a ela, esteve lá e achou a casa fechada.

ELISA - Mas você tem certeza que ela está parando lá?

JERONIMO - Não, mas se você perguntar isto, vão lhe dizer que não, ao passo que se você fingir que sabe, já eles não se animarão a mentir. E o que nós precisamos é saber certo si ela está lá, ou não.

C/REGRA - RUIDO DE DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMANDO NA OUTRA EXTREMIDADE DA LINHA. DEPOIS DE QUATRO OU CINCO CHAMADAS, RUIDO DE SUSPENDER FONE DO GANCHO, TAMBEM NA OUTRA EXTREMIDADE.

ARABELA - (FILTRO) Alô! Quem fala aí?

ELISA - Por favor, minha senhora, eu precisava de uma informação a respeito de dona Tereza. A senhora podia me informar...

ARABELA - (FILTRO) Mas aqui não tem ninguém com esse nome. Penso que a senhora está ~~mesmo~~ enganada

TÉCNICA - DESLIGAR TELEFONE NA OUTRA EXTREMIDADE DA LINHA.

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE EM 1º PLANO.

ELISA - Credo, a mulher nem me deixou dizer o que eu queria! Foi dizendo que lá não havia ninguém com este nome e foi desligando logo, sem me dar tempo de dizer mais nada.

CATARINA - Telefone de novo e comece dizendo que é uma sobrinha dela. Ela tem duas sobrinhas não sei onde.

C/REGRA - RUIDO DE DISCAR SEIS NUMEROS.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMANDO NA OUTRA EXTREMIDADE DA LINHA. DEPOIS DE TRES OU QUATRO CHAMADAS, RUIDO DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO.

ARABELA - (FILTRO) Quem faça aí?

ELISA - A senhora desculpe a insistência, mas aqui é uma sobrinha de dona Tereza que tinha muita necessidade de falar com ela.

ARABELA - Mas a senhora está angusta. Aqui não tem ninguém com esse nome, nem nós conhecemos ninguém que se chame Tereza.

TÉCNICA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE DO OUTRO LADO DA LINHA.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO EM 1º PLANO.

ELISA - Não adianta. Si lá tem alguém com esse nome, ela não quer mesmo dizer por que tornou a desligar o telefone. Disse que nem conhece ninguém chamado Tereza.

CATARINA - Ah, essa não. Então é lá mesmo que a velha está e ela não quer dizer.

JERONIMO - Também, eu estava pensando aqui que nos adianta pouco querer saber onde ela está. O negócio é saber quando ela vai dormir em casa e para isto basta que cada noite fique um de nós de plantão.

CATARINA - Um de nós, não. Eu não posso nem devo ficar. Quem terá que ficar de plantão permanente é você. Eu me transferirei para a clínica com armas e bagagens.

JERONIMO - Está bem. Então, a partir de amanhã, cada um de nós vai ocupar o seu posto, para só abandoná-lo depois da missão cumprida.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

ENFERMEIRO - Doutor, eu estou quasi louco com as empregadas dela que seguidamente estão aqui e querem vê-la. Eu já não sei mais o que fazer com elas.

CICERO - É fácil. De amanhã em diante, elas já poderão ser recebidas.

ENFERMEIRO - Ih, vão ficar quasi loucas de alegria!

CICERO - Mas você tem que fazer ver a elas que não podem conversar com a enferma. Que devem se limitar a vê-la e dirigir-lhe uma ou outra palavra. E não podem, de modo algum, permitir que ela fique fazendo esforço para conversar.

ENFERMEIRO - Dona Catarina quer saber se pode vir substituir o enfermeiro do dia e da noite. Disse que tem muita prática, que é muito obediente ao médico e que ninguém terá maior interesse do que ela em que dona Eugênia fique boa logo.

CICERO - Eu não me importarei que ela venha substituir um dos enfermeiros,mas ficar de dia e de noite eu tenho a impressão de que ela não aguenta.

ENFERMEIRO - Foi o que eu disse, mas ela garante que aguenta...

CICERO - Bem, isso é lá com ela. Diga-lhe que, depois, procure falar comigo.

ENFERMEIRO - Si ela pode ficar e se o senhor concorda, seria interessante que já amanhã ela passasse o dia,para observar como é feito o tratamento. Não lhe parece?

CICERO - Si ela quizer, eu, por mim, não faço nenhuma objeção. A objeção é a que já disse. Acho que dia e noite ela não aguenta. Terá que escolher uma coisa ou outra.

ENFERMEIRO - Não lhe parece,tambem,que seria melhor conversar,antes,com dona Eugênia,para saber si ela quer? Si está de acordo com a substituição?

CICERO - Claro. Mesmo porque si a contrariássemos, nesta altura dos acontecimentos, estaríamos sujeitos a que ela piorasse novamente e isto não convem de maneira alguma.

ENFERMEIRO - Então agora, quando entrar no quarto, eu já aproveito e já falo no assunto.

CICERO - É.Faça logo isto e amanhã me diga o que ela resolveu.

C/REGRA - PASSOS DO DOUTOR QUE SE AFASTAM E SE PERDEM. POUCOS PASSOS DO ENFERMEIRO SEMPRE EM LE PLANO. ABRIR E FECHAR DE PORTA.

ENFERMEIRO & A camareira já mudou a sua roupa?

EUGENIA - (MENOS FRACA) Já, sim senhor. Faz uns quinze minutos,mais ou menos. Foi antes do doutor vir.

ENFERMEIRO - Sabe que amanhã a senhora já vai começar a receber visitas?

EUGENIA - (TRISTE) De quem? Não tenho ninguém que me visite.

ENFERMEIRO - Tem duas senhoras aí que diariamente procuram notícias suas: dona Catarina e dona Tereza.

EUGENIA - (TRISTE) As empregadas.

ENFERMEIRO - Parecem ser grandes amigas suas,qualquer uma das duas. (PAUSA) Dona Catarina quer vir ficar no meu lugar.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO. A MUSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

EUGENIA - Dona... dona Catarina, o senhor disse?

- ENFERMEIRO - Sim, dona Catarina. Ela quer ficar aqui com a senhora, como sua enfermeira. (PAUSA LONGA) Que lhe parece?
- EUGENIA - Não sei... O senhor... o senhor não quer mais ficar?
- ENFERMEIRO - Não, não é isto. É que ela está insistindo em vir substituir-me e o doutor Cícero disse que eu antes conversasse com a senhora. Se a senhora quizer, muito bem, se não quizer ela não virá.
- EUGENIA - Mas eu... eu não desejava magoá-la, entende?
- ENFERMEIRO - Ela não precisa ficar sabendo. Pode-se dizer que o doutor não consentiu e está acabado. (PAUSA LONGA) E então? O que é que a senhora resolve? Ela amanhã vai querer saber uma resposta.
- EUGENIA - Então... então seria melhor dizer que o doutor não deixou. Mas por favor... eu... eu não desejaria ...
- ENFERMEIRO - Já sei, a senhora não deseja magoá-la, mas pode ficar inteiramente tranquila que nós faremos a coisa como se fôsse o doutor Cícero quem tivesse regeitado a proposta. E agora não pense mais no assunto e trate de descansar a sua cabeça. Durma se puder.
- EUGENIA - Obrigada... muito obrigada... Catarina não... eu não quero... não quero.
- ENFERMEIRO - Ela não virá, pronto. Fique inteiramente tranquila.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA FIM DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.
- LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA INÍCIO DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO
- CLAUDIA - A senhora faz questão de falar com o seu Petrônio mesmo? Sinão a senhora deixava o recado comigo e mais tarde telefonava para saber a resposta.
- CATARINA - Não, não, eu queria falar com êle pessoalmente.
- CLAUDIA - Então a senhora vai ter a paciência de esperar, porque até agora êle ainda não apareceu no escritório.
- CATARINA - Não faz mal, eu espero. Não é nenhum assunto sigiloso que eu não pude se deixar recado com a senhora, mas acontece que eu venho pleitear uma coisa que desejo muito e a senhora sabe como são estas coisas: ninguém será capaz de advogar melhor as nossas causas do que nós mesmos.
- CLAUDIA - Ah bom, isso nem há dúvida.
- CATARINA - E também não é muito o que venho pedir; pelo contrário, acho até que é o mínimo que se pode dar a uma amiga como eu.
- CLAUDIA - Ah, a senhora é amiga do seu Petrônio?
- CATARINA - (forçando a resposta) Sssou. Sou amiga dele, mas sobretudo sou amiga de dona Eugênia, entende?

CLAUDIA - Coitada de dona Eugênia! Ela está melhor agora?

CATARINA - Felizmente, sim. Desde ante-ontem que já está recebendo visitas, depois de quasi um mês em perigo de vida.

CLAUDIA - Pois me disseram. Eu fiquei tão penalizada...

CATARINA - E eu queria, justamente, ficar no lugar do enfermeiro da noite. Passar as noites lá, para cuidá-la. Mas parece que eles estão querendo me despistar e eu então vinha pedir ao seu Petrônio para autorizar a troca. A senhora acha que um enfermeiro desconhecido pode cuidar dona Eugênia com o mesmo interesse que eu que sou sua amiga?

CLAUDIA - Mas de maneira alguma!

CATARINA - Não é mesmo? E eu tenho certeza absoluta que dona Eugênia ficará muito satisfeita com a substituição.

CLAUDIA - Mas naturalmente que há de ficar.

CATARINA - Comigo, ao menos, quando ela estiver triste e quiser desabafar as suas tristezas, poderá fazê-lo, porque além de que eu sei de todas as suas in-
felicidades, ela sabe que sou sua amiga e tem absoluta confiança em mim.

CLAUDIA - É uma pena o patrão e dona Eugênia não se acertarem; a senhora não acha?

CATARINA - Dessas coisas que acontecem: ambos são bons, mas não se entendem.

CLAUDIA - Ela sofreu muito com o desaparecimento do filho; não sofreu?

CATARINA - Demais.

CLAUDIA - Pois eu vivo num verdadeiro drama de consciência porque tenho a impressão de que sei onde está o menino e não me animo a dizer nada a ela por me pa-
recer que agindo ~~por interesse próprio~~ ^{a favor dela, estarei traindo} seu Petrônio.

CATARINA - Mas isto quer dizer que você tem, como eu, a impressão de que o menino foi raptado por ele?

CLAUDIA - A senhora também tem essa impressão?

CATARINA - Muito mais do que impressão. Tenho quasi a certeza.

CLAUDIA - ~~Exix~~ E se a senhora tivesse uma pista, vamos dizer... a senhora diria a ela, mesmo que isto implicasse numa traição a ele?

CATARINA - Claro que diria. Ninguém tem mais direito a um filho do que a mãe. Para isto ela o botou no mundo.

CLAUDIA - Pois então eu vou dizer à senhora as minhas desconfianças e a senhora, depois, faça como bem entender, mas por favor não cite o meu nome porque eu preciso deste emprego e seu Petronio não me perdoaria.

CATARINA - Pode dizer e ficar tranquila porque ele jamais me ouvirá citar o seu no-
me.

CLAUDIA - Preste bem atenção ao que lhe vou dizer: há um mês atrás, mais ou menos, apareceu no meio da correspondência, uma carta...

TÉCNICA - ENTRA COM A CONTINA FORTE, COBRINDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE CLAUDIA.
FAZ SEPARAÇÃO DE CENAS.

ARABELA - Tenho uma notícia muito boa para você, Tereza. Você vai ficar contentíssima.

TEREZA - Não sei se alguma coisa mais pode me fazer contente nesta vida, dona ~~Arabela~~ Arabela. Parece que já tudo para mim é indiferente, hoje.

ARABELA - Pois vamos a ver. Dona Eugênia, desde ontem, já pode receber visitas.

TÉCNICA - ACORDE VIBRANTE, REFLETINDO SATISFAÇÃO

TEREZA - Não me diga! Isto é mesmo verdade?

ARABELA - É verdade, sim. Então você acha que eu iria mentir uma coisa dessas?

~~TEREZA~~ - Não, não... não é isto... mas... como foi que a senhora soube?

ARABELA - Telefonei para a Clínica, afim de saber notícias dela e o enfermeiro encarregado de cuidá-la foi quem me deu esta boa notícia.

TEREZA - Mas/ então amanhã mesmo já irei visitá-la. A senhora, por acaso se lembrou de perguntar o horário das visitas?

ARABELA - Só sei que é na parte da tarde, mas o horário mesmo não perguntei. Mas não faz mal, amanhã de manhã eu torno a ligar para lá e indago tudo direitinho para você.

TEREZA - É um grande favor que a senhora me faz. Deixei os meus óculos de ver de perto lá em casa e a senhora acha que não convem eu ir lá sósinha... não posso olhar o guia telefônico.

ARABELA - Você sabe que aquele meu pressentimento com você ainda não se dissipou? De vez em quando, sem nenhuma razão justificada, eu sinto aquele sobresalto e só me acalmo quando me lembro que você está na minha casa. Eu acho que é porque andaram telefonando várias vezes para cá, perguntando quando você voltava para casa.

TEREZA - É. Com certeza foi isto. E na minha opinião tudo é trabalho de uma só pessoa. Como eu tenho a coragem de enfrentá-la, ela quer me varrer do mapa. Mal sabe que me prestaria um grande serviço. Para que me serve a vida, afinal? Não tenho ninguém que se interesse verdadeiramente por mim...

ARABELA - Não diga isso, Tereza. Eugênia não pode ser mais sua amiga do que é. Deixou-se arrastar por influências maléficas, mas nem por isso deixou de ser sua amiga. E agora, mais do que nunca, ela vai precisar muitíssimo de você.

TEREZA - Quando o menino estava connosco, então sim, a minha vida tinha uma finalidade. Por dona Eugênia, propriamente, não. Embora goste muito dela e tenha uma pena infinita da sua situação, falta a ela eu não faria nenhuma.

ARABELA - Como você se engana, Tereza. Uma amiga sincera e leal, como você é, faz sempre muita e muita falta em qualquer ocasião de nossas vidas. Por isso anime-se e trate de viver para se convencer mais desta verdade.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ELISA - Você não comeu quase nada hoje. Que há com você? Está preocupado?

JERONIMO - É aquele diabo daquele raio daquela velha que não há meios de aparecer em casa. Eu espero, espero, espero... passo as manhãs e as tardes fazendo paciência no porão da casa e ela nada. Hoje resolvi passar o dia em casa. Não duvido nada que ela tenha ido lá.

ELISA - Eu acho que é a força do meu pensamento que está lhe atrapalhando. Eu já lhe disse que por minha vontade você não cometeria esse crime.

JERONIMO - Ora deixe-se de tolices, Elisa. Será que todas as vezes eu terei que repetir as vantagens todas que terei com o desaparecimento dela?

ELISA - Eu já sei essas vantagens de côr e salteado, mas elas não me tentam, Jerônimo. Já lhe disse que a minha maneira de ser é esta: não aceito crime sem justificativa.

JERONIMO - Mas você quer justificativa maior do que seja esta de afastar um traste velho que está sendo um impecilho à nossa felicidade?

ELISA - Impecilho à sua ambição e não à nossa felicidade. Eu estou muito satisfeita com o que tenho e não desejo mais.

JERONIMO - Ah é? Você não gostaria de um apartamento na zona Sul? Não gostaria de um belo automovel com chofêr e tudo? De móveis novos e elegantes, comprados nas grande casas? De bons vestidos, peles finas e joias legítimas? Quero ver se terá a coragem de dizer que nada disto lhe tenta.

ELISA - Pelo preço que seriam compradas, afianço-lhe que não.

JERONIMO - Ih, você está ingênua e pura como uma comungante. Credo em crua!

ELISA - Estou sendo sincera e verdadeira, como sempre fui. Você me conhece bem e sabe que é esse o meu feitio. Para os meus crimes encontro justificativa que me satisfaz plenamente. Para o que você pretende praticar, não há desculpa que me convença.

JERONIMO - Está bem, Elisa, está bem. Nós discutiremos uma vida e não nos entendemos. Serve mais um cafésinho, si o do bule já não está gelado.

ELISA - Eu posso aquecer num instante.

JERONIMO - Não há necessidade. Bota assim mesmo. Total, eu estou acostumado a tomar frio aí pelos cafés...

C/REGRA - RUIDO DE SERVIR CAFÉ. BOTAR BULE NA BANDEIJA DE METAL.

ELISA - Olhe o assucar.

JERONIMO - Até que nem está tão frio.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DA RUA. (DEPOIS DO "ENTRE" PORTA QUE ABRE E FECHA.)

ELISA - (PROJETANDO) Entre. (TOM) Deve ser a vizinha do lado que ia me trazer umas flores de papel para ver. Parece que ela aprendeu agora a fazer.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

ELISA - Disse que depois vai fazer umas para botar no meu centro de mesa.

CATARINA - (CHEGANDO) Boa noite.

OS DOIS - Boa noite.

ELISA - Sente-se.

CATARINA - Vou me sentar, sim, que estou com os meus pés chispando. Peguei um onibus errado, ele me deixou lá antes da praça e eu tive que andar umas sete ou oito quadras a pé.

ELISA - Que estopada, não?

CATARINA - Se foi. Pois eu vim aqui para falar com você, Jerônimo. Cansei de telefonar para lá e ninguém atendeu... imaginei logo que você teria vindo em casa, jantar, tomar um banho e trocar de roupa. Acertei?

JERONIMO - Claro. Só por isso mesmo é que eu viria.

CATARINA - Alguma novidade?

JERONIMO - Da minha parte, nenhuma. Continuo na espera.

CATARINA - Pois então saiba que eu tenho grandes novidades para nós.

JERONIMO - Quais são?

CATARINA - Se não conseguirmos pegar a velha até o fim da semana e acontecer de dona Eugênia voltar para casa, deixaremos isto para mais tarde e vamos entrar por um outro atalho que também nos conduzirá à Mina de ouro.

JERONIMO - Não entendi o que você quis dizer. Explique-se.

CATARINA - Seu Jerônimo você se prepare porque é muito possível que, na próxima semana, tenha que viajar para Diamantina!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

41º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA & Alguma novidade?

JERONIMO & De minha parte, nenhuma. Continuo na espera.

CATARINA - Pois então saiba que eu tenho grandes novidades para você.

JERONIMO - Quais são?

CATARINA - Se não conseguirmos pegar a velha até o fim da semana e acontecer de dona Eugênia voltar para casa, deixaremos isto para mais tarde e vamos enveredar por outro atalho que também nos conduzirá à mina de ouro.

JERONIMO - Não entendi o que você quiz dizer. Troque isso em miúdos.

CATARINA - Seu Jerônimo, você se prepare porque é muito possível que, na próxima semana, tenha que viajar para Diamantina!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SURPREZA.

JERONIMO - Como?! Eu terei que ir a Diamantina na próxima semana?!

CATARINA - Sim senhor. Terá que ir fazer uma investigação. E se o que me disseram for verdadeiro... não demora nada o ouro começa a aparecer.

JERONIMO - Mas então por que esperar para a próxima semana? Por que não vamos logo ver isto?

CATARINA - Porque essa velha vai nos dificultar tudo que se relacionar com dona Eugênia e a eliminação dela já seria meio caminho andado.

ELISA - A senhora não tem medo das almas do outro mundo?

CATARINA - Não. Tenho medo das que estão neste mundo. Estas poderão me atacar e me prejudicar. As do outro, não.

ELISA - Pois eu tenho um respeito enorme pelo além. Tenho sempre a impressão de que as dívidas que nós levamos daqui, vamos pagar é lá.

CATARINA - Não vá atrás dessas conversas. Há, também, muita gente que diz: "aqui se faz, aqui se paga" Paga, nada! Pagam os que são trouxas e vão atrás de ameaças. Os que são espertos não pagam nunca. Na hora de pagar quebram o corpo e saem fora. Você não acha que é assim, Jerônimo?

JERONIMO - Eu acho. Também não vou atrás de lorotas, não.

ELISA - É pena. Se vocês tivessem um pouquinho de receio do desconhecido, talvez não fizessem o que pretendem fazer.

JERONIMO - Ela não concorda em que se mate a velha.

CATARINA - Por que? Que falta ela faz?

JERONIMO - É o que eu sempre estou dizendo, quando ela toca no assunto.

CATARINA - Até é um favor que fazemos a ela. Vive aí se arrastando, cheia de reumatismo, de varizes e feridas nas pernas. Tudo isto acaba e ela não sofre mais.

ELISA - E ainda fica devendo a vocês a cura radical de todos os seus males. Isto é que é gente generosa!

JERONIMO - Você está dizendo por ironia, eu sei, mas, no caso dela, eu bem que agradecería a quem me desse um descanso.

CATARINA - Claro! Mas afinal, Elisa, por que você me perguntou si eu não tenho medo de almas do outro mundo?

JERONIMO - Ora, Catarina, você que é tão esperta não compreendeu? É que ^{Elisa} ~~ela~~ acha que si matarmos a velha, ela, depois, por vingança, será capaz de vir nos puxar os pés, à noite. (Ri com vontade. Catarina acompanha-o)

CATARINA - Essa é muito boa! Parece mentira que na época de hoje, alguém ainda acredite nessas bobagens! Eu nem estou muito certa de que você acredite Elisa, acho que está fazendo isso, com a esperança de nos amedrontar. Não é?

ELISA - Não é, não. Eu acredito, sim. E o dia que acontecer alguma coisa a vocês eu vou dar boas gargalhadas.

JERONIMO - Ah, você quer gozar com a minha caveira, é?

ELISA - Não é gozar com a caveira de ninguém, mas afianço-lhes que o dia em que rasparem um susto, eu bem que vou gostar.

JERONIMO - Bem, vamos deixar isto pra lá e vamos combinar o negócio da viagem a Diamantina e esclarecer o que é que eu vou fazer lá.

CATARINA - Devagar, homem, devagar. Quando chegar o momento oportuno, você saberá. Por óra o que você tem que fazer é continuar na espia e derrubar a velha se ela cair na asneira de voltar ao ninho antigo.

JERONIMO - Você é uma mulher desconfiada, Catarina. Por que me convidou para trabalhar com você se não tinha confiança em mim?

CATARINA - Pela sua coragem. Eu precisava de um homem afoito como você e que fosse mais moço e mais ágil do que eu. Você compreende... há certas coisas que por mais corajosa que uma mulher seja, ~~faltam~~ faltam-lhe condições físicas para realizá-las.

JERONIMO - Muito bem, então quando é que vamos combinar os novos planos?

CATARINA - No dia que dona Eugênia voltar para casa, ou no dia seguinte ao desaparecimento da velha, si ela chegar a ser anulada nestes poucos dias que nos restam.

JERÓNIMO - Certo. Vamos aguardar os movimentos, então.

CATARINA - Você volta para lá ainda hoje, não volta?

JERÓNIMO - Daqui a pouco.

CATARINA - É. Não convem deixar lá a casa livre por muito tempo. Si quiser ir agora, podemos ir conversando pelo caminho.

JERÓNIMO - Pode ser.

CATARINA - Vamos, então.

TECNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - O menino dormiu?

CORÁLIA - Neste momento. Tão engraçadinho! Ele já me conhece. Quando eu venho chegando com a mamadeira, sabe que ele sorri para mim?

IRACEMA - (rindo) Para você, ou... para a mamadeira?

CORÁLIA - (RINDO) É, você tem razão. Deve ser mesmo para a mamadeira e eu, pretenciosamente, achando que os sorrisos eram para mim.

IRACEMA
EMERXIA - Não, mas são para você, também, porque quando sou eu que levo a mamadeira, ele aceita bem, mas não se derrete em sorrisos, como o faz para você.

CORÁLIA - (SATISFEITA) Será mesmo? Ih, eu fico tão faceira que você nem sabe.

IRACEMA - Ele conhece você, sim. E aliás tinha que conhecer, porque é você que cuida dele, sempre. Eu o atendo de vez em quando, nas minhas horas vagas.

CORÁLIA - Você reparou a ternura que tio Luiz Henrique tem pelo garoto?

IRACEMA - Só se fosse cega, deixaria de reparar. Ele, que nunca foi dado a crianças, fica horas com o garoto no colo. Diz que é para ajudar você, mas a verdade é porque ele gosta.

CORÁLIA - Iracema, eu acho que pode ser um pedaço, mas às vezes/ me assaltam umas ideias/exquisitas a respeito de tio Luiz Henrique e o garotinho.

IRACEMA - É mesmo? E si eu disser a você que tenho as mesmas desconfianças?

CORÁLIA - Mas eu não lhe disse que pensamentos são esses.

IRACEMA - E precisa? Deixa de bobagem, Corália, está na cara.

CORÁLIA - É... eu até já acho que está/ na cara mesmo. Não sei se é por força da desconfiança que eu até já acho o garotinho parecido com titio. E tem outra coisa exquêsita que eu, por acaso descobri.

IRACEMA - Conta, conta... Ih, eu gosto de uma fofôca que nem sei. Que foi que você descobriu? Diga logo.

CORÁLIA - Vou contar, mas isso deve ficar somente entre nós duas.

IRACEMA - E você acha que eu iria falar aí fora os assuntos de família? Ora, Corália deixe disso. Diga logo o que você descobriu.

- CORÁLIA - A semana passada, êle me deu uma roupa para mandar lavar na tinturaria. Eu, por prevenção, apenas, passei uma revista nos bolsos. Num deles havia uma carta de um senhor P. Larré, em que avisava a remessa da importância que deveria ser paga ao Asilo pela permanência de Luizinho. Aliás, foi o nome do Luizinho, ~~XXXXXXXXXX~~ que me chamou atenção e me fez ler a carta. Daí para cá fiquei numa confusão tremenda. Penso... penso... penso... e não consigo atinar bem com as coisas.
- IRACEMA - Pode ser que seja o pai do garoto, mas aí, então, já a nossa desconfiança cai por terra. Não será tio Luiz Henrique o pai de Luizinho?
- CORÁLIA - Pois é, mas você veja quanta coincidência: o mesmo nome; o garoto está ficando cada vez mais parecido com êle.
- IRACEMA - Não. Assim tanto também não acho. É que você já olha com espírito prevenido e então lhe parece muito mais.
- CORÁLIA - Bom, não será tanto quanto eu acho, mas você também confessa que encontra semelhança. É uma segunda coincidência. A ternura invulgar que êle, um solteirão que sempre detestou crianças, tem pelo menino. É muita coisa a um tempo só. Acho que chama a atenção do espírito mais desprevenido.
- IRACEMA - Pois é, mas essa carta que você achou... Será que o menino esteve mesmo no Asilo?
- CORÁLIA - Uma noite só. Disse-me a Irmã Superiora, sem saber que êle estava comigo.
- IRACEMA - Então por isso que nós insistíamos tanto em que êle fosse buscar o garoto no Hotel e êle despistava.
- CORÁLIA - Você vê que o garotinho veio para ir para o Asilo, mas êle não o quiz deixar lá. Tratou de arranjar logo alguém que tomasse conta da criança. Por que? Porque se interessava por êle, está visto. E por que veio trabalhar aqui? Para não ficar longe do garoto. É uma coisa atrás da outra, repare bem. A gente não pode deixar de pensar que há uma forte ligação entre êles.
- IRACEMA - É, realmente a coisa não está muito fácil de ser decifrada, não.
- CORÁLIA - A única coisa mais provável que eu consigo pensar é a seguinte: o garotinho será filho de titio com alguma moça solteira e esse Larré que manda o dinheiro, deve ser, possivelmente, o pai da moça.
- IRACEMA - Oh, mana, você sabe que a sua inclinação para secreta é uma coisa notável? Pronto. Está decifrada a charada. Só pode ser isto, realmente. A mãe do garoto é solteira, e o avô da criança, para esconder a vergonha da família perante a sociedade, mandou-a para bem longe do Rio, onde ninguém

IRACEMA - (CONTINUAÇÃO) possa ter conhecimento dela.

CORALIA - Mas é preciso ser muito desalmado, para fazer uma coisa destas.

C/REGRA - RUIDO DE PORTA QUE SE ABRE EM 3º PLANO, COM CHAVE.

IRACEMA - Cuidado que o titio vem chegando. Vamos mudar de assunto. (ALTO) Eu passei na dona Clarice para experimentar o vestido, mas êle ainda não está em prova... ela disse que...

L.HENRIQUE - (CHEGANDO) Então como passaram o dia os meus tres amores? (BEIJA AS DUAS, ENQUANTO ELAS PALAM)

CORALIA - Dois eu sei que passaram bem. O garotinho e eu. (BEIJO)

IRACEMA - Eu tambem, felizmente. (BEIJO) Só fiquei triste porque passei na costureira para provar um vestido, quando cheguei o garotinho já estava dormindo. Não pude brincar um pouquinho com êle, como sempre faço.

L.HENRIQUE - Pois eu tambem queria vir um pouco mais cedo, para pegá-lo ainda acordado, mas uns clientes apareceram quasi na hora de sair e eu não tive outro remédio sinão aturá-los. Ele passou bem o dia?

CORALIA - Muito bem, felizmente.

L.HENRIQUE - Bem, então vamos tratar do nosso jantarzinho. Trouxe presunto e queijo.

CORALIA - Ótimo. ~~Então~~ Podemos ir lá para a copa que já está tudo a postos.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM comercial

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

JUSSARA - Então está mesmo resolvido que dona Eugênia vá depois de amanhã para casa? Ouvi dizer que o médico lhe deu licença ontem?

~~PETRONIO~~
~~XXXXXXXX~~ - É exato. Pelo menos foi o que Catarina veio me avisar.

JUSSARA - E aquela ideia que o senhor havia me falado, de me transferir para a casa dela, desempenhando o papel de enfermeira e observadora?

PETRONIO - Por óra ainda vamos deixar tudo como está. Mas tenho a impressão de que não demora muito, a situação estará se alterando.

JUSSARA - Por que? Alguma delas está com a intenção de sair?

PETRONIO - Acho que nenhuma das duas, mas a questão é que elas não se toleram e, a qualquer momento, uma exgota a paciência e cai fora.

JUSSARA - Só se fôr a velha, porque dona Catarina eu não acredito que saia assim, sem mais nem menos. É mulher de afastar os outros, mas nunca de se ~~afastar~~ afastar. Ela não cede assim no mais.

PETRONIO - Não cede, não, é renitente como criança que faz manha. Fica cosinhando... cosinhando... até encher e conseguir o que deseja.

JUSSARA - Eu gostaria de servir lá. Não me atrai muito esta vida de escritório; prefiro as fofocas domésticas. Têm um sabor todo especial, para mim. Estou convencida que eu nasci, mesmo, para espia. É como me sinto bem.

PETRONIO- E eu também gostaria que você fosse para lá, principalmente para observar os movimentos de Catarina.

JUSSARA - (ADMIRADA) De dona Catarina?! Mas por que? Ela não é nossa ~~amiga~~ aliada?

PETRONIO- Até quanto o seu próprio interesse o permita. Em qualquer momento que ela veja possibilidade de ganhar mais, não hesita em trair.

JUSSARA - Nossa! E o senhor já falou isto ~~para~~ a ela?

PETRONIO- Não. E nem vou falar, assim como você também não. Ela deve pensar que eu confio cem por cento na sua lealdade, quando, na verdade, não chego a confiar cinquenta.

JUSSARA - Mas então por que motivo o senhor conserva uma pessoa assim aos seus ser~~vos~~cos? Não seria melhor substituí-la?

PETRONIO- Nesta altura dos acontecimentos já não é mais possível. Estamos tão entrelaçados nas mesmas misérias e nos mesmos crimes, que um não pode livrar-se do outro. Eu devo ser um peso para ela, como ela é para mim.

JUSSARA - É uma situação horrível, realmente.

PETRONIO- O remédio é fazer o que eu disse: botar uma pessoa para espioná-la e essa pessoa será você. Vamos aguardar mais uns dois ou três meses e aí, então, sob qualquer pretexto, você vai para a casa de Eugênia.

JUSSARA - O senhor acha que nesse prazo já estará resolvida a situação entre as duas?

PETRONIO- Tenho a impressão que sim. Por muito teimosas que ambas sejam, uma vai ter que ceder.

JUSSARA - Tomara que não demore muito. Aqui não há ambiente para fofocas. Dona Cláudia quase não fala. Outro dia, nem sei por que cargas d'agua, ela me falou que estava desconfiada que o senhor tinha uma namorada em Diamantina.

PETRONIO - Ela disse isso?

JUSSARA - Disse. Quando eu lhe entreguei aquele recibo do passe, que o senhor mandou

PETRONIO - Ah, sim, sei. Deixa que ela pense isto. É bem melhor.

JUSSARA - Ela disse que gosta muito do senhor. Que lhe tem muita amizade.

PETRONIO- Melhor. Trabalhará com mais prazer e maior fidelidade.

JUSSARA - Eu acho que ela é uma moça quieta, não lhe parece?

PETRONIO - Eu também acho.

JUSSARA - Eu estou admirada dela, até a esta hora, ainda não ter aparecido.

PETRÔNIO - Pediu-me licença para chegar um pouco mais tarde, hoje. Disse-me que estava com necessidade premente de assistir a uma missa e confessar-se.
Deve ter cometido algum pecado.

JUSSARA - Qual é a moça que não comete, com tanto rapaz enxuto solto por este Rio afóra?

PETRONIO - Bem, Jussara, volte para as suas faturas que eu vou começar a trabalhar. E depois Claudia não deve denorar muito mais e não convem que nos encontrem em palestra na sua ausência.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

JERONIMO - Que é que você tem, hoje? Está com a cara mais feia do que nunca!

ELISA - Minha cara é assim mesmo de nascença, e só há uma maneira de modificá-la: é fazendo plástica, mas custa tão caro, que eu prefiro continuar ~~feia~~ como sou.

JERONIMO - Não há necessidade de plástica, para modificar uma fisionomia. Quando as feições são duras, como as suas, um sorriso sempre as torna menos ásperas e agressivas.

ELISA - Eu sou muito sincera nas minha atitudes, Jeronimo. Sorrir sem razão é coisa que não faço. O sorriso, em mim, jamais há de representar outro papel, sinão aquele que lhe é característico; ou seja, eu só terei um sorriso nos lábios, quando sentir verdadeiramente vontade de sorrir. Quando tiver um verdadeiro motivo de satisfação. Ultimamente não tenho tido mais nada que preocupações, aborrecimentos, desconfianças, dúvidas ... como quer você que ainda conserve um sorriso nos lábios? Veja bem que não é possível.

JERONIMO - Mas preocupações, aborrecimentos, desconfianças e dúvidas por que?

ELISA - Ora por que, Jerônimo! Você acha poucas todas essas trapalhadas em que essa mulher o tem metido? Não percebe que, na primeira oportunidade, ela lhe dá um tombo e fica de fora?

JERONIMO - Ora, vamos, Elisa! Então é por causa dela que você se preocupa? Antes que me tenha jogado ao chão, quem terá caído é ela. Por muito forte e astuciosa que ela possa ser, garanto-lhe que eu sou mais.

ELISA - Você pensa que é mais forte, mas já deu provas do contrário, deixando-se convencer, por ela, a matar uma criatura que nunca lhe fez nada.

JERONIMO - E lá vem você, outra vez, bater na mesma tecla, Elisa?

ELISA - Venho. E hei de bater tantas quantas sejam precisas para chamá-lo à razão. Eu não quero que você pratique esse crime, Jerônimo. Não encontro

ELISA - (CONTINUAÇÃO) nenhuma justificativa para ele. Você vai matar, por matar.

JERONIMO - Não senhora. Eu vou matar para ganhar.

ELISA - Disseram que você vai ganhar, mas quanto e quando você nem sabe.

JERONIMO - Não interessa. Desde que eu ganhe.

ELISA - E si não ganhar? Se no fim de tudo fôr iludido?

JERONIMO - É simples. Mato mais uma.

ELISA - Pois é, mata duas e aumenta, apenas, o peso da sua consciência. Jeronimo, você quer me fazer um grande favor?

JERONIMO - Sair do brinquedo?

ELISA - Exato. Você vai ganhar mais do que se ficar, acredite.

JERONIMO - Mas depois que se chegou até aonde eu cheguei, não é mais possível retroceder. Um homem é um homem e palavra é palavra.

ELISA - Jeronimo, eu não quero ser mulher de um assassino, entendeu bem?

JERONIMO - Como é o negócio? Você não quer ser mulher de um assassino?

ELISA - Isto mesmo. Acho que você entendeu perfeitamente o que eu disse.

JERONIMO - Isso é uma ameaça, Elisa?

ELISA - Talvez seja. Agora cabe a você decidir.

JERONIMO - Mas você... você irá denunciar-me si eu ~~xxxxxxx~~ chegar a matar?

ELISA - Denunciá-lo, não. Acho que não teria coragem. Mas separe-me de você, no mesmo dia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, TRADUZINDO GRANDE SURPRESA.

JERONIMO - Elisa, isto é mesmo verdade?

ELISA - Você sabe que nunca fui mulher de mentir para você. Estou dizendo, precisamente, aquilo que tenciono fazer. Agora... cabe a você decidir.

JERONIMO - Está bem. Eu vou pensar. Conversarei, antes, com Catarina e a obrigarei a botar as cartas na mesa. Quero saber, direitinho, o que vou ganhar. Depois... conforme fôr... eu vou ver para onde pende a balança.

ELISA - Então não esqueça de botar do meu lado, a devoção e a lealdade com que servi a você durante tantos anos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE GENAS.

CATARINA - Você quer que lhe diga uma coisa, muito sinceramente, meu caro? Sua mulher está se tornando incômoda para você. Que tolice é esta, agora, de não querer que você limpe o caminho que somos obrigados a passar? Isto é do jogo. A gente tem que se preparar para não perder. Não compreendo nem admito esses fricotes de última hora. E vou lhe dizer mais, hein? Sua mulher vai acabar por lhe dar um prejuízo muito grande, si você não a convencer de, pelo menos, ficar quieta.

JERONIMO - Eu já pensei nisto, também. E principalmente si ela cumprir a ameaça de separar-se de mim, vai me criar uma situação ~~muita~~ de constrangimento e receio muito grandes

CATARINA - Já pensou si ela, pelo despeito de ter sido posta de lado, começar a bater com a língua nos dentes? Vai obrigá-lo a tomar sérias medidas para defender-se. Si ela não estivesse com tão evidente má vontade contra mim eu iria procurar convencê-la, mas temo que só vá complicar ainda mais a situação.

JERONIMO - É, não convem, não. De toda maneira, agora, dona Eugênia já foi para casa e a velha conseguiu escapar da primeira investida. Até que se nos apresente uma segunda oportunidade, nada será feito contra ela, portanto o perigo de uma separação já se torna mais remoto. Vamos deixar rolarem as aguas e depois a gente vê como as coisas param.

CATARINA - Vamos então falar do que serve; não é isto?

JERONIMO - Exato. Quais são as novidades mais próximas?

CATARINA - Você deve embarcar amanhã para Diamantina.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

JERONIMO - O que?! Assim de uma hora para outra?

CATARINA - É claro. Já perdemos muito tempo. Não podemos perder mais.

JERONIMO - Pois bem e qual vai ser a minha missão lá em Diamantina? Poderei saber, agora, ou terei que esperar até à hora de embarcar?

CATARINA - A sua missão em Diamantina vai ser localizar um velhote que se chama Luiz Henrique.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, funde COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO CAPÍTULO.

CAPÍTULO 42º

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

JERONIMO - Quais são as novidades mais próximas?

CATARINA - Você deve embarcar amanhã para Diamantina.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

JERONIMO - O quê?!... Assim, de uma hora para outra?

CATARINA - É claro. Já perdemos muito tempo. Não podemos perder mais.

JERONIMO - Pois bem, e qual vai ser a minha missão lá em Diamantina? Poderei saber agora, ou terei que esperar até à hora de embarcar?

CATARINA - Sua missão em Diamantina vai ser localizar um velhote que se chama Luiz Henrique.

JERONIMO - Um nome, apenas, não é o bastante para se localizar uma pessoa. Preciso de mais dados e mais informações sobre ele. Si é alto, si é ~~magro~~ baixo, si é gordo, si é magro, careca ou cabeludo, si o cabelo é preto ou grisalho, si veste bem, que pito toca... Tudo, enfim, que me possa ajudar a encontrá-lo.

CATARINA - Deixe de falar atôa, que você vai levar um retrato escrito do indivíduo a quem vai procurar. Você pensa que eu sou alguma tonta, alguma idiota, para fazer as coisas no ar? Você levará instruções completas. Até da maneira como dominá-lo, sem que ele esboce qualquer reação.

JERONIMO - Muito bem. E a passagem? E o dinheiro para a hospedagem lá? Para pagar alguém que me auxilie nas buscas, se fôr preciso?

CATARINA - Amanhã, na rodoviária, você receberá tudo isto. Localizado o homem, você me comunicará imediatamente. Aí seguirão as instruções da segunda parte do trabalho. Combinado?

JERONIMO - Certo. E a que horas deverei estar na estação?

CATARINA - Às sete da manhã. Às sete e meia sai o ônibus, mas nós precisamos conversar uns quinze minutos, pelo menos. Lá em casa já deixei tudo arrumado. Vou à missa comungar em ação de graças pelo restabelecimento de dona Eugênia. (RI COM VONTADE)

JERONIMO - E ela ainda fica admirando o seu devotamento e a sua piedade. (RI). Bem então se não tem mais ordens a dar, ~~XXXXXXXXXXXX~~ eu vou andando para casa afim de arrumar a minha mala. Gosto de fazer isto, sempre com bastante antecedência. Inda mais que não devo levar pouca roupa porque não sei o tempo que vou demorar.

CATARINA - Exato. Mas veja lá, hein? Não vá, na última hora, a sua mulher achar que você não deve ir e você me deixar na mão.

JERONIMO - Não tem perigo. Lá em casa quem canta é o galo, não é a galinha.

CATARINA - É, eu também tinha um compadre que dizia isto e estava completamente convencido de que realmente era assim, mas a mulher, muito habilidosa, ia levando o trouxa para onde ela queria.

JERONIMO - Não, mas comigo não tem disto. Elisa toda a vida fez o que eu quis. Podia não estar de acordo com muitas coisas, mas eu determinava que ela ia fazer e ela fazia mesmo, sem discutir. Agora é que, de repente, deu para se insurgir. Não quer que eu mate. Não acha justificativa para o crime consciente.

CATARINA - Como se os que ela pratica não fossem conscientes.

JERONIMO - Ela acha que não são crimes. Considera crime deixar nascer uma criança não desejada, que depois será vergastada, a vida inteira, pela sociedade e maltratada por quem se encarregue de criá-la a trêce de um salário que muitas vezes não dá nem para o leite da infeliz.

CATARINA - Bem, eu espero que você não se deixe subjugar por uma mulher que está claramente demonstrando que tem o miolo mole.

JERONIMO - Pode estar descansada, Catarina. Não tem perigo.

CATARINA - Bem... mesmo porque eu vou lhe dizer uma coisa com toda a franqueza: se tiver algum perigo, conforme a atitude que ela tomar eu vou ser obrigada a me defender.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA. FUNDE COM RUÍDO DE RUA E AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO, QUE FAZEM FUNDO PARA TODA A CENA.

TEREZA - Como é que sente a cabeça? Não está tonta com a luz do sol e o barulho da rua?

EUGENIA - Não, Tereza, não se preocupe que estou muito bem. Não sei se é a satisfação de poder voltar para a minha casa que me dá ânimo, que eu não sinto nada, a não ser um pouco de fraqueza, o que é muito natural.

TEREZA - Meu Deus! Eu nem sei como a senhora pode andar sem ser amparada. Eu estava certa de que uma pessoa ia tar que botá-la e tirá-la do automóvel. Quando a senhora me disse que Catarina não viria comigo, eu cheguei a pensar em ter que ocupar uma outra pessoa.

EUGENIA - Pois Catarina não me apareceu ontem. Nem sei o que houve com ela.

TEREZA - Com certeza esteve arrumando a casa para lhe receber, uma vez que decidi não pisar mais lá, enquanto a senhora não estivesse.

EUGENIA - Sabes que ela agora se converteu? Disse que vai passar a frequentar a igreja e amanhã, ~~xxxxxxxx~~ em ação de graças pela minha volta, vai comungar, acreditas, Tereza?

TEREZA - Não acredito. Essa mulher é uma farsante e enquanto a senhora não se convencer dessa verdade e aceitar as sugestões dela, vai dar muita cabeçada.

EUGENIA - Não pretendo aceitar mais sugestões de Catarina. A que acabei chegou para me escaldar, mas não tenho o direito de duvidar que ela seja sincera no seu arrependimento e procure resgatar sua falta através da igreja.

TEREZA - Lorotas, dona Eugênia, lorotas! Aquela mulher é tão fingida que será capaz de ir à Igreja, receber a sagrada hóstia, e sair dali e apunhalar um.

EUGENIA - (ri, débilmente) Que horror, Tereza, você faz da coitada da Catarina uma fera vestida.

TEREZA - E é mesmo uma fera vestida. Coitada de mim. Se a senhora visse uma vez que ela ficou zangada comigo a fúria que ficou! Tirou-me o telefone das mãos com tal violência, que arrancou o fio. Eu tive que ceder e ficar quieta porque, na minha idade e a mulher naquela brabeza toda, eu só podia apanhar. E o pior é que depois ela ainda seria capaz de convencer a senhora de que foi agredida por mim. Ela tem ódio de mim, ódio! Se um dia eu aparecer morta, na sua casa, pode escrever que foi ela que me mandou matar.

EUGENIA - Mas afinal, por que essa animosidade tão grande entre vocês? Houve qualquer coisa de grave entre as duas?

TEREZA - Divergência de opiniões, apenas isto. Mas ela é uma mulher que está acostumada a comandar e não admite que alguém possa discutir uma ordem dela. E teria muita graça que eu, depois de tantos anos na sua casa, fosse obedecer a uma novata que não tem a metade do senso que eu tenho. Ela entrou lá em casa num dia, velu que a governante era eu e botou o pé atrás comigo. Resolveu que eu seria bômba do menino, apenas e a governante seria ela. E desde então começou a na sa luta. E depois... eu observei muita coisa que me fez desconfiar dela. Não digo nada, por ora, porque ainda não tive uma certeza. Tudo permanece no terreno de desconfiança e é um pecado a gente dar como certas as coisas de que não tem provas. Mas um dia é possível que essas provas apareçam e a senhora vai ver que eu tenho razão em classificá-la de fera vestida. Vamos dar tempo ao tempo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JERONIMO - (ZANGADO) Será possível que você, agora, deu para implicar com todo o

JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) serviço que eu tenho para fazer? Que é que deu em você, mulher? Está ficando biruta, depois de tantos anos? Não é que o diabo, agora, quer se fazer de ermitão?

ELISA - O que eu tive sempre e vejo agora que você não tem, Jerônimo, é a noção do limite. Você já não distingue um pecadinho atoa de um pecado grave.

JERONIMO - Tanto faz um como o outro, desde que o lucro seja compensador. O que nos levou a cometer o pecado não foi o desejo do lucro? Portanto, como tudo é relativo, para se ter um lucro maior tem que se cometer um pecado de maiores proporções. Só isto.

ELISA - Não, Jerônimo. O que nos levou a cometer certos pecados foi a dificuldade de de vida; a falta de emprego para você e de clientes que não fizessem caso da falta do meu diploma, que eu já não cheguei a tirar por dificuldades financeiras. Tinha as despesas diárias de condução, os livros, os cadernos, o uniforme... eu vi que não tinha mais de onde tirar recursos para continuar os estudos e fui obrigada a interrompê-los. Surgiu a primeira oportunidade: um pai aflito pagava dois contos para a filha ficar livre do opróbrio e da vergonha. Devíamos dois meses de aluguel de casa, armazem, açougueiro, padeiro... Eu ainda quiz pensar na proposta, mas para acalmar o seu desespero respondi logo que sim. Aquele dinheiro permitiu-nos um certo desafogo e restaurou o nosso crédito. Mas ele terminou, como tudo termina e recomeçamos a luta anterior. Uma senhora viuva me procurou, por indicação da lá cliente. Cobramos um pouco mais, por sufestão sua.

JERONIMO - Dois contos e quinhentos, que, naquela época, já era algum dinheiro.

ELISA - Algum? O aluguel mensal da nossa casa era dez vezes menos. Daí para diante a viuva nos indicou a uma amiga, esta a outra e nós fizemos, do peccado, profissão. Mas eu encontro uma justificativa: estávamos em absoluta necessidade, quando começamos.

JERONIMO - E depois? Por que continuamos?

ELISA - Porque o hábito acabou por nos fazer encarar normalmente todos os casos que nos apareciam. Não tivemos tempo de pensar no mal a primeira vez e esse é que foi o nosso grande mal.

JERONIMO - Mas se não houvessemos feito o que fizemos, onde estaríamos hoje? Eu na porta de uma igreja, pedindo esmolas e você de cozinheira ou lavadeira numa casa qualquer, maltratada e humilhada.

ELISA - Se tivesse sido este o destino traçado por Deus, para nós, devíamos se

ELISA - (CONTINUAÇÃO) gmi-lo, resignados, sem procurar lutar contra ele utilizando o crime como arma. A luta por meios honestos seria admissível, por ~~meios~~ meios excusos, nunca.

JERONIMO - Bem, mas vamos ao que serve. Você não sabe o que é que eu vou fazer em Diamantina. Portanto, por que essa pressão para que eu não vá e falte à miⁿha palavra?

ELISA - Porque eu tenho certeza que você vai lá para cometer um crime.

JERONIMO - Você agora ficou com essa mania, mulher?

ELISA - Não é mania, não. É certeza, já disse. Mas fique certo de uma coisa: eu não quero abandoná-lo, Jerônimo. Casei-me com muito amor por você e não tenho feito outra coisa, na vida, sinão amá-loe submeter-me a todas as suas vontad^es, mas se eu chegar a saber que você fez precisamente aquilo a que eu mais me oponho... quando você voltar, encontrará a casa vazia.

TÉCNICA - VERGASTADA DE SUSTO, EM ACORDE MUSICAL.

JERONIMO - Você está louca.

ELISA - Não estou louca, não. Estou desesperada. E se ainda lhe resta alguma amizade de por mim e não deseja perder-me... já sabe o que tem a fazer.

TÉCNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

ARABELA - Eu tenho que lhe pedir muitas desculpas, sabendo que o senhor é tão ocupado, de ~~far~~ o fazer vir até aqui, mas como desejava noticias exatas de Eugênia, só mesmo por seu intermédio poderia tê-las. Por isso que lhe mandei pedir que viesse.

CÍCERO - Ora, vamos, dona Arabela! Pedir-me desculpas de que? Então não sabe que uma visitinha à sua casa é sempre um prazer muito vivo para mim?

ARABELA - O senhor é um perfeito cavalheiro, doutor Cícero. Pertence àquela estirpe de homens que hoje já não existem mais. Como era muito mais encantadora a vida no nosso tempo, o senhor também não acha?

CÍCERO - Claro. Havia respeito, havia ilusão, havia o encanto de viver que hoje não há. A mulher era afagada, mimada e tratada pelo homem como se fôse uma flor. Mas ela tinha, realmente, naquela época, a fragilidade da flor. Hoje... hoje as coisas são completamente diferentes. O homem não tem mais a menor consideração pelas moças e nem mesmo pelas senhoras. Estou cansado de ver.

ARABELA - Mas a mulher também é muito culpada do que acontece. Foi ela quem saiu do seu pedestal e veio competir com os homens nas ciências, nas artes, nas letras e até na vida pública do país. O homem começou a tratá-la como de igual para igual.

CICERO - É, talvez essa tenha sido, realmente, a causa de uma transformação tão grande entre as relações delas com eles. Ele passou a ver, na mulher, uma competidora em vez de uma inspiradora.

ARABELA - Exato. Bem, mas afinal eu desviei o curso da conversa e não fiquei sabendo como está dona Eugênia.

CICERO - Agora vai bem, felizmente, mas o susto que me deu não foi pequeno. Houve lá uns três ou quatro dias, que eu cheguei a perder a esperança. Mas também não sei onde ela estava com a cabeça quando se entregou a uma mulher que nem é enfermeira formada. É possível isto, dona Arabela? Diga. É possível isto?

ARABELA - Realmente foi uma temeridade o que ela fez, mas eu estou em lhe dizer que esse negócio foi missa encomendada.

CICERO - Como assim? Não estou entendendo.

ARABELA - Acho que haviam "outras pessoas" interessadas em que a criança não nascesse e trabalharam neste sentido sem aparecer. Compreendeu-me, agora?

CICERO - Sim, sim... compreendi, mas... o empenho que ele mostrou em salvá-la foi tão grande, que a gente fica sem saber bem o que pensar.

ARABELA - Ah, bem, mas ele não quer que ela morra, não. Isso ele realmente não quer. Ou porque a ama, ou porque deseja que ela ainda sofra mais, sei lá... a verdade é que não quer mesmo.

CICERO - É uma pena que tudo isto esteja acontecendo. Duas criaturas boas e que se queriam tanto... de uma hora para outra desmancham o lar e matam a felicidade que os dominava. A gente tem que ficar triste, vendo uma coisa assim.

ARABELA - Ele... ele alguma vez falou no assunto ao senhor?

CICERO - Nunca. Tenho a impressão que ele pensa que eu não sei de nada e eu, por minha vez, finjo mesmo ignorar tudo. E é melhor, porque quando a gente não pode ajudar, não deve se meter.

ARABELA - Isso é mesmo. Eu também nunca devia ter me metido. Nunca! Mas enfim... o que está feito está feito e o que não tem remédio... remediado está.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Hoje à tarde dei uma passadinha rápida por aqui e você não estava.

LEILA - Sabe onde tinha ido? Pagar uma promessa que havia feito em favor de dona Eugênia, por sugestão de Belmira.

RODRIGO - (RINDO) Eu acho graça porque Belmira vai a todas. Tanto manda fazer despatches nos terreiros como promessas nas igrejas. Quer estar bem pelos dois lados e então acende uma vela a Deus e outra ao diabo.

LEILA - Si ela ouvisse você referir-se a ela dessa maneira, ia ficar magoadíssima. E concordemos que com toda a razão, porque a coitada é alucinada por você. Nunca vi coisa igual.

RODRIGO - Eu também gosto de Belmira, você sabe. Apenas acho graça em ver que ela alimenta, com o mesmo fervor, duas crenças diversas.

LEILA - Mas isso muita gente boa faz, não é só ela. Nós temos umas conhecidas que acompanham procissões da Igreja Católica, ~~por promessa~~ por promessa feita nas sessões espíritas. Isso pode?

RODRIGO - Sei lá! Se Deus é um só, como ouço a maioria dizer, deve poder.

LEILA - Mas voltando à dona Eugênia, eu agora vou esperar que ela se refaça um pouquinho mais e qualquer tarde dessas em que Catarina não esteja, vou lá fazer-lhe uma visita.

RODRIGO - E que tem Catarina com você? Vá quando bem entender. Ela não tem nada que ver com isto.

LEILA - É que vocês desconfiam tanto dela, que eu passei também a desconfiar e tenho medo de acirrar o ânimo de seu pai contra nós, procurando sua madrasta. Ah, se não fôsse isto, eu já a teria procurado muitas vezes lá na tal Clínica onde ela esteve. Não fui porque sua avó mesmo achou que não era lá muito conveniente.

RODRIGO - Eu acho que papai já começou a se acalmar e, por conseguinte, começou, também, a ver melhor as coisas. Uma prova disto é o tempo que já passou, desde a sua última investida, sem que ele tenha procurado repeti-la.

LEILA - E tomara que assim continue, porque somente agora é que parece que as dúvidas de mãe começaram a se dissipar.

RODRIGO - Não me diga, Leila! Isto é mesmo verdade?!

LEILA - Ontem chegou a pronunciar o seu nome, coisa que nunca mais fez, desde aquela denúncia injusta de papai.

RODRIGO - Que bom! Você nem sabe a alegria que esta notícia me causa! Espero que você tenha sabido fazer uso da oportunidade, não?

LEILA - Ora, se fiz! Falei tanto sobre você e as suas qualidades que tenho até a impressão de que ela, no fim, deve ter se arrependido da chance que me deu.

RODRIGO - Eu não faço questão de querer ser um anjo. Sou, apenas, um homem. Mas dessa verdadeira turba que anda solta por aí, afianço-lhe que sou um dos melhores. (RIEM OS DOIS COM ALEGRIA E DISPOSIÇÃO)

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Alguma novidade hoje, por aqui?

CLAUDIA - Não, seu Petrônio, nada de maior. Apenas os trabalhos rotineiros.

PETRONIO- Você soube notícias de dona Eugênia, hoje?

CLAUDIA - Telefonei para lá. Disseram que passou muito bem. Que dormiu muito calma e amanheceu mais bem disposta.

PETRONIO- Quem atendeu você? Catarina ou Tereza?

CLAUDIA - Dona Tereza. Eu pedi para falar com dona Catarina, mas ela me disse que dona Catarina tinha ido à missa, cumprir uma promessa e ainda não havia voltado.

PETRONIO- Catarina à missa? Você está bem certa, Cláudia? Não terá se enganado?

CLAUDIA - Não senhor. Eu ouvi muito bem e ainda pedi confirmação. Dona Tereza disse que ela saíra cedo para assistir a uma missa, -afim de cumprir uma promessa e ainda não regressara. Ainda disse mais: acho que não pode demorar muito mais. Se a senhora quiser falar com ela, telefone novamente, dentro de vinte ou trinta minutos. Mas eu já tinha as notícias, não te telefonei.

PETRONIO - Catarina na missa... é estranho, realmente.

CLAUDIA - Desculpe, seu Petrônio, mas estranho por que? O senhor não acha natural uma pessoa ir à missa?

PETRONIO - Uma pessoa qualquer, sim. Catarina, não. Nunca foi católica. Nunca frequentou Igrejas e sou capaz até de lhe dizer eu nunca acreditei em Deus.

CLAUDIA - Não é possível! Poderá haver alguém que não acredite em Deus, seu Petrônio.

PETRONIO - (PRONTO E SEGURO) Há. Asseguro-lhe que há.

CLAUDIA - Que horror! Eu nem posso compreender. É verdade que Jussara, outro dia, me disse que não acreditava, mas em verdade eu é que não acreditei nela. Muitas pessoas usam uma descrença premeditada para se fazerem originais.

PETRONIO - Assim como muitas fingem que creem para se fingirem de piedosas.

CLAUDIA - Isto também é verdade. Mas enfim... cada um é como Deus fez.

PETRONIO- Deus ou o diabo, porque Deus só poderia fazer pessoas boas, logo as que o não são, têm de, por força, ser criação do demônio.

CLAUDIA - Ah, seu Petrônio, com a conversa, ia esquecendo um recado para o senhor: Jussara telefonou, avisando que está febril e não virá hoje ao escritório. Disse que, se melhorar, virá amanhã.

PETRONIO - Está bem, vamos então tratar da vida, já que hoje teremos mais trabalho com a ausência de Jussara.

TÉCNICA - CAMPAINA MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JERONIMO - Bom dia, Irmã. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

I. CARIDADE - Para sempre louvado seja. As suas ordens.

JERONIMO - A Senhora é que é a Irmã Superiora aqui do Asilo Santa Elisabeth?

I. CARIDADE - Eu, sim. Em que poderei servi-lo?

JERONIMO - Irmã, eu necessitava muito de uma informação da senhora, mas precisava que esta informação fôsse absolutamente segura.

I. CARIDADE - Si me for possível...

JERONIMO - É o seguinte, irmã: eu procuro uma criança que foi trazida para este Asilo, aproximadamente há uns três meses, que se chama Luizinho.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL ACOMPANHA AS ÚLTIMA PALAVRAS DE JERONIMO.

I. CARIDADE - (DEPOIS DE PAUSA, PENSANDO) O Luizinho que eu tenho aqui é um pretinho de cinco anos, mas que já está conosco há mais de seis meses.

JERONIMO - Não. Não é esse. O Luizinho que eu procuro é branco, deve estar com quasi dois anos, agora e, no máximo, fará três meses que, segundo informações obtidas, foi trazido a esta casa.

I. CARIDADE - Quem sabe se o senhor me desse os traços da mãe... ou da pessoa que o trouxe... eu conseguiria me lembrar?

JERONIMO - Ele não foi trazido nem pelo pai e nem pela mãe. Foi trazido por um velhote de meia idade, gorducho, quasi totalmente calvo e que se chama Luiz Henrique.

I. CARIDADE - Já sei. Lembrei-me agora. Estive realmente aqui, há uns tres meses, um velhote com uma criança de pouco mais de um ano, propondo-se a pagar para que nós ficássemos com ela aqui. Expliquei-lhe que a idade mínima que recebiamos era cinco anos e não podia ficar com o menino. Ele não está conosco.

JERONIMO - E a senhora, por acaso, não saberá me dizer para onde eles foram?

I. CARIDADE - Sei.

TECNICA - ACORDE QUE DE IMPRESSÃO VIVA DE ALEGRIA IMENSA.

JERONIMO - Sabe? Então por favor... Eu preciso imensamente saber o paradeiro dessa criança!

TECNICA - ENTRA COM CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO ~~EXER~~ CAPITULO

43º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

JERONIMO - A criança que procuro foi trazida por um velhote de meia idade, gorducho, quasi totalmente calvo e que se chama Luiz Henrique.

I. CARIDADE - Já sei. Lembro-me agora. Esteve realmente aqui, ha uns três mezes, um velhote com uma criança de pouco mais de um ano, propondo-se a pagar para que nós ficássemos com ela aqui. Expliquei-lhe que a idade mínima que recebiamos era cinco anos e não podia ficar com o menino. Ele não está comnosco.

JERONIMO - E a senhora, por acaso, não saberá me dizer para onde eles foram?

I. CARIDADE - Sei.

TÉCNICA - ACORDE QUE DE IMPRESSÃO VIVA DE ALEGRIA IMENSA.

JERONIMO - (ANCIOSO) Sabe? Então por favor... Eu preciso, imensamente, saber o paradeiro dessa criança!

I. CARIDADE - Eu mesma inculquei-lhe a casa onde o referido senhor poderia levá-la.

JERONIMO - E que casa é essa? A senhora poderá me dizer?

I. CARIDADE - Não é aqui. É em Goiás. Mas para lhe dar o endereço exato, eu precisaria, antes, conversar com a Irmã Maria do Amparo que, justamente, veio de lá o mês passado. O senhor poderia voltar aqui esta tarde, ^{depois das} ~~dezesseis~~ dezeseite horas?

JERONIMO - Por que? Irmã Maria do Amparo não se encontra no Asilo, agora?

I. CARIDADE - Não senhor. Ela hoje foi encarregada da coleta de auxilios, na rua, e só voltará antes da oração da tarde.

JERONIMO - Que lástima! São horas preciosas as que vou perder esperando.

I. CARIDADE - Eu compreendo e tambem lastimo, mas infelizmente não posso fazer nada. Nem sequer posso dizer ao senhor onde ela está, porque fica andando, batendo de porta em porta e não tem um itinerário certo, entende?

JERONIMO - Sim, sim, entendo, a senhora não pode mesmo fazer nada. Então eu farei o que a senhora disse. Às dezeseite horas voltarei aqui, para falar com Irmã Maria do Amparo.

I. CARIDADE - Não será preciso procurar por ela. O senhor pode falar comigo mesma que eu já terei os dados para lhe fornecer. Aliás a casa parece que é "Lar da criança Desamparada", mas é um pouco retirada da cidade, como esta aqui, e eu não sei a rua nem o número.

JERONIMO - É, eu volto às dezeseite horas e procuro a senhora. Muito obrigado, Irmã

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) com uma pessoa ventilada, moderna, inteligente... no entanto agora... francamente, você desnorteia a gente, Elisa. Como pode ser tão desparelha?

ELISA - Você nunca amou; não é verdade?

CATARINA - Como pode saber?

ELISA - Vê-se, logo, que a senhora não é do tipo de mulher que possa se dedicar a alguém. É interesseira, calculista e fria. Uma pessoa assim, não pode admitir que alguém se perca ou se redima por amor. E é justamente este o fenômeno que está acontecendo comigo: eu me perdi por amor e por amor procuro me redimir, oferecendo a minha renúncia pela salvação do meu marido.

CATARINA - Todas essas sandices que você está dizendo, ficariam bem, ou pelo menos seriam admissíveis e toleráveis, na boca de uma mocinha ingênua, amorosa e tola que, quando ama, se convence que a lua é quadrada, mas ditas por uma mulher quasi velha, chegam a ficar cômicas de tão ridículas. Sabe que você já estava em idade de ter juízo?

ELISA - Também acho e por isso, justamente, comecei a me modificar e a tentar a modificação de meu marido.

CATARINA - O que não vai conseguir porque, para isto, terá, primeiro, que derrubar-me.

ELISA - Ah é? Pois então saiba que, se for preciso, eu a derrubarei.

CATARINA - Vamos ver. Talvez você caia muito primeiro.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA MUDANÇA DE CENA.

EUGENIA - Catarina já voltou da Igreja, Tereza?

TEREZA - Acho que não. Pelo menos há pouco eu estive lá dentro e ela não tinha voltado.

EUGENIA - É extraordinária a conversão de Catarina; você não acha, Tereza?

TEREZA - Não acho porque não acredito nela. Ela pode convencer a todo mundo, menos a mim.

EUGENIA - Mas então o que é que você acha que ela vai fazer, todas as tardes, na Igreja?

TEREZA - E quem é que garante à senhora que ela vá, realmente, à Igreja?

EUGENIA - Mas se não vai lá, onde é que vai? E fazer o quê?

TEREZA - Não sei e nem me interessa saber, mas se um dia eu me dispusesse a deixar a senhora sósinha e sair a espioná-la, garanto que teria o que lhe contar na volta.

EUGENIA - Credo, Tereza, uma mulher na idade de Catarina, você acha que sairia para se divertir, digamos?

TEREZA - Não sei, dona Eugênia. Só sei que pode ser para ir à Igreja, mas também pode não ser.

EUGENIA - Mas neste caso, ela não deveria pegar logo a Igreja para utilizar como desculpa. Há tantas outras coisas que lhe poderiam servir...

TEREZA - Mas é que a Igreja é justamente a mais convincente de todas. A que mais comove... a que mais enternece... a que mais influi sobre o nosso espírito para desculpar as demoras. Pode-se esticar o sermão do Padre ao tempo que se fizer necessário.

EUGENIA - Deus do Céu! Como você se lembra de tudo, criatura!

TEREZA - Claro! Quando fui mocinha, muitas vezes fiz isto. Ia para a praça conversar com os namorados e convencia a mãe que estava fazendo uma novena. E quando me atarraxava mais um pouco, na hora da volta, a desculpa era, sempre, o sermão do Padre Cristiano. Inda me fingia muito enfezada contra o coitado.

EUGENIA - (RINDO, DISCREETAMENTE) Você fazia isso, Tereza?

TEREZA - Fazia. E com certeza você também fazia, porque quasi todas as moças fazem.

EUGENIA - Pois então, se quasi todas ^{fazem} ~~fazem~~, não há muito o que reparar em Catarina, coitada!

TEREZA - Quasi todas as "moças". Veja bem que estamos falando em "moças".

EUGENIA - Mas Catarina não pode se dizer que seja propriamente uma velha. É uma coisinha, como os moços classificam hoje as pessoas de meia idade.

TEREZA - Pois é, mas deixou de ser moça, ô (Estala os dedos) há bem uns quinze ou vinte anos e isto mesmo classificando como moças as pessoas de quarenta anos.

C/REGRA - RUIDO DE CHAVE NA PORTA EM 3º PLANO.

TEREZA - Bem, vamos mudar de assunto que parece que a fera chegou e eu estou proibida pela senhora de brigar com ela.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

ARABELA - Eu estou muito preocupada com esta visita que Leila pensa fazer a Eugênia, você sabe?

RODRIGO - Por quê, Vóvó?

ARABELA - Porque acho que seu pai vai logo saber e abrirá, imediatamente, as hostilidades contra você.

RODRIGO - Eu já transmiti meus temores a Leila, ela acha que não acontecerá nada e que o seu dever é procurar minha madrinha.

- ARABELA - Acho que ela poderia, por precaução, comunicar-se com Eugênia pelo telefone e explicar-lhe os motivos de sua ausência. Eugênia, melhor do que ninguém, seria capaz de compreender.
- RODRIGO - Eu acho vou falar a ela outra vez. Vou tentar convencê-la novamente.
- ARABELA - Mas não diga que o faz por insistência minha. Ela pode não gostar. Pode achar, com justa razão, que eu não tenho nada que me envolver com a vida dela.
- RODRIGO - Eu também não posso fazer grande oposição ao seu projeto, porque tenho sempre receio de que ela desconfie dos meus temores e acabe se convencendo de que eu temo porque devo, entende?
- ARABELA - É, a situação é realmente delicada, mas também ver-se uma pessoa caminhar, espontaneamente, para o perigo, sem tentar desviá-la, parece-me que não é justo.
- RODRIGO - Pode ser que si ela telefonar para dona Eugênia, esta mesma consiga alertá-la.
- ARABELA - Seria o melhor de tudo. Talvez si eu falasse a Eugênia para dispensar Leila da visita... sim, sim... é isto que vou fazer.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL
- TÉCNICA - MUSICA PARA INICIO DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.
- LEILA - É dona Eugênia que está falando?
- TEREZA - (FILTRO) Não, é Tereza. Quem fala aí?
- LEILA - Aqui fala Leila, a noiva de Rodrigo, Tereza. Como vai você?
- (FILTRO)
- TEREZA - Bem, obrigada e a senhora como vai, dona Leila.
- LEILA - Felizmente bem, muito obrigada. Eu podia falar com dona Eugênia?
- TEREZA - (FILTRO) Pode, sim senhora. Ela está aqui bem perto.
- LEILA - Obrigada, Tereza. Um abraço, para você.
- (FILTRO)
- TEREZA - Muito obrigada. Ojhe, dona Eugênia está aqui.
- EUGENIA - (FILTRO) Alô, Leila, como vai você, está boazinha?
- LEILA - Felizmente bem. E a senhora, já se sente mais forte?
- (FILTRO)
- EUGENIA - Agora estou melhorando bem, graças a Deus!
- LEILA - Pois eu telefonei, porque estava pretendendo fazer-lhe uma visitinha. Não fui lá na Clínica, porque me disseram que a senhora não recebia...
- (FILTRO)
- EUGENIA - É, de fato o médico não deixava ninguém entrar no quarto.
- LEILA - Por isso eu estava justamente à espera de que a senhora fosse para casa, para ir procurá-la.

EUGENIA - (FILTRO) Leila você nem sabe como me enternece a delicadeza do seu gesto, mas eu quero dizer ^{-lhe uma coisa} ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ que talvez você não tenha se lembrado.

LEILA - Lembrei-me, sim. Que o senhor Petrónio pode saber, desagradar-se do fato e voltar a perseguir-nos; não é isto?

EUGENIA - (FILTRO) Exatamente. Você não pode se arriscar e arriscar Rodrigo, minha querida. Petrónio revelou-se um homem muito vingativo e eu vou ficar muito triste se acontecer mais alguma coisa a vocês por minha causa. Eu recebo a sua visita pelo telefone. Não venha. Infelizmente, Petrónio levantou, entre nós, uma barreira que talvez um dia caia, mas que, no momento, continua de pé.

LEILA - Bem, se a senhora tem assim tanto receio, eu também não quero preocupá-la. Far-lhe-ei, de vez em quando, uma visita pelo telefone até que caia a tal barreira que a senhora falou.

EUGENIA - E ela cairá, pode estar certa. Talvez demore um pouco, mas cairá. Tenho certeza absoluta, principalmente ~~porque~~ porque sei, na minha fé, que Deus não poderia assistir de braços cruzados uma injustiça como a que estou sofrendo!

TRONICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

CATARINA - Por que motivo você não quer mostrar-me a carta de seu marido, vamos?

ELISA - Simplesmente porque ela é apenas para mim e eu não tenho nenhuma obrigação de mostrar a outros.

CATARINA - Mas é impossível que ele não me mande algum recado nessa carta. É impossível.

ELISA - Pois o impossível acontece e ele não manda recado algum.

CATARINA - É mentira. Deixe-me ver a carta.

ELISA - Já disse que não deixo. Não tenho nenhuma obrigação de lhe mostrar a carta de meu marido, repito.

CATARINA - Elisa, você pode se arrepender, Elisa.

ELISA - Não costumo me arrepender das coisas que faço mal, quanto mais das que faço bem.

CATARINA - Quer dizer que você não quer me mostrar a carta?

ELISA - Não quero.

CATARINA - Não vai mesmo mostrar?

ELISA - Não vou.

CATARINA - Está bem. Um dia, que não estará muito longe, você vai se arrepender do que está me fazendo.

ELISA - Eu já lhe disse que não costumo me arrepender de nada que faço.

CATARINA - Está bem. Não vou discutir mais com você. E também vou embora e não voltarei mais aqui.

ELISA - É um favor.

CATARINA - Mas prepare-se para enfrentar seu marido, o dia que ele voltar.

ELISA - Eu não me assusto de caretas.

CATARINA - Porque já está acostumada com a sua.

ELISA - E com a sua também.

CATRINA - Ora viva, sua malcriada!

C/RECURA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASIAM FORTES E PORTA QUE BATE TAMBEM FORTE EM SEGURO PLANO.

ELISA - Essa é muito boa! E ela ainda me chama de malcriada.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

PETRONIO - Senhorita Claudia, eu vou precisar de um grande favor seu.

CLAUDIA - Como não, seu Petrônio? Estou inteiramente às suas ordens.

PETRONIO - Quero fazer uma brincadeira com a minha futura nora e preciso que ela seja feita por uma voz inteiramente desconhecida por ela. Ao mesmo tempo preciso de uma pessoa de confiança e que guarde absoluto sigilo do que aqui vai dizer, para não inutilizar a brincadeira, compreende?

CLAUDIA - (DESCONFIADA) Estou compreendendo, seu Petrônio.

PETRONIO - Então eu vou fazer a ligação e a senhorita vai falar com ela como se fosse uma pequena a quem meu filho deve casamento, entende?

CLAUDIA - Mas isso é uma coisa muito séria de se fazer, seu Petrônio. Si ela um dia chegar a saber que fui eu, será capaz de não odiar-me pelo resto da vida.

PETRONIO - Mas como irá saber? Só se a senhorita disser, porque eu é que não vou dizer e estragar a própria brincadeira. (PAUSA) E então? Não disse que estava inteiramente às minhas ordens?

CLAUDIA - Bem... eu disse, mas... o senhor compreende... ainda que seja uma brincadeira, a coitada vai sofrer e é isto que me constrange.

PETRONIO - Negasse, então a fazer-me o favor que lhe pedi?

CLAUDIA - Não, seu Petrônio, eu não me nego, mas lhe pediria que o senhor me concedesse algum tempo para considerar as coisas. Há necessidade de ser hoje? Não pode ser - digamos - amanhã? Eu teria a noite toda para pensar.

PETRONIO - Está bem, deixaremos a brincadeira para amanhã, então. Mesmo agora eu preciso sair que tenho um negócio urgente.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

CLAUDIA - (DEPOIS DE PAUSA) Brin/cadeira, hein? Será que ele pensa que eu sou tola? Nem posso crer. Com certeza ele esperava ^o a minha adesão na sua campanha contra o filho. Deve ter percebido que ~~eu~~ gostei de Rodrigo e imaginou que eu sentiria prazer em massacrar sua noiva. Mas isso seria mesquinhez de minha parte e eu não sou mesquinha. É ~~provável~~ ^{provável} que eu perca o meu emprego, isto sim, mas talvez seja possível dar-se um jeito e acomodar-se as coisas. Eu ainda tenho até amanhã para pensar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

I,CARIDADE - Ah, é o senhor? Desculpe se o fiz esperar tanto tempo, mas o senhor não quiz mandar o recado...

JERONIMO - Pois é, não quiz porque precisava falar pessoalmente com a senhora e fiquei na dúvida se a senhora ainda se lembraria de mim. Falamos apenas uma vez e tão rapidamente...

I,CARIDADE - Mas eu tenho muito boa memória. Quer ver? Foi o senhor que esteve aqui a semana passada, procurando um garotinho chamado Luiz.

JERONIMO - Exatamente. E a senhora me informou que ele estaria numa casa de carida-
de em Goiás. Pois sabe que por lá não o encontrei?

I,CARIDADE - O senhor procurou bem?

JERONIMO - Vasculhei todas as casas do gênero. Digo-lhe mais: nem o velhote esteve lá, porque ninguém se lembra dele.

I,CARIDADE - Então talvez tivesse mudado de ideia e tomado outro caminho.

JERONIMO - Ou ficado por aqui, o que também não é improvável. A senhora quer me ajudar a encontrar essa criança? Seria um grande bem que ~~xxxxxxx~~ iria pre-
tar a ela. A senhora é daqui, conhece todo mundo... tem mais facilidade do que eu. Vai perguntando a um... vai perguntando a outro...

I,CARIDADE - Posso fazer isto. Não me custa nada. Como é que poderei avisar ao se-
nhor, qualquer notícia que tenha?

JERONIMO - É simples. Eu lhe deixarei o meu cartão com o endereço. (PAUSA) Aqui o
tem. Se por acaso souber de alguma coisa basta me telefonar que eu virei
em seguida procurá-la.

I,CARIDADE - Perfeitamente. Estamos entendidos. Si souber qualquer coisa, eu telefo-
narei.

JERONIMO - Acredite que não vai se arrepender. Receberá um substancial auxílio em
favor da casa de caridade que dirige.

I. CARIDADE - E estamos bem precisadas de auxílio, acredite.

JERONIMO - Então, irmã, até qualquer dia e louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

I. CARIDADE - Para sempre louvado seja.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Recebi carta de seu marido e, ao contrário do que a senhora fez, vim trazer-lhe notícias dele.

ELISA - Sente-se.

CATARINA - Obrigada. Quer me dar um copo com água? Estou morrendo de sede.

ELISA - Um momento. Prefere gelada, ou fora do gelo?

CATARINA - Gelada. E se não fosse muita exigência de minha parte, pediria que trouxesse a garrafa, porque penso que vou tomar mais de um copo. Comi um peixe muito salgado, hoje, no almoço e agora bebo água até não poder mais.

ELISA - Um momento.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. GELADEIRA ABRINDO E FECHANDO EM 3º PLANO. PASSOS QUE RETORNAM.

CATARINA - (MEIA VOZ, ENQUANTO OS BARULHOS SE PROCESSAM) Preciso ter o pé bem aqui à mão. Tomo o primeiro copo e, no primeiro descuido dela, enveneno o resto. (PAUSA. ALTO, JÁ QUANDO ELISA VEM VOLTANDO) Está calor hoje, não acha?

ELISA - Está, sim. Acho que também por isto, eu tenho bebido muita água hoje.

CATARINA - (CONTEnte) Ótimo!

ELISA - Como?!

CATARINA - (CORRIGINDO) Ótimo que vou tomar uma água gelada. Estava louca de sede.

C/REGRA - RUÍDO DE SERVIR ÁGUA NUM COPO EM 1º PLANO. TELEFONE TOCA, EM SEGUNDA, E EM 2º PLANO.

ELISA - Sirva-se, enquanto eu vou atender o telefone.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. RUÍDO DE TIRAR O FONE DO GANCHO EM SEGUNDO PLANO. ELISA FICA INSISTENDO NO ALTO E DEPOIS DA FALA SEGUINTE, DESLIGA.

CATARINA - Eu não digo que o diabo sempre me ajuda nas horas que preciso?

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

ELISA - (VINDO) Não era ninguém.

CATARINA - Era o diabo. Ele às vezes faz estas coisas.

ELISA - Vou tomar um copo de água que também estou com sede.

CATARINA - Agora, então, eu estou convencida de que era mesmo o diabo.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ODIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO CRAMER -

442 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

C/REGRA - RUIDO DE SERVIR AGUA NUM COPO EM 1º PLANO. TELEFONE, JEM SEGUIDA, TOCA EM 2º PLANO.

ELISA - Sirva-se, enquanto vou atender o telefone.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM/ RUIDO DE TIRAR FONE DO GANCHO EM 2º PLANO. ELISA FICA INSISTINDO NO "AIÓ!" E DEPOIS DA FALA SEGUINTE DESLIGA.

CATARINA - (MEIA VOZ) Eu não digo que o diabo sempre me ajuda nas horas que preciso

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

ELISA - (VINDO) Não era ninguém.

CATARINA - Era o diabo. Ele às vezes faz estas coisas.

ELISA - Vou tomar um copo d'agua que tambem estou com sede.

CATARINA - Agora, então é que eu estou convencida de que era mesmo o diabo!...

C/REGRA - RUIDO DE SERVIR UM COPO D'AGUA.

ELISA - (DEPOIS DE BEBER A AGUA) Mas afinal, que noticias a senhora me traz do meu marido?

CATARINA - Pois ainda não podemos conversar direito... Ele parece que vai lhe fazer a vontade. Diz que está tendo muita dificuldade em localizar uma determinada pessoa e que se não conseguir isto até o fim da semana, desistirá da empreitada e embarcará logo de volta.

ELISA - Ainda bem. Eu acho que foi de tanto pedir a Deus que o protegesse que Ele acabou me ouvindo.

CATARINA - Pois é, mas Deus foi olhar para ele e se esqueceu de você.

ELISA - Como?! Per que?! O que é que a senhora quer dizer com isto?

CATARINA - (REMENDANDO) Bem... quer dizer... É claro que ele desistindo da empreitada, deixa de ganhar. E ele deixando de ganhar... você tambem não ganha.

ELISA - Mas eu prefiro não ganhar, a Jeronimo fazer certas coisas.

CATARINA - É... são pontos de vista.

ELISA - Que coisa extranha. A agua que tomei, em vez de me matar a sede, deixou-me com a boca seca.

CATARINA - Comigo tambem aconteceu o mesmo. Tome mais um pouco. Pode ser que não tenha sido suficiente a que beben.

C/REGRA - RUIDO DE BOTAR AGUA NO COPO.

ELISA - E você? Não quer tomar mais um pouco tambem?

CATARINA - Dequi a pouco. Eu prefiro tomar menos agua, para não engor^{dar} muito.

ELISA - (DEPOIS DE PAUSA) Quer dizer que até sábado Jeronimo continua a insistir na missão, domingo deverá embarcar de volta?

CATARINA - Domingo ou segunda. De qualquer forma, o mais tardar terça feira próxima ele deve estar aqui de volta. É pena que vai chegar tarde.

ELISA - Como, assim? Tarde por que?

CATARINA - Bem... eu quero dizer... quero dizer que ele não vai poder chegar cedo. Antes de tres ou quatro horas da madrugada não terá chegado.

ELISA - Não faz mal. Desde que chegue... é tudo que desejo.

CATARINA - Engraçado que você, de uma hora para outra, deu para fazer a puritana. Por que, Elisa? Você, que toda vida fez coisas erradas, de repente deu para se fazer de censora das outras? Que aconteceu? Vamos, diga.

ELISA - Se toda vida fiz o que fiz, foi por insistência de Jerônimo, porque nem mesmo quando tínhamos dificuldade de vida eu desejei enveredar por esse rumo. Ele que insistiu e acabou me convencendo. Mas nunca passamos dos limites que a senhora sabe. Muitas vezes eu... (CORTA BRUSCAMENTE E GEME UM AI)

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL SECA.

CATARINA - Que foi? Sentiu alguma dor?

ELISA - É uma coisa... uma coisa tão estranha... parece... parece que tudo... me queima e repuxa... por dentro...

C/REGRA - RUÍDO DE BOTAR ÁGUA NO COPO.

CATARINA - Tome mais um pouco d'água. Pode ser que lhe faça bem. (PAUSA PARA TOMAR A ÁGUA) Você não tem nenhum digestivo em casa? Pode ser uma perturbação de digestão.

ELISA - Foi tudo... tão de repente... Agora... agora sinto a cabeça rodando... cada vez mais pesada... E por dentro... por dentro parece que está tudo... em fogo... queimando... queimando...

CATARINA - Quer que chame um médico? Talvez tenha algum... aqui perto...

ELISA - (JÁ COM DIFICULDADE) Sim... sim... quero... já não posso engolir... nem a saliva... Parece... que os músculos... estão... ficando rijos...

CATARINA - Eu vou procurar um médico aqui por perto e volto já.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 3º PLANO.

ELISA - Não... não... não posso... ~~minha~~ mais... Estou... ficando... toda... gelada... minhas mãos... já não... têm... tato... Eu... sufoco...

C/REGRA - RUÍDO DA QUEDA DE UM CORPO LEVANDO BANDEJA, JARRA, COPOS, CADEIRA E ETC.

ELISA - (DÁ UM GEMIDO FORTE, QUANDO CAI)

TÉCNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL DRAMÁTICA, FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

PETRONIO - E então? Pensou bem no pedido que lhe fiz? Resolveu alguma coisa, ou quer ainda mais algum tempo para pensar?

CLAUDIA - Não é preciso, seu Petrônio. Pensei bem e estou completamente resolvida.

PETRONIO - Resolvida a que? A auxiliar-me ou a negar-me o seu auxílio?

CLAUDIA - A auxiliá-lo, é claro. Pois não sou sua secretária? Como poderia negar-lhe auxílio?

PETRONIO - Bem, mas o que eu lhe pedi para fazer, não faz parte do nosso contrato de trabalho. Assim sendo, a senhorita não tem nenhuma obrigação de fazer e está no seu direito de negar-se.

CLAUDIA - Mas o senhor ficaria aborrecido comigo, si eu não fizesse, não ficaria?

PETRONIO - Não tinha o direito de ficar, mas talvez, intimamente, guardasse algum ressentimento contra a senhorita.

CLAUDIA - Foi o que pensei. E como não desejo que o senhor guarde qualquer ressentimento contra mim, estou às suas ordens.

PETRONIO - Pois bem, então vou lhe dar as instruções a respeito. A senhorita vai pedir para falar com Leila, sob o pretexto de ser uma sua antiga colega que estava fora e acabou de chegar. Si for preciso inventar um nome, invente-o, porque ela não há de se lembrar do nome de todas as suas ex-colegas. Quando ela estiver no telefone, você então vai dizer que inventou a história ~~xxxxxxxxxxxx~~ para poder atraí-la ao aparelho mas que a verdade é que você é rival e não colega. Ai diz que está esperando um filho dele e pede a ela que se afaste para não obrigar você a matar seu filho e morrer, porque si ele não cumprir a promessa que lhe fez que você se correrá ao suicídio. Entendeu bem?

CLAUDIA - Entendi, sim senhor. Pode deixar que eu sei como farei a coisa.

PETRONIO - Eu vou fazer a ligação aqui e depois, da extensão, vou ouvir a conversa de vocês.

CLAUDIA - Pode fazer.

C/REGRA - DISCA SEIS NÚMEROS. QUANDO ESTÁ NO QUARTO OU QUINTO...

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

L.HENRIQUE - Como está o garoto, de resfriado?

CORÁLIA - Felizmente bem melhor, depois que lhe fiz a fricção de álcool no peitinho. Parece que soltou um pouco a catarreira e ele conseguiu ficar sem ~~xxxx~~ tossir. De momento está dormindo muito tranquilamente.

L.HENRIQUE - Quando você me disse que achava que ele estava com febre, tratei logo de comprar um termômetro. Aqui está. Si ele tiver febre, não vamos espe

L.HENRIQUE - (CONTINUAÇÃO) rar muito tempo. Vamos, logo, tratar de chamar o médico, para evitar futuras complicações.

CORÁLIA - Acho que não convem acordá-lo, para botar o termômetro. O melhor é ~~esperar~~ esperar que ele se acorde naturalmente. Aí a gente vê.

IRACEMA - Eu também fiquei tão afobada com o resfriado do Luizinho, que até pedi licença para vir mais cedo pra casa, com receio que a mana pudesse precisar de mim.

CORÁLIA - E precisei, realmente, porque/ enquanto você ficou de plantão perto dele, eu aproveitei para passar a ferro umas roupinhas que vão ser precisas hoje ou amanhã.

L.HENRIQUE - Parece até mentira como um pimpelho destes revoluciona toda uma casa, fazendo com que todos os seus moradores alterem seu ritmo de vida.

CORÁLIA - Isso mesmo eu estava pensando, depois que vi Iracema chegar mais cedo do trabalho.

IRACEMA - Em verdade ele alterou completamente o ritmo de nossas vidas, mas, por outro lado, foi como um raio de sol que tivesse brilhado num céu sombrio e cinzento, dando vida e calorido ao sempre igual de nossas vidas vazias, e sem objetivo. Ao menos, agora, sabemos que temos uma missão a cumprir. Alguem que precisa de nós. Alguem para quem trabalhamos e que serve de motivo para desejarmos viver e melhorar.

CORÁLIA - Isto também é verdade. Hoje, por exemplo, foi um dia atribulado. De muito trabalho, muita correria, muita preocupação. Mas se não tivesse nada disto, teria passado a tarde toda olhando o relógio andar lentamente e ouvindo o seu tic-tac enervante, até que Iracema chegasse e eu tivesse com quem trocar uma ideia qualquer. Por isso, tio Luiz Henrique agradeço todos os dias, a Deus, a graça que me concedeu pelas suas mãos.

L.HENRIQUE - O pior de tudo é que a gente não quer se prender e cada vez vai se sentindo mais preso, por mais resistência que ofereça à prisão.

IRACEMA - Eu como não ofereci resistência nenhuma... Para que? Sabia que era inútil e que acabaria fatalmente presa, então entreguei-me logo. Poupei trabalho a mim mesma.

CORÁLIA - Bem, vocês fiquem conversando aí que eu vou dar uma espiada no garotinho si ele estiver acordado, eu já aproveito para botar o termômetro.

L.HENRIQUE - Convem desinfetá-lo, antes, no álcool.

CORÁLIA - Eu sei. Termômetro novo não se usa sem desinfetar.

O/REGRA - PASSOS DE CORÁLIA QUE SE ARRASTAM E SE PERDEM.

RODRIGO - Foi o que eu disse. Mas ela vai telefonar outra vez. Não vai ficar só na primeira investida, não.

ARABELA - Pois é, mas até que ela volte, ou até que tudo se esclareça, a pobresinha está sofrendo e você se preocupando.

RODRIGO - Que vai se fazer? É mais um tributo que deveremos pagar pela conquista da nossa felicidade. Dizem que sempre se dá maior apreço às coisas que são conseguidas com dificuldade...

ARABELA - Claro, é uma coisa sabida, mas que não deixa de ser incômoda. É sempre melhor quando corre tudo direitinho, sem tropêços e sem percalços. Mas, desgraçadamente, com Petrônio pela frente, vocês ainda vão ter muitos tropeços e muitos percalços.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS OBRAS.

CATARINA - A senhora viu que coisa horrrosa aconteceu com Elisa?

EUGENIA - Que Elisa? Não sei quem é.

CATARINA - Como não sabe? Aquela enfermeira casada com Jerônimo, que lhe atendeu...

EUGENIA - (CORTA) Ah, sim, sim... sei quem é. Não me lembrava que ela se chamava Elisa. Que houve com ela?

CATARINA - Pois o carteiro foi lá entregar uma carta e depois de bater algum tempo na campainha, diz o jornal que ele percebeu que a porta da frente estava sem chave. Abriu, chamou por ela, ninguém respondeu. Ele foi chamando e foi entrando. Aí é que eu achei ~~uma~~ ruína. Ele não tinha nada que entrar; a senhora não acha?

EUGENIA - É, de fato não devia, mas conte o ~~meu~~ caso.

CATARINA - Quando chegou na sala de jantar, Elisa estava caída, morta ^{junto} ~~ao lado~~ de uma jarra e um copo servido. A jarra estava quebrada e o copo também, mas havia um resto da água que foi examinada e revelou forte dose de veneno. Acreditam que ela tenha se suicidado.

EUGENIA - Coitada! Que coisa horrível! E o marido? Não estava em casa?

CATARINA - Diz o jornal que ele estava ausente há alguns dias e que não podiam mandar avisá-lo por ignorarem o seu paradeiro.

EUGENIA - Então é bem capaz que ele a tenha abandonado e ela tenha, realmente, se suicidado. Não encontraram nenhuma carta, nenhum bilhete, nada que esclarecesse a situação?

CATARINA - Parece que não, ao contrário o jornal teria dito, não é mesmo?

EUGENIA - Coitada! Podia ser boa criatura. Não me cabe o direito de julgá-la. Mas poucas ^{pessoas} ~~criaturas~~ conheci tão secas e tão pouco simpáticas como ela.

CATARINA - Era muito feia. Ele mesmo dizia. Nem sei porque Jeronimo teria se casa do com ela. Se fôsse rica, a gente ainda poderia compreender. Por dinheiro se faz tudo.

EUGENIA - Credo, Catarina!... Que teoria é essa?

CATARINA - Bem... quer dizer.... eu disse se faz, de um modo geral. Eu, é claro, não seria capaz nem de casar por dinheiro, quanto mais fazer outras coisas, mas o que se vê, geralmente, são casamentos... crimes... desquites... tudo por dinheiro.

EUGENIA - E Jerônimo por onde andará, nesta altura dos acontecimentos?

CATARINA - Com certeza sumiu. Vai ver que a senhora é que tem razão. Ele a abandonou e ela, desesperada, recorreu ao suicídio.

EUGENIA - Vou rezar por ela, hoje às seis horas, para que Deus dê paz à sua alma.

CATARINA - Eu também quero fazer isto. Quando a senhora for rezar, me chame.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Você tem qualquer coisa hoje, Iracema. O que é? Aconteceu alguma coisa lá no serviço?

IRACEMA - Aconteceu e eu não ia dizer a você, mas acho melhor que estejamos ambas prevenidas.

CORÁLIA - Conte logo que eu já estou aflita, mana. Que houve com você?

IRACEMA - O que houve não foi propriamente comigo e, se me atingir, muito mais irá atingir a você.

CORÁLIA - Diga logo, por favor! Não fique fazendo rodeios que é muito piôr.

IRACEMA - Uma colega da repartição, que a mãe é da diretoria do Asilo Santa Elisabeth, veio me fazer uma série de perguntas, um tanto exquisitesas, sobre o Luizinho.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

CORÁLIA - Meu Deus!... Será possível?!...

IRACEMA - Eu logo me lembrei daquelas recomendações que tio Luiz Henrique nos fez sobre a Avó ou o Avô do menino, lembra-se?

CORÁLIA - Como não? Mas que perguntas foram estas?

IRACEMA - Queria saber há quanto tempo Luizinho estava conosco... em que época ele veio para cá... quem eram os pais de Luizinho... quem o havia trazido... quem o mantinha... sei lá! Foram tantas as perguntas que no fim eu me zanguei e perguntei a ela si era delegado de polícia e que interesse tinha no negócio.

CORÁLIA - Você não devia ter respondido nada.

IRACEMA - Eu sei, mas ela me pegou tão de surpresa e fez a coisa com tanto jeito que no início, eu não percebi. Depois... as perguntas foram se sucedendo, o tom também foi se modificando e eu me acordei, mas já era tarde.

CORÁLIA - Que acha você que possa ser? Será que elas pensam que raptamos o menino do Asylo?

IRACEMA - Isso seria absurdo. O menino está conosco há tantos meses... só agora é que o Asilo ia dar alarme do seu desaparecimento?

CORÁLIA - Mas então por que motivo queriam saber tanta coisa?

IRACEMA - Sei lá. Se soubesse estaria muito menos preocupada.

CORÁLIA - Por que você não disse logo que Luizinho é filho de titio? A gente, depois, explicava tudo a êle.

IRACEMA - Corália, compreenda. Depois de já estar na metade do caminho, eu não podia mais retroceder.

CORÁLIA - Você acha que devemos avisar tio Luiz Henrique do que aconteceu?

IRACEMA - Coitado, ele vai ficar tão aflito... Vamos esperar mais um pouco... Pode ser que tenhamos sorte e não aconteça nada. Se a coisa, depois, se complicar e não pudermos mais esconder, não se terá remédio senão dizer a êle. Por óra vamos pupá-lo.

CORÁLIA - É... pode ser que Deus nos ajude e nos livre de qualquer mal!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GENAS.

C/REGRA - RUÍDO DE DESLIGAR TELEFONE. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

LEILA - Quem era?

BELMIRA - Aquela mesma voz que outro dia lhe contou aquelas coisas todas que, para mim, não passam de lorotas muito bem apanhadas.

LEILA - Óra, Belmira, que pena! Eu ia lhe avisar que queria falar com ela.

BELMIRA - Para que? Para ficar com o espírito ainda muito mais envenenado?

LEILA - Não, não, eu preciso falar com essa moça. Quero que ela venha aqui em casa para conversarmos.

BELMIRA - A senhora quer isto? Acha que vai tirar algum proveito?

LEILA - Acredito que sim. Já a presença dela me dirá se é uma mulher que poderia agradar Rodrigo, a ponto dele viver com ela.

BELMIRA - É, tem razão. Eu não havia pensado nisto.

LEILA - Eu quero dizer a ela que estou disposta a renunciar, desde que ela me apresente a criança e eu possa verificar, com os meus próprios olhos, que as coisas que ela disse são verdadeiras.

BELMIRA - Está bem. Ela com certeza vai voltar a insistir em falar com a senhora.

BELMIRA - (CONTINUAÇÃO) Nessa ocasião eu terei o cuidado de chamá-la. E pode estar certa que não vai demorar muito. Amanhã mesmo é capaz de acontecer isto.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CORÁLIA - Tenha a bondade de sentar-se.

JERONIMO - Pois não. (BAUSA) A senhora é que é a dona Corália?

CORÁLIA - Eu, sim. Às suas ordens.

JERONIMO - Pois eu estou aqui para falar-lhe de um assunto muito delicado.

CORÁLIA - Fale.

JERONIMO - A senhora tem um tio que se chama Luiz Henrique, não é verdade?

CORÁLIA - Sim. O senhor o conhece?

JERONIMO - Pessoalmente, não. De nome, apenas, por intermédio de amigos que se dão com ele.

CORÁLIA - Pois não.

JERONIMO - Ele mora aqui com a senhora, não é verdade?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

CORÁLIA - Não senhor. Ele esteve parando uns dias aqui em casa, mas já não está mais nem na cidade.

JERONIMO - Ah sim? Mas deixou o menino?

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA DE SUSTO.

CORÁLIA - Que menino?

JERONIMO - Como?! Pois ele não veio com um menino que trouxe para entregar às senhoras?

CORÁLIA - Absolutamente. Quer dizer...ele veio com um menino que levava, como efetivamente levou, para entregar à própria mãe!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

45º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

JERONIMO - A senhora tem um tio que se chama Luiz Henrique; não é verdade?

CORÁLIA - Sim. O senhor o conhece?

JERONIMO - Pessimalmente, não. De nome, apenas, por intermédio de amigos que se dão com êle.

CORÁLIA - Pois não.

JERONIMO - Ele mora aqui com a senhora; não é verdade?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

CORÁLIA - Não senhor. Ele esteve parando uns dias aqui em casa, mas já não está mais nem na cidade.

JERONIMO - Ah, sim? Mas deixou o menino?

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA DE SUSTO.

CORÁLIA - Que menino?

JERONIMO - Como?! Pois êle não veio com um menino que trouxe para entregar às senhoras?

CORÁLIA - Absolutamente. Quer dizer... ele veio com um menino que levava, como efetivamente levou, para entregar à própria mãe!

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

JERONIMO - Não posso compreender... as suas informações são completamente diferentes das que me deram, antes de vir aqui.

CORÁLIA - O senhor deve saber, perfeitamente, como é a maioria do povo: imagina as coisas e afirma-as como verdadeiras. Quem viu êsse menino em nossa casa, depois que meu tio embarcou? Posso lhe garantir que ninguém. Houve até quem afirmasse que o menino era filho de meu tio com uma moça da sociedade carioca. E sabe lá se não disseram, também, que o garoto era meu filho, ou de minha irmã.

JERONIMO - Bem, realmente, o povo tem uma imaginação muito fértil e sem o menor senso de respeito à dignidade alheia, mas o interessante, no caso, é que várias pessoas me disseram a mesma coisa.

CORÁLIA - Falaram sem saber, pode estar certo. Primeiro, porque não dissemos a ninguém qualquer palavra sobre o assunto; segundo, porque não temos amigos que frequentem a nossa casa para saber o que se passa entre as nossas paredes e, finalmente, porque a criança que esteve em nossa casa, si é a mesma que o senhor procura, há vários dias já deve estar nos braços de sua mãe.

JERONIMO - E eu poderei saber quem é ela?

CORÁLIA - Por mim não, porque sempre respeitei o silêncio de meu tio e nunca lhe fiz qualquer pergunta sobre o assunto.

JERONIMO - E seu tio, ao menos, a senhora poderá me dizer por onde anda?

CORÁLIA - Viajando para uma firma, pelo interior do Estado. De vez em quando passa por Diamantina e, naturalmente, vem ficar conosco, para podermos estar um pouco juntos.

JERONIMO - E não tem uma época em que ele seja, mais ou menos, esperado?

CORÁLIA - Não. Já estive em principio, em meio e em fim de mês. Agora, por exemplo, faz quasi um mês que está ausente.

JERONIMO - Mas no café me afirmaram que ele foi visto na cidade a semana passada.

CORÁLIA - Então não veio aqui em casa. Teria ficado, talvez, no Hotel ou quem sabe, em alguma outra casa...

JERONIMO - No Hotel também não ficou, porque não consta nada do livro de registro.

CORÁLIA - Então terá ficado em "alguma outra casa". Aliás uma colega de minha irmã contou a ela que titio visitava "alguem" na cidade e insinuou umas tantas coisas das quais não tomamos conhecimento, porque achamos que, como moças solteiras, não nos competia, entende?

JERONIMO - Entendo, sim. Entendo perfeitamente, mas gostaria de conversar com sua irmã a esse respeito.

CORÁLIA - É pena, mas minha irmã, hoje, vai diretamente do serviço à casa de um afilhado, onde jantará e só virá muito mais tarde. Amanhã, se o senhor quiser, pode voltar e conversar com ela.

JERONIMO - É, então eu penso que vou fazer isto mesmo. A senhora então vai me dar licença...

CORÁLIA - (CORTE) Um momento, por favor. O senhor fez uma porção de perguntas, às quais eu respondi pacientemente. Agora, antes que se vá, quero também fazer umas perguntas ao senhor. Por que esse interesse súbito por meu tio e pelo menino que ele trouxe?

JERONIMO - A senhora quer mesmo saber?

CORÁLIA - Claro. E acho que tenho o direito de saber.

JERONIMO - Pois bem, então eu vou ser muito franco e vou dizer-lhe a verdade: o menino que seu tio trouxe com ele e que a senhora diz que veio para ser entregue à mãe, no interior, foi raptado da sua verdadeira mãe.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CORÁLIA - Raptado?!... De sua verdadeira mãe?!... Como é que o senhor pode saber?

JERONIMO - Porque estou aqui em missão especial, para apreendê-lo e levá-lo de volta ao seu verdadeiro lar.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CORÁLIA - O senhor quer dizer que meu tio o raptou? Não é possível. O senhor deve estar mal informado. Meu tio foi sempre um homem de bem.

JERONIMO - Eu não pretendi acusar seu tio de rapto. Apenas êle foi envolvido, talvez, até, sem ter consciência da verdade. Por isso queria conversar com êle, antes de tomar qualquer outra providência.

CORÁLIA - Pois ben, vamos fazer o seguinte: eu vou procurar mandar avisar o meu tio do que está se passando, porque, casualmente, devo ter portador para o lugar onde presumo que êle esteja, amanhã de tarde. Se o senhor me conceder - digamos - um prazo de três dias, é provável que o ponha em contato com êle.

JERONIMO - Pois eu lhe darei este prazo e quando êle tiver chegado, mande-me avisar, em seguida, no Hotel dos Viajantes. Deixo-lhe aqui o meu cartão.

CORÁLIA - Obrigada. Tenho muitas esperanças de que tio Luiz Henrique possa esclarecer a situação e provar-lhe que houve um grande equívoco de sua parte.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

C/REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMANDO QUATRO OU CINCO VEZES. PASSOS DE BELMIRA QUE SE APROXIMA. LEVANTAR FONE DO GANCHO.

BELMIRA - Alô!

CLAUDIA - (FILTRO) Quem fala aí, é a senhorita Leila?

BELMIRA - Não. É a empregada. Quería falar com ela?

CLAUDIA - (FILTRO) Se fôsse possível.

BELMIRA - Um momento que eu vou chamá-la. (AITO, CHAMANDO) Dona Leila, telefone.

C/REGRA - PASSOS DE LEILA QUE SE APROXIMA.

~~LEILA~~
~~EXCERTE~~ - (APASTADA, MAS CHEGANDO) Quem é? Não disse?

BELMIRA - Eu nem perguntei porque não precisava. Conheci logo a voz. É a pequena que telefonou outro dia, falando aquele negócio do seu Rodrigo.

LEILA - Ah, sei. Eu queria mesmo falar com ela. (PROJETANDO) Alô!

CLAUDIA - (FILTRO) É a senhorita Leila?

LEILA - Eu sim. Você é a mesma que me telefonou outro dia e falou sobre Rodrigo, não é?

CLAUDIA - (FILTRO) Exatamente. Vejo que a senhora tem bom ouvido. Reconheceu logo a minha voz.

LEILA - Não, quem reconheceu não fui eu, foi Belmira, a minha dama de companhia. Ela é que tem fero de cão policial. Mas foi muito bom que você tornou a me telefonar, porque eu desejava mesmo falar-lhe.

CLAUDIA - (FILTRO) Ah, sim? Então foi bom que eu insisti, porque outro dia senti que você estava, mas que a sua dama de companhia não quis chamá-la.

LEILA - É, realmente foi isto mesmo que aconteceu. Mas você quer falar primeiro, ou deseja ouvir, antes, o que eu desejava lhe dizer?

(FILTRO)
CLAUDIA - Não, não... pode falar. Gostarei de ouvir, sim. Prefiro que fale antes.

LEILA - Bem, o que eu queria lhe dizer, inicialmente, é que estou disposta a renunciar a Rodrigo, em seu favor, desde que você me prove que tudo que me disse pelo telefone é verdade.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

(FILTRO)
CLAUDIA - Como?! Mas então você... você está mesmo disposta a renunciar?

LEILA - Desde que me prove o que disse. E para isto, eu lhe pediria que marcasse a hora que mais lhe conviesse e chegasse, amanhã, ou depois, aqui até aqui à minha casa, afin de conversarmos pessoalmente. Concorda?

(FILTRO)
CLAUDIA - (PAUSA, TITUBEANDO) Bem... não sei... não posso lhe responder nada assim... de um momento para o outro... acho que... acho que vou pensar... e amanhã voltarei a telefonar-lhe.

LEILA - Está muito bem. Ficarei aguardando o seu telefonema amanhã, então. Ainda quer falar? Ainda tem alguma coisa para me dizer?

(FILTRO)
CLAUDIA - Não, não, obrigada... Amanhã eu lhe digo alguma coisa.

TÉCNICA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE NO OUTRO LADO DA LINHA.

C/REGRA - PENDURAR FONE NO GANCHO.

BELMIRA - E então? O que foi que ela disse?

LEILA - Pareceu-me bastante atropalhada. Pode ser que eu me engane, mas esta não vai querer avistar-se comigo.

BELMIRA - Isso sabia eu. Quem não está vendo logo que tudo é obra daquele velho tarado? Lá me admire é que você ainda se deixa impressionar e há momentos em que fica pensativa e inclinada em acreditar nas infâmias que esguta.

LEILA - Que posso fazer se é o meu temperamento, Belmira?

BELMIRA - Espero que com a fuga da rival, você consiga tirar os macaquinhos do sótão. Eles têm incomodado um bocão. Pensa que eu não sei?

LEILA - É, têm incomodado, sim. Às vezes eu consigo expulsá-los, mas outras vezes eles teimam em ficar e não há jeito de expulsá-los.

BELEMIRA - Eu, no meu tempo de moça, também fui ciumenta dos meus namorados, do meu noivo e depois, nos primeiros anos de casada, também do meu marido. Mas eu tinha ciúmes de pessoas e não de fantasmas, como você tem.

LEILA - De fantasmas, Belmira? Mas então é fantasma uma pessoa que fala no telefone e cuja voz eu escuto? Uma pessoa que estabelece diálogo comigo, que

BELEMIRA - (CORTE) ... que se nega a ser vista e fica toda embaraçada diante da proposta de um encontro, fugindo dele como o diabo da cruz? Não, dona Leila, diga e pense o que quiser, mas a sua rival, para mim, não passa de um fantasma.

LEILA - Bem... ela não se negou, propriamente. Ficou de me telefonar amanhã para me dar uma resposta.

BELEMIRA - É o que mostra, com isto? Que já começou a fugir. Si ela não tivesse medo desse encontro, aceitaría logo, não deixaria para resolver depois. Escreva uma coisa que eu vou lhe dizer: ou ela não volta a telefonar, ou telefona, dá uma desculpa qualquer, mas não aceita o encontro.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPITULO.

JERONIMO - Quer fazer o favor de ver a minha conta?

VOZ - Como?! O senhor vai embora? NÃO disse hoje, de manhã, que ainda ia ficar por aqui uns quatro ou cinco dias?

JERONIMO - Disse. Mas acabo de ler, no jornal, o suicídio ou assassinato de minha mulher e volto esta noite mesmo para o Rio.

VOZ - Lamento muito, senhor, apesar de não conhecê-la.

JERONIMO - Eu talvez vá necessitar de um documento do Hotel, atestando o dia da minha entrada. Isto se a morte tiver sido, realmente, por assassinato e posar sobre mim alguma suspeita.

VOZ - Não teremos dúvida em fornecer-lhe o documento, senhor.

JERONIMO - Qualquer coisa que possa ser precisa, eu telegrafarei de lá.

VOZ - Poderá, também, se quiser, falar ao telefone, si bem que a linha nem sempre está boa e, em geral, se ouve muito mal.

JERONIMO - Eu sei. Por isso mesmo acho que vou preferir telegrafar. Sabe a que horas terei trem para o Rio?

VOZ - Trem só à noite, mas agora, às sete horas, deve sair um ônibus. Si ainda houver lugar, o senhor chegará muito mais cedo.

JERONIMO - Que fazer o favor de telefonar e ver se ~~xx~~ ainda me consegue uma passagem?

VOZ - Sim senhor. Posso fazer isto agora mesmo.

G/REGRA - COMEÇA A DISCAR SEIS NÚMEROS DE TELEFONE.

TÉCNICA - NA METADE DA LIGAÇÃO SOBE A MÚSICA PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - O senhor já resolveu se aceita ou rejeita o convite de dona Leila para avistar-me com ela?

PETRONIO - Acho que a senhorita não vai poder fugir a esse encontro.

CLAUDIA - Mas o senhor já pensou si eu estou lá conversando com ela e chega o seu filho? Vai ficar mais do que evidenciado que foi um plano seu, no qual eu acedi em tomar parte.

PETRONIO - Sim, realmente... mas... bem, a gente talvez possa dar um jeito nisto.

CLAUDIA - Que jeito? Eu pensei em fugir ao encontro, dizendo-me doente, mas si ela quiser esperar e repetir o convite, eu não posso ficar doente a vida toda. Acho que dará para desconfiar.

PETRONIO - Não, não... você não pode recusar o convite. Vai ter que ir lá. O que eu me lembrei é que você pode impor as suas condições e uma delas será que Rodrigo não esteja presente.

CLAUDIA - Mas sob que pretexto?

PETRONIO - De que você não deseja avistar-se com ele, por enquanto, ou melhor, até que o caso esteja resolvido entre as duas.

CLAUDIA - É uma ideia. Mas... e si ela desejar ver a criança? Que faremos?

PETRONIO - A coisa mais fácil do mundo é encontrar uma miserável qualquer que nos alugue o filho. Lava-se o garoto, veste-se-o razoavelmente e pronto.

CLAUDIA - E quando desfaremos a brincadeira?

PETRONIO - Quando? Acho que não desfaremos. A senhorita já compreendeu, muito bem, que não é uma brincadeira. Que a farsa é mesmo para valer.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Ou vai querer continuar fingindo que ainda não percebeu a verdade?

CLAUDIA - Não senhor. Percebi tudo, desde o primeiro instante.

PETRONIO - Assim é que eu gosto que falem comigo. Com absoluta franqueza. Pensa que eu não sei que estou lhe dando uma ótima ocasião para vingar-se de sua rival?

CLAUDIA - Foi o que mais me seduziu, em todo o plano.

PETRONIO - Eu sabia que iria seduzi-la. Uma mulher jamais perdos a outra que a tenha derrotado. Pois então agora já sabe o que tem a fazer: representar bem, para roubar a alegria dela. Quer telefonar agora, avisando-lhe que irá amanhã de tarde?

CLAUDIA - Posso telefonar.

FERNONIO - E não esqueça de impor a condição principal: avistarem-se as duas sócias, sem a interferência de mais ninguém e principalmente de Rodrigo.

CLAUDIA - Sim senhor. Eu direi tudo a ela.

C/REGRA - BISSA SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - EM MEIO DOS NÚMEROS, SOBRE MÚSICA FORTE, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS; FUNDE COM TREM EM MOVIMENTO E VOZES DE ALGUMAS PESSOAS CONVERSANDO EM 2º E 3º PLANOS. TREM SEMPRE EM FUNDO DE TODO. APITO AO PRINCÍPIO E AO FIM.

FERNONIO - Por mais que pense na morte de Elisa, não consigo atinar com os motivos que a teriam levado ao suicídio, ou induzido alguém a assassiná-la. Ela andava realmente muito estranha, nos últimos tempos. Discutia muito comigo e parecia sempre irritada. É possível que tenha caído numa neurastenia profunda que, quasi sempre, arrasta o paciente para a morte. (PAUSA) Mas e si ela tiver sido assassinada? Que poderei pensar? Quem teria vantagens em que ela fôsse eliminada? Não me lembro de ninguém. Uma vingança, quem sabe?... Mas vingança por que? Ela só fazia o que lhe pediam e, geralmente, com a permissão do marido de suas clientes. Logo... vingança de um deles, dificilmente seria. Um inimigo, ou inimiga? Elisa era uma mulher que não tinha amigos, mas inimigos também ela não os tinha. (PAUSA) Não sei... não sei... por mais que dê tratos à bola, não atino com a causa provável ou o possível assassino. Já estou prevendo que vou me incomodar com a policia que, para não ficar desmoralizada, procura sempre um bode expiatório. Se não acharem logo o assassino, se fôr o caso, vão querer, direitinho, enredar-me na massaroca. Mas o meu álibi vai destruir logo as suspeitas deles. (PAUSA) Esta viagem de trem já é massante e com uma dúvida como esta, tornando o pensamento de um cristão, mais longa e mais aborrecida ainda se torna.

TÉCNICA - SOBRE O RUÍDO DE TREM EM MOVIMENTO. APITO. FUNDE COM MÚSICA PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORALIA - E eu estava aflitissima que o senhor chegasse, titio, para poder contar-lhe todas estas coisas.

IRACEMA - Que acha o senhor que possa ser, titio?

L. HENRIQUE - Ora, minhas filhas, está visto. É a avó ~~que~~ da criança que terá se arrependido do que ~~fez~~, ou então ainda não ~~está satisfeita~~ com a maldade cometida e pretende fazer alguma coisa mais.

CORALIA - E o senhor não pretende lutar contra ~~ela~~?

L.HENRIQUE - Claro que pretendo. Precisamos estudar um plano em conjunto para livrar esta pobre criança das garras daquele abutre abominável que quis a deixar morrer de fome. Si não fôsse eu com o pequeno auxílio que emprestava à pobre mãe... não sei se o garoto não teria morrido.

IRACEMA - E o triste é que agora, si a svô o descobrir e o reclamar, a lei lhe confere todos os direitos. Até de arrancá-lo das mãos de quem o ama com sinceridade e o cuida com o maior carinho e o mais santo desvelo.

L.HENRIQUE - Mas ela não vai descobri-lo. Deus não há de permitir uma injustiça tão grande.

CORÁLIA - Eu estava me lembrando sabem de que? Que eu podia me refugiar com o menino na fazenda de minha madrinha, no Paraná. Quem seria capaz de me descobrir lá naqueles confins?

L.HENRIQUE - Corália, minha filha, você sabe que teve uma idéia genial? Na fazenda de dona Zulmira, realmente, só por muito azar alguém poderá encontrá-los.

IRACEMA - O difícil vai ser a viagem. Como você vai poder viajar com o garoto sem ser vista? Na estação sempre há pessoas conhecidas. Um carro de praça, jamais se poderia confiar no chofêr. O ônibus oferece o mesmo problema do trem...

L.HENRIQUE - É... Iracema tem razão. Não vai ser fácil, realmente.

CORÁLIA - E se fizéssemos o seguinte: eu iria sósinha, de manhã, no ônibus, para uma outra cidade onde ninguém me conhecesse. Tio Henrique, de tarde, pelo trem, iria ao meu encontro na mesma cidade. Dali eu seguiria com a criança e ele voltaria. Não lhes parece uma maneira segura de escapar?

L.HENRIQUE - Ótima! Faremos isto amanhã mesmo.

IRACEMA - E que direi eu, na cidade, sobre o desaparecimento de Corália?

CORÁLIA - Não é difícil. Diga que eu fiquei muito doente dos meus nervos e fui para um Sanatório, perto de Belo Horizonte, para passar uma temporada.

IRACEMA - Você está se revelando, mana. Palavra de honra que eu estou atônita!

CORÁLIA - Sabe o que é? O receio de perder o maior bem que Deus me concedeu, neste outono da minha vida de solteirona.

L.HENRIQUE - Você não vai perdê-lo. Descanse. Amanhã mesmo você embarcará pela manhã, sósinha e eu seguirei à noite com o garoto, para encontrá-la.

CORÁLIA - Vamos estudar, agora, onde menos risco poderá correr o nosso encontro.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FUNDE COM ÔNIBUS EM MOVIMENTO. NOVA CORTINA FUNDE COM TREM SAINDO DA ESTAÇÃO. NOVA CORTINA MUSICAL.

JERONIMO - Eu estava ansioso para falar com você, mas a polícia até agora não me havia dado uma folga.

CATARINA - Eu também queria muito falar com você.

JERONIMO - Que houve, Catarina? Você sabe?

CATARINA - Pouca coisa, mas penso que o pouco que sei talvez lhe esclareça muito.

JERONIMO - Conte-me, então. Eu não sinto ter perdido Elisa, digo-lhe francamente, mas não gostaria de saber que ela tivesse sido assassinada.

CATARINA - Não foi. Posso lhe garantir que não foi.

JERONIMO - Você falou com ela... pouco antes?

CATARINA - Não. Falei na véspera, mas senti que ela estava disposta a fazer qualquer bobagem e levei mais de uma hora a procurar inutilmente convencê-la.

JERONIMO - Que lhe disse ela? Conte-me.

CATARINA - Primeiro, que estava disposta a denunciar você à polícia, caso você cometesse qualquer crime.

JERONIMO - Ela disse isso a você?

CATARINA - Disse a mim e estava esperando o seu endereço para mandar dizê-lo a você. É segundo que estava cansada dessa vida incerta de aventuras e ia mandar-lhe um ultimatum. Ou você desistia de tudo e vinha recomeçar uma vida honesta, ou ela o abandonaria, se tivesse forças e se não tivesse, acabaria com a vida. Eu falei mais de uma hora tentando desconvencê-la, mas ao fim percebi que estava perdendo meu tempo e gastando meu latim, calei a boca e fui embora. Pensava, na noite seguinte, voltar e tornar a falar-lhe, mas os jornais da tarde já trouxeram fotografias e a notícia. Tratei de manter-me ausente para evitar as complicações. (Pausa) Ela estava cansada de viver, na minha opinião. Achou melhor acabar com tudo.

JERONIMO - É... talvez tenha sido realmente melhor... para ela... e para nós!

TÉCNICA - EXPLOSO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA DE ENCAMBAMENTO DO CAPÍTULO.

462 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

JERONIMO - Que lhe disse ela? Conte-me.

CATARINA - Primeiro que estava disposta a denunciá-lo à polícia, caso você cometesse se qualquer crime.

JERONIMO - Ela disse isso a você?!

CATARINA - Disse a mim e estava esperando o seu endereço para mandar dizê-lo a você. E segundo que estava cansada dessa vida incerta de aventuras e que ia mandar-lhe um ultimatum: ou você desistia de tudo e vinha recomeçar uma vida honesta, ou ela o abandonaria, se tivesse forças e, se não tivesse, acabaria com a vida. Eu falei mais de uma hora tentando desconvencê-la, mas ao fim percebi que estava perdendo o meu tempo e gastando meu latim. Calei a boca e fui embora. Pensava voltar na noite seguinte e tornar a falar-lhe, mas o jornais da tarde já trouxeram fotografias e a notícia. Tratei de manter-me ausente, para evitar as complicações. (PAUSA) Ela estava cansada de viver, na minha opinião. Achou melhor acabar com tudo.

JERONIMO - É... talvez tenha sido realmente melhor... para ela... e para nós!

CATARINA - Sem dúvida. Eu nunca lhe diria isto, num momento destes, mas já que você é o primeiro a dizer, eu devo lhe confessar que estou de acordo. Ela estava de má vontade comigo e embora eu estivesse fazendo todo para conquistá-la, manda a verdade que confesse que não o consegui. Num ímpeto de raiva seria capaz de nos denunciar.

JERONIMO - Isso também é verdade. Elisa era mulher para fazer uma coisa dessas.

CATARINA - Eu nunca quis dizer a você, mas ela chegou a ameaçar-me duas ou três vezes. Um vez lhe respondi: não vê que se eu fôr presa arrasto seu marido também? Sabe o que ela me respondeu?

JERONIMO - Diga.

CATARINA - Prefiro ficar sem êle, a vê-lo trabalhando com a senhora. (PAUSA LONGA)

TÉCNICA - UM SIRO DOBRA, AFASTADO.

JERONIMO - Catarina...

CATARINA - Sim?

JERONIMO - Não foi você que a matou?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE CHOQUE.

JERONIMO - Seja franca. Se foi, pode dizer sem medo.

CATARINA - Não. Não fui eu. Já lhe disse que foi ela mesma. E se de alguma coisa

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) pretende me acusar, acuse-me de não ter feito grande empenho em salvá-la. Apenas isto.

JERONIMO - Eu não pretendo lhe acusar de coisa alguma, já disse.

CATARINA - Poderia ter feito maior empenho em tirar-lhe da cabeça a ideia do suicídio e não fiç, isto é verdade, mas sendo daí, não me cabe mais culpa de nada. Acho mesmo que o que fez maior mal à Elisa, foi o seu silêncio tão prolongado. Ela ficou quasi quinze dias sem notícias suas... estava desesperada. (PAUSA) Ela o amava, inda que pareça mentira.

JERONIMO - Nunca pude imaginar semelhante coisa. A minha ideia era outra.

CATARINA - Qual?

JERONIMO - De que ela tinha medo de mim e então obedecia-me cegamente, embora, muitas vezes, seus olhos me parecessem fuzilar de ódio e de revolta.

CATARINA - Bem, mas o que passou, passou e não vale a pena estarmos, agora, a perder o nosso tempo com coisas que já nada mais resolvem. Aguas passadas, diz bem o ditado, não movem moinhos. Vamos falar do presente e pensar no futuro. A que resultados chegou, nas suas pesquisas, lá em Diamantina?

JERONIMO - Que o menino e o velhote já não se encontram mais lá. Uma sobrinha dele deu-me outras informações que não eram exatas e eu tolaemente viajei até Goiás para nada. No dia que estava me preparando para voltar lá e reclamar contra as falsas informações, li a notícia da morte de Elisa. Embarquei quasi na mesma hora e não tive mais tempo nem cabeça para nada.

CATARINA - Mas agora você vai voltar para completar o seu trabalho; não vai?

JERONIMO - Claro que vou. Agora estou disposto a arrancar uma informação verdadeira, a qualquer custo.

CATARINA - E não tenha nenhum receio da reação dele porque o costado é poltrão que chega a fazer dó. É só você chegar em cima dele com um punhal ou um revólver e ele despeja logo o que sabe. Nunca vi ninguém com tanto medo de morrer na minha vida.

JERONIMO - Pois então éle que se cuide porque eu não vou fazer nenhuma cerimônia em matá-lo, se for preciso.

CATARINA - Ah e não deve fazer, mesmo. Ele tem uma dívida enorme comigo e preferia eu mesma acertar as contas com aquele padre, mas se você precisar mandá-lo desta para melhor, disponha do material sem fazer qualquer cerimônia.

JERONIMO - Ah e disponho, mesmo. Aquela viagem sem nenhum resultado a Goiás, está atravessada aqui, ó. Um trem horrível... uma poeira horrerosa... nada para se comer... bebidas mornas pelo caminho... e todo esse sacrificio para nada? Ah, não posso deixar de tirar a minha forra.

CATARINA - E quando é que você pretende voltar para recomeçar seu trabalho?

JERONIMO - Quando a polícia disser que não precisa mais da minha presença aqui. Enquanto ela não me liberar, não poderei afastar-me da cidade.

CATARINA - Mas eles já não verificaram que não foi você que a matou?

JERONIMO - Pois sim, mas com tudo isto ainda acham minha presença necessária aqui.

CATARINA - Mas necessária para que, se você já provou que estava ausente?

JERONIMO - Dizem eles que para informações que venham a ser precisas. Bem, mas afinal você ainda não me esclareceu qual é o seu plano a respeito do garoto raptado. Vai me dizer, ou não vai?

CATARINA - Agora vou. Antes eu tinha receio de sua mulher e por isso não lhe dizia. Meu plano é vender o menino à mãe, pelo máximo que ela puder pagar e depois tornar a raptá-lo para o pai por uma impertinência ainda maior. Dividimos o dinheiro e por muito tempo poderemos nos embalar numa rede, à sombra de uma árvore. Eu já estou aflita para realizar este ideal e cada vez que ele parece estar ao meu alcance acontece uma coisa qualquer que o distancia.

JERONIMO - Mas não desanime, não, que quem espera sempre alcança. Penso que na próxima semana a polícia já me dará permissão para afastar-me e no mesmo dia eu me toco para Diamantina.

CATARINA - Mas não fique, como da outra vez, tanto tempo sem mandar notícias. A gente aqui fica aflita, sem saber o que está se passando. Escreva logo que chegar e à medida que for realizando os trabalhos vá mandando dizer para a gente poder acompanhar em pensamento.

JERONIMO - Combinado. Mas vamos estabelecer um código para tocar no assunto principal, porque eu tenho muito medo de correio de cidade pequena. Há pouco que fazer e as funcionárias curiosas distraem-se abrindo as cartas, lendo-as e tornando a fechá-las, depois. Era uma das razões porque não escrevia. Tinha receio que acontecesse isto.

CATARINA - Pois faremos o código que você sugeriu. Já é um trabalho que começarei esta noite, para distrair-me. Quando você tiver licença para por-se a caminho ele estará pronto, com as cópias tiradas e tudo.

JERONIMO - Cópias? Para que cópias?

CATARINA - Para você levar uma, eu ficar com a outra e cada um ter uma de sobressalente, para um caso qualquer de extravio.

JERONIMO - Você é, realmente, uma mulher ~~previdente~~ previdente.

CATARINA - Como você, também, deve procurar ser, porque um homem prevenido, vale por dois.

JERONIMO - Tem razão, Catarina. Tem toda razão! Hei de sempre procurar valer por por dois.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - Você não está atrasada, Corália? No meu relógio são quasi oito horas da manhã.

CORÁLIA - O trem passa um pouco antes das nove, quando vem no horário. Daqui de casa à estação, são pouco mais de dez minutos. Que desculpa você deu para faltar ao serviço hoje?

IRACEMA - Mandei dizer que amanheci com uma enxaqueca tremenda de quasi não poder levantar a cabeça do travesseiro.

CORÁLIA - Você vai ficar muito tempo sósinha. Não seria melhor arranjar uma pessoa para vir dormir aqui e fazer-lhe companhia à noite?

IRACEMA - Não é preciso. Primeiro porque não tenho medo e segundo porque seria obrigada a justificar a sua ausência e não convem que ninguém saiba que você embarcou.

CORÁLIA - Mas eu vou ficar preocupada com você sósinha aqui. Porque não chama a Delfina, que sempre se oferece e não diz a ela que fui cuidar uma primadante em qualquer direção contrária à que realmente vou?

~~IRACEMA~~
IRACEMA - E você acha que ela não falaria que você viajou?

CORÁLIA - Se você lhe recomendasse, ela não falaria.

IRACEMA - Pois então, se isto a tranquilisa, eu amanhã irei falar com a Delfina e pedirei que ela venha.

CORÁLIA - Pegue-lhe qualquer coisa. Assim ela ficará mais satisfeita.

IRACEMA - Claro que vou pagar.

CORÁLIA - Aqui está a relação do que Luizinho terá que tomar até o momento de embarcar com tio Henrique e do que você precisará preparar para eles levarem. A garrafa termal já está lá em cima da mesa da cozinha, para você não ter que procurá-la. Você faça um mingáusinho ralo e bote nela.

IRACEMA - E a mamadeira onde vai?

CORÁLIA - Na própria mamadeira. Na hora de dar, tio Henrique amorna no fogareirinho de alcool que deve ir também no cesto de vime. E a panelinha alouçada, não se esqueça.

IRACEMA - Você devia ter deixado tudo escrito. Sabe como é a minha esbega...

CORÁLIA - Está tudo em cima da mesma da cozinha, no canto da parede. Não tem como esquecer coisa alguma. Já sabe que tudo aquilo vai e é só acomodar no cesto de vime.

IRACEMA - Você está se descuidando da hora, Corália. É bom ir de uma vez para a Estação.

CORÁLIA - Eu não quero ir muito cedo, para não ser muito vista. Chegando mais na hora do trem sair, é melhor.

IRACEMA - Você vai levar esse chaile?

CORÁLIA - Vou. Aproveito-me do chuvisqueiro para botá-lo por cima da cabeça e esconder um pouco o meu rosto.

IRACEMA - A esta hora, em geral, não vai quasi ninguém conhecido. É muito raro.

CORÁLIA - Bem, Iracema, então até quando tudo esteja resolvido e eu possa trazer Luizinho de volta sem o perigo de perdê-lo.

IRACEMA - Vai com Deus e a Virgem. E não se preocupe que eu aqui me arranjo.

CORÁLIA - É o que eu espero que aconteça. Que se vai fazer? Não há outro remédio.

~~IRACEMA~~ Vou dar um beijo no garoto, (chorosa) porque vou ficar sem vélo até uma manhã de manhã.

IRACEMA - Ora, vamos, Corália, francamente! Porque vai ficar umas horas sem ver o garoto precisa chorar? Assim também não.

CORÁLIA - Que vou fazer? Penso que ele é meu filho e sinto como se o fôsse.

TÉCNICA - MUSICA FORTE PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

CLAUDIA - A senhorita é que é Leila?

LEILA - Sim. E você a noça que me telefonou denunciando-me Rodrigo?

CLAUDIA - Exatamente.

LEILA - Quer dizer que você veio me procurar, disposta a arrebatá-lo meu noivo?

CLAUDIA - Se pudesse ter esperanças de que ele um dia viesse a gostar de mim, talvez me aventurasse a roubá-lo. Mas que adiantaria, se ele ama é a senhorita? E se vão casar-se, assim que ele se forme?

LEILA - Como assim? Eu não estou compreendendo muito bem as suas palavras. Pois não me disse, no telefone, que provaria toda a infância de Rodrigo e o obrigaria, se fôsse necessário, a reparar sua falta?

CLAUDIA - Disse. Mas a senhorita nunca assistiu àqueles filmes em que a mocinha é obrigada a mentir ao mocinho, por ter o cano do revólver do bandido encostado nela, por trás de uma cortina? Pois era mais ou menos esta a minha posição quando lhe falei.

LEILA - Estou compreendendo. Obrigaram-na a mentir, sob a pressão de uma arma qualquer? Um revólver... uma faca...

CLAUDIA - Não. Não foi um revólver nem uma faca, mas algo de efeito semelhante. Eu trabalho para o senhor Petrônio. Sou secretária dele e ganho muito bem. Sustento minha mãe, já bastante idosa, e um irmão doente. Não posso perder meu emprego de um dia para o outro, entende?

LEILA - Entendo e tenho muita pena de ter sido obrigada a se sujeitar a essa infâmia.

CLAUDIA - E eu relutei, sabe? Não foi da primeira investida que acedi. Pedi tempo para pensar. Em casa, desesperada, falei à minha mãe e ela me aconselhou a fazer o que estou fazendo. Mas também isto me repugna. Não gosto de ser desleal com ninguém e estou sendo com ele.

LEILA - Não é você que está sendo, é ele que a está obrigando a ser.

CLAUDIA - Bem sei, mas de qualquer forma estou violentando a minha consciência e não gosto disto. Preferia chegar na frente dele e poder dizer-lhe. Não vou fazer o que me pede porque não é do meu feitio, nunca fiz e não de^{jo} seja fazer, nem que ^{me} prometa o céu na terra. Mas se não me tenta o céu na terra, por meios ilícitos, assusta-me o inferno, pelos que de mim de^{dem}, entende?

LEILA - Entendo perfeitamente.

CLAUDIA - Por isso vim aqui pedir-lhe desculpas do que fui obrigada a fazer e dizer-lhe que tudo é mentira. Seu Rodrigo ama-a com toda a sinceridade e, apesar de muito jovem, ainda, é um homem íntegro, respeitador e incapaz de qualquer infâmia. Não lhe faça a injustiça de suspeitar dele, siquer Ele não merece qualquer suspeita.

LEILA - Como é o seu nome?

CLAUDIA - Cláudia.

LEILA - Ouça, Cláudia: dificilmente a gente se defronta com pessoas tão retas e tão dignas, como você mostra ser. Eu agradeço a sua visita ao fundo do meu coração, porque ela me restituiu, integralmente, a tranquilidade que eu havia perdido com a denúncia que me havia feito.

CLAUDIA - E eu lhe peço inúmeras desculpas, mas não tive outra saída. Creia que fui obrigada a proceder assim.

LEILA - Eu sei. Pode ficar tranquila que eu compreendo tudo como foi. Sou-lhe imensamente grata e quero ser sua amiga. Não poderei procurá-la para que não se comprometa, mas você vai proseter que virá aqui, de vez em quando, tomar um chá comigo e conversar um pouco.

CLAUDIA - Farei isto com o maior prazer e o maior sigilo. E embora sinta um cer

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) to remorso pela deslealdade que pratiquei com meu chefe, por outro lado tiro da consciência a carga enorme da preocupação que lhe havia dado com a minha falsa denúncia.

LEILA - Seu patrão é mau, sabe disto?

CLAUDIA - Já comecei a compreender. Faz mais ou menos uns dois meses que desconfiei dele na questão do rapto do filho e a cada dia que passa a minha desconfiança se avoluma. Mas hoje não lhe poderei falar sobre este assunto porque ele deve estar à minha espera, ansioso para saber qual foi o resultado da minha farsa, ou melhor da dele.

LEILA - Você diga que me deixou debulhada em lágrimas e desesperada pela situação. (RISOS)

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CATARINA - Está livre, finalmente?

JERONIMO - Sim. Disse-me o delegado que já posso viajar e retomar o meu serviço.

CATARINA - Ótimo! Eu já estava começando a impacientar-me com a demora. Quando é que pensa ir?

JERONIMO - Eu não lhe disse que quando tivesse licença da polícia que embarcaria no mesmo dia?

CATARINA - E você vai hoje?

JERONIMO - Claro! Esta noite me arranco daqui. Aprontou o código?

CATARINA - Faz dois dias que está pronto. Ainda não tinha trazido, porque não havia passado a limpo. Aqui tem você dois caderninhos. Se perder um ficará com o outro, em substituição. Ponha-os em lugares diferentes, para não acontecer de perder os dois ao mesmo tempo.

JERONIMO - Não tem perigo. Um vai no bolso, comigo e o outro na maleta de mão.

CATARINA - Você vai precisar de algum dinheiro? Pode-se arranjar.

JERONIMO - Seria bom. Tive tantas despesas, agora. Deixei a caderneta ~~na~~ meio rasgada.

CATARINA - Chega cinquenta mil?

JERONIMO - Se não pode ser mais, serve.

CATARINA - Não, não pode ser mais, porque eu também não ando nadando em ouro. Tenho uma reserva que já está bastante reduzida e enquanto o trabalho não for completado, não entrará mais dinheiro.

JERONIMO - Está bem. Depois eu faço um relatório das despesas todas e lhe mando. Acho que você vai ter que arranjar um suprimento.

CATARINA - Depois se vê isto. *1/9* que horas embarca?

JERONIMO - Às sete devo estar na estação.

CATARINA - Então vá de uma vez, homem. Não se atrase por minha causa.

JERONIMO - Eu vou, sim. Até qualquer dia, então.

CATARINA - Até qualquer dia e trate de apurar com as coisas que já estou farta de esperar.

JERONIMO - Quem espera... sempre alcança.

CATARINA - Quem espera... desespera.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Então ela acreditou, piamente, na mentira que você lhe contou?

CLAUDIA - Pois eu não disse ao senhor que a deixei debulhada em lágrimas?

PETRONIO - Agora é necessário continuar batendo nesta mesma tecla, para que ela não deixe a sua consciência adormecer e acabe repudiando-o.

CLAUDIA - Eu já avisei que uma vez por semana irei lá lembrar-lhe que o direito é meu e não dela.

PETRONIO - Muito bem! Isso mesmo! Você é uma moça inteligente, senhorita Claudia. Agora eu queria dar-lhe qualquer coisa extra pelo serviço extra que me prestou.

CLAUDIA - Mas eu não vou aceitar que o senhor me dê nada.

PETRONIO - Por que? Escolha uma coisa qualquer que lhe agrade.

CLAUDIA - Agrada-me a paz, por exemplo. E esta... só Deus é que me pode dar.

PETRONIO - As moças sempre gostam de alguma coisa em especial. Uma joia... um vestido... uma pele... Há tantas coisas que você pode escolher...

CLAUDIA - Mas eu não quero nada e vou lhe pedir o favor de não insistir. Fico muito mais satisfeita.

PETRONIO - Está bem. Eu sei, então o que farei. No fim do mês dar-lhe-ei um aumento de ordenado pelos bons serviços que tem prestado à firma.

CLAUDIA - Meu ordenado é bom. Não há necessidade de ~~meu~~ aumentá-lo.

PETRONIO - Quem resolve as coisas do escritório sou eu, portanto fique quieta e conforme-se com a minha resolução.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

RODRIGO - Ela falou sobre o rapto de Luizinho?

LEILA - Alguma coisa. Disse que oportunamente ~~ele~~ voltará aqui para me contar o que sabe.

RODRIGO - Mas então não podemos permanecer de braços cruzados, Leila. Temos que fazer alguma coisa para encontrá-lo.

LEILA - Bem sei que temos, mas não sabia a mim insistir sobre o assunto, uma vez

LEILA - (CONTINUAÇÃO) que ela começou e resolveu parar. Vou telefonar convidando-a para vir tomar chá comigo no sábado à tarde, você chega depois, como que por acaso e eu me encarrego de dar um jeito e encaminhar o assunto para o rapto do garotinho.

RODRIGO - Isto mesmo. Você sabe, Leila, que a minha maior felicidade, neste momento, seria poder restituir Luizinho à minha madrastra?

LEILA - E eu gostaria muito de poder colaborar com você, meu querido!

RODRIGO - Óra graças a Deus que você voltou a chamar-me de querido. Há quanto tempo eu não ouvia esse adjetivo.

LEILA - Eu não podia, Rodrigo. A minha angústia interior não me permitia que eu o chamasse assim.

RODRIGO - A sua angústia interior, ou... a sua desconfiança?

LEILA - A angústia produzida pela desconfiança.

RODRIGO - Examine bem a sua consciência e veja que você confia muito pouco em mim.

LEILA - Talvez, mas que fazer? Há coisas que não se podem dosar dentro de nós.

A culpa não cabe propriamente a mim, porque força para resistir eu faço, acredite.

RODRIGO - Acredito, mas lamento que você seja assim. Quando Gláucia ficou de voltar aqui?

LEILA - Ela me disse "qualquer dia" mas espero que no sábado próximo ela aceite o meu convite.

RODRIGO - Eu também vou falar para que ela venha. Que bom se eu conseguir encontrar Luizinho! E você sabe que o meu coração me segreda que eu irei encontrá-lo?

LEILA - Deus permita, querido! Deus permita! Tenho tanta pena de dona Eugênia! E será a única maneira de fazer com que ela sorria outra vez!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO CAPÍTULO.

47º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - Quando Gláudia ficou de voltar aqui?

LEILA - Ela me disse "qualquer dia", mas espero que no sábado próximo ela aceite o meu convite.

RODRIGO - Eu também vou falar para que ela venha. Que bom se eu conseguirmos encontrar Inezinho! E você sabe que o meu coração me segreda que eu irei encontrá-lo?

LEILA - Deus permita, querido. Deus permita. Tenho tanta pena de dona Eugênia! E será a única maneira de fazer com que ela sorria outra vez!

RODRIGO - Pobre dona Eugênia! Tem sido uma vítima da maldade de meu pai! Porque infelizmente, querida, embora durante muito tempo tenha procurado iludir a mim mesmo, sou obrigado a reconhecer que meu pai é um homem mau.

LEILA - Eu prefiro acreditar que seja um doente mental, obcecado por uma ideia que o martiriza constantemente. Ele, então, precisa fazer alguma coisa para aliviar o seu martírio.

RODRIGO - E permanece atento, escutando, vigiando, aguardando uma oportunidade para dar o bote nas suas vítimas que nada lhe fizeram, mas que ele deseja, avidamente, marcar com o ferrete do seu ódio. Um ódio terrível! Um ódio sem tréguas! Um ódio que corrói e que mata!

LEILA - Mas seu coração, também, traz a marca do ódio e por isso, talvez, ele sofra muito mais do que aqueles em quem procura uma vingança sem motivo. Devemos ter pena dele e procurar sermos tolerantes.

RODRIGO - Até agora fui e você é testemunha disto. Suportei calado e sem queixas, todas as maldades que procurou fazer contra mim. Mas si é verdade que foi por ordem dele que o menino foi raptado, como eu já desconfiava mas não queria acreditar, então agora eu vou começar a lutar contra ele também. Quero localizar o garoto e devolvê-lo à sua pobre mãe inconsolável.

LEILA - Sábado, si Gláudia concordar em vir tomar chá comigo, já esclareceremos melhor este ponto. Gláudia é uma moça digna; não lhe parece?

RODRIGO
GLÁUDIA - Como poucas. Basta o que fez conosco, para se poder ter uma ideia perfeita do seu caráter.

LEILA - E se você visse como estava aborrecida e magoada por se ver obrigada a ser desleal com seu pai... Talvez, até, por esse mesmo motivo, tenha resistido em contar-me certas coisas que eu senti que ela sabe.

RODRIGO - E essas coisas é que nós vamos ter que arrancar, para podermos agir. Mas precisamos ter o máximo cuidado em não prejudicá-la.

LEILA - É claro. Tanto mais que ela tem a mãe velhinha e um irmão doente que dependem do seu trabalho, segundo me disse.

RODRIGO - É sim. Tanto assim que, por duas ou três vezes, fui seu advogado, junto a papai, para que lhe aumentasse o ordenado. Mas sabe como poderemos fazer para falar com ela, sem o perigo de que papai nos ouça? Telefonar e perguntar primeiro por ele. Si ela disser: de onde falam? Já se sabe que ele está e desliga-se depressa o aparelho. Si ele não estiver, ela diz logo, antes de perguntar qualquer outra coisa. Aí pode-se falar sem o perigo de que ele esteja ouvindo na extensão.

LEILA - Ah, foi bom você me dizer. Eu não sabia que tinha extensão. Agora já vou ficar com medo de falar. Só si eu não disser o meu nome.

RODRIGO - Não há necessidade de dizer. Você diz: aqui fala aquela moça que você esteve procurando em tal dia e ela em seguida vai saber quem é. Aí você diz que precisa conversar com ela e vai esperá-la sábado sem falta. O problema é fazer que ela compreenda tudo, sem que outra qualquer pessoa que esteja ouvindo a conversa possa saber quem é e o que é.

LEILA - Exato. Amanhã mesmo já vou tratar de fazer isto.

RODRIGO - E se você fizer antes das nove da manhã, é certo que papai não estará no escritório. Ele raramente vai cedo.

LEILA - Está resolvido. Amanhã, antes das nove, telefono para Cláudia.

RODRIGO - E no intervalo da aula prática, na faculdade, eu telefonarei a você para saber si ela vem ou não.

LEILA - Combinado.

RODRIGO - Meu Deus, como esse sábado vai custar a chegar! Eu vou ficar que nem criança, nas vésperas do Natal. Contando os dias e as horas. Mas ele chega. Pode custar, mas chega. E si eu tiver a felicidade de poder conseguir os dados que necessito para encontrar Luizinho... nada mais esperarei com tanta ansiedade a não ser o dia do nosso casamento.

LEILA - O dia do nosso casamento! Será que vão nos deixar chegar a sentir a alegria desse dia que tanto desejamos?

RODRIGO - Tenho certeza que sim. E sabe por que? Pela resolução que tomei de não mais cruzar os braços diante das investidas de papai. Ele agora vai se defrontar com um antagonista quasi tão forte quanto ele. E até agora ele só lutou contra marginais, pobres criaturas que ele afastava do seu cami

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) não por um prato de sopa ou meia dúzia de cruzeiros. O caso vai mudar muito de figura. Eu não sou um marginal nem um miserável!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - Falta alguma coisa, titio?

L.HENRIQUE - Falta o principal, minha filha. Pegar o menino e tocar para a estação.

IRACEMA - Aqui está tudo pronto. A roupinha que possa precisar na viagem. Um outro bico para o caso de perder o que leva na boca, talco algodão, água filtrada e aqui a comidinha para durante a noite. A mamadeira das nove horas, a da madrugada e depois a papinha na garrafa termal. Está aqui tudo escrito e explicado pela Corália. O senhor vai a pé?

L.HENRIQUE - Acho que sim. Chofêr é gente que conversa muito. O menino não pesa ~~uma~~ quase nada, a estação não é longe, dá perfeitamente para ir a pé. Mas ainda tem ^{minha} ~~uma~~ valise e a cestinha do menino com as roupas e as refeições.

IRACEMA - Pois é. Isto é que eu estava me lembrando. Vai ficar muita coisa para o senhor. Só se eu fosse à estação, levando o menino e depois voltava de auto.

L.HENRIQUE - Você não tem medo?

IRACEMA - Não. Também não é tão tarde. Quando eu chegar de volta em casa, serão, no máximo, nove horas.

L.HENRIQUE - Bem, se você se anima a fazer isto, para mim, realmente seria melhor.

IRACEMA - Me animo, sim. Quer ir já, ou acha, ainda, um pouco cedo?

L.HENRIQUE - Acho melhor chegar lá na hora mesmo do borborinho da saída. A gente é muito menos notada. Os que vão estão pegando seus lugares, os que não vão estão se despedindo dos que vão... corre gente pra cá... corre gente pra lá... e ninguém tem tempo de reparar nos outros. Entre com o menino, ocupo o meu banco e fico quieto.

IRACEMA - Bem, então se você quer chegar quasi na hora da saída, não convem irmos já. Talvez só daqui a quinze ou vinte minutos.

L.HENRIQUE - Luizinho está dormindo?

IRACEMA - Como um anjo que ele é. Sabe, tio, que eu fico admirada da mansuetude dele? Nunca ouvi esse menino chorar, o senhor acredita?

L.HENRIQUE - É coitadinho, ele é muito mansinho, sim. É melhor porque assim não vai chamar a atenção de ninguém.

IRACEMA - Tio, acho que nós poderíamos ir andando devagarinho, para depois não termos que andar depressa, por sua causa. Que lhe parece?

L.HENRIQUE - É, talvez seja mesmo melhor.

IRACEMA - Então eu vou pegar o menino, o senhor pega a bagagem e vamos andando.

TECNICA - CORFINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TEREZA - Desde que aconteceu aquela desgraça aqui em casa, que eu nunca mais lhe falei no menino, para não avivar recordações dolorosas, mas esta noite tive um sonho tão nítido com êle, que fiquei até impressionada.

EUGENIA - (INTERESSADA E TRISTONHA) É Tereza? Conta.

TEREZA - Sonhei que êle tinha voltado para casa.

TECNICA - ACORDE DE ALEGRIA

EUGENIA - É mesmo, Tereza? Tã sonhaste, realmente, isto?

TEREZA - Claro. Se não tivesse sonhado não estaria lhe contando. Sonhei que nós estávamos as duas sentadas tomando o chá da tarde, quando aquela porta ali se abriu, de repente, e um rapaz novo, assim do tipo de ^{seu} Rodrigo, apareceu com Luizinho nos braços. Nós ficamos as duas suspensas, sem dizer uma só palavra e o rapaz veio vindo para nós, bem de vagar e quando chegou bem perto da senhora estendeu os braços e lhe entregou a criança.

EUGENIA - (COMEÇA A CHORAR MANSAMENTE) Pobresinho do meu filho!

TEREZA - Eu, no sonho, fiquei tão perturbada que não me lembrei de olhar a cara do moço. Só tinha olhos para ver Luizinho. De repente, quando me lembrei de ver quem o havia trazido e procurei o moço, ele já ia de costas, dessa parecendo outra vez na ^{por} porta onde havia entrado. O porte era igual ao de seu Rodrigo, mas o rosto nunca cheguei a ver.

EUGENIA - (VOZ DE CHORO) E como interpretaste teu sonho, Tereza?

TEREZA - Como um aviso de que Luizinho vai chegar, trazido pelas mãos de um moço que pode muito bem ser seu Rodrigo.

EUGENIA - Mas admitindo que fôsse Rodrigo, que razões teria para se esconder e não deixar ver seu rosto?

TEREZA - Está na "cara", como dizem os moços de hoje. É que seu Rodrigo não pode aparecer como salvador de Luizinho por causa de seu Patrônio. Para não provocar-lhe a ira nem aticar-lhe a vingança. Então agiria escondido.

EUGENIA - Meu Deus, se isto acontecesse de verdade, eu não teria mais vida que chegasse para agradecer a Deus! Luizinho outra vez nos nossos braços, Tereza! Já pensaste a alegria que iríamos ter?

TEREZA - Não quero nem pensar, dona Eugênia. Nesse dia a alegria será capaz de su focar-me e levar-me desta para melhor.

EUGENIA - Já tiveste, na tua vida, algum sonho que depois fosse confirmado pela realidade, Tereza?

- TEREZA - Para não exagerar, vou dizer vários, mas poderia, perfeitamente, dizer muitos. Porque não foram dez nem doze. Desde meninota que eu tive esta propriedade de sonhar as coisas que iam suceder. Não só as boas, como também as ruins.
- EUGENIA - Mas quando Luizinho foi roubado tú não tiveste nenhum sonho, tiveste?
- TEREZA - Como não, dona Eugênia? Pois dois ou três dias antes, eu não tive aquele sonho exquisito que nós estávamos todos na praia e ele ia se afastando no mar, cada vez se afastando mais, sem nada que o amparasse e sem ir ao fundo?
- EUGENIA - É... tens razão... sonhaste mesmo. Eu me lembro que me contaste este sonho, mas, na ocasião, não soubemos interpretá-lo.
- TEREZA - Veja bem, ele se afastava, sem ir ao fundo. Quer dizer... tiravam-no de nós, mas não o metavam. E foi exatamente o que aconteceu.
- EUGENIA - Catarina me prometeu que dentro de quinze ou vinte dias, no máximo, o trará de volta para casa.
- TEREZA - Que ela prometa, está certo, já que é uma vigarista consumada, mas que a senhora ainda acredite nas promessas dela é que eu não posso me convencer. A senhora já viu Catarina. Já conhece Catarina. Já sabe do que Catarina é capaz. Como é que ainda acredita em Catarina? Eu mesma não encontro resposta para este fenómeno! Catarina que vá para o diabo e nos deixe com Deus e em paz!
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.
- LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL
- TÉCNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA 2ª PARTE.
- BELMIRA - A senhorita aceita mais uma xícara de chá?
- CLAUDIA - Não, obrigada. Eu estou satisfeita. Estava ótimo o seu chá.
- BELMIRA - Obrigada. É muita gentileza da sua parte.
- CLAUDIA - Não é gentileza, não. Afianço-lhe que há muito tempo não tomo um chá tão gostoso. E os biscoitinhos de araruta estavam excelentes.
- BELMIRA - Bom, mas isto já não foi trabalho meu. Foi dona Leila mesma quem fez. Eles são gostosos, realmente. E depois muito leves, a gente pode comer quantos quiser porque nem sente. Posso levar tudo, dona Leila?
- LEILA - Pode Belmira. Deixa só os biscoitinhos, para a gente ir se distraindo com eles, enquanto conversa.
- BELMIRA - Sim senhora.
- C/REGRA - RUIDO DE RECOLHER A UMA BANDEJA BUHLE DE CHÁ, TAÇAS, PRATINHOS E TALHERES. A SEGUIR, PASSOS DE BELMIRA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

LEILA - Rodrigo, hoje, deve estar numa ansiedade tremenda. Ele estava só esperando esta nossa entrevista, para depois tomar uma decisão. Você não se importa que eu conte tudo a êle; não é verdade?

CLAUDIA - Não, não me importo. Eu agora tomei posição e estou disposta a não recuar. Inclusive, já estou providenciando num outro emprego para mim, afim de não ter que me sentir como uma traidora.

LEILA - Sabe que eu já tinha pensado nisto? Inclusive já falei com um industrialista a seu respeito, sem citar o seu nome, está claro. Disse-lhe das suas qualidades e o homem ficou num entusiasmo tão grande que está resolvido a utilizá-la como secretária, assim que a outra casar, o que parece vai acontecer dentro de dois meses, no máximo.

CLAUDIA - (CONTENTE) É mesmo, dona Leila?! Mas que bom! Quanto eu terei que lhe agradecer.

LEILA - Ele ficou de me avisar, na ocasião oportuna, para eu mandar lhe chamar.

CLAUDIA - Ótimo. Assim eu poderei trabalhar de acordo com seu Rodrigo na apreensão do garotinho, sem nenhum constrangimento.

LEILA
~~XXXXXXXX~~ - E você já pensou nas possíveis reações de seu Petrônio?

CLAUDIA - Já. Mas confio plenamente em seu Rodrigo e sei que ele não me deixará mal. Não que eu tema pelo que possa me acontecer, mas pelos que dependem de mim.

LEILA - Claro. Mas nós vamos confiar em Deus e Ele vai nos ajudar.

CLAUDIA - Assim espero.

TÉCNICA -CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - E essa moça tem certeza de que o menino se encontra em Diamantina?

RODRIGO - Bem, Vóvó, certeza ela não pode ter, mas por uma série de coincidências que não pode verificar, ela acabou concluindo que a criança está entregue a um homem cujas iniciais são L.H. e que esse homem reside ou está, presentemente, naquela cidade.

ARABELA - E que coincidências são essas? É preciso ver tudo isto muito direitinho, meu filho, para não dar um passo em falso com seu pai. Seu pai não é de brincadeira e aquele que lhe provocar a ira que aguenta depois com o peso dela.

RODRIGO - Ela contou que papai recebeu uma carta assinada por esse homem, dando-lhe o preço da pensão mensal que um determinado Agilô de Diamantina cobraría para ficar com o menino. E que a importância relativa a essa pensão, tem sido enviada mensalmente para lá.

ARABELA - E como é que seu pai, sempre tão esperto, pode deixar uma carta de tanta

ARABELLA - (CONTINUAÇÃO) nha importância e de assunto tão sigiloso, ao alcance das mãos dessa moça?

RODRIGO - Vóvó, ela é a secretária dele, há vários anos. Ele tem toda a confiança nela, como ela também acreditava que ele fôsse um homem absolutamente íntegro. Até que outro dia ele abriu o jogo ~~xxxxxx~~ e ela teve uma decepção tremenda. No momento fez o que ele ordenou, mas depois tratou logo de desmanchar o efeito da maldade, para a qual havia colaborado, procurando Leila e explicando-lhe os motivos da sua aquiescência. E foi daí que surgiu a pista para Luizinho ser encontrado. Vou aproveitar minhas férias da Faculdade, que começam na próxima segunda-feira, para botar mãos à obra e restituir Luizinho a dona Eugênia.

ARABELLA - Cuidado, meu filho! Muito cuidado com seu Pai. Por mim você não se metia nisto.

RODRIGO - Mas Vóvó, como posso ~~xx~~ deixar de prestar o meu auxílio a quem tanto está precisando dele? Pense bem. Eu não tenho o direito de ser assim tão covarde. Digo-lhe mais: há muito tempo já deveria ter procurado esclarecer as desconfianças que alimentava a respeito de papai e meu irmão. Não o fiz por prudência, mas essa prudência, para mim, está degenerando em covardia e covarde eu não quero ser.

ARABELLA - Está bem, meu filho, você já é um homem e sabe perfeitamente o que quer e o que deve fazer. Mas, ainda assim, uma vez mais lhe recomendo: cuidado com seu pai. Muito cuidado com ele!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - Foi bem de viagem, titio? E o menino?

L. HENRIQUE - Muito bem. Saiu daqui dormindo, manou dormindo e chegou lá dormindo. Não incomodou absolutamente nada.

IRACEMA - Riquinho. E Corália estava na estação esperando?

L. HENRIQUE - Estava. Aliás foi o que combinamos porque ela não sabia onde iria parar. Arranjou lá um hotel bem razoável. Hoje de manhã seguiu para a fazenda da madrinha com o menino e eu, quasi na mesma hora, embarquei de volta para cá.

IRACEMA - Não encontrou ninguém conhecido na viagem?

L. HENRIQUE - Para lá, felizmente, não. Para cá vim com o farmacêutico, o seu Arnóbio, que por sinal converteu a viagem inteira.

IRACEMA - Mas o senhor não disse a ele onde tinha ido, não é titio?

L. HENRIQUE - ~~xxxx~~ Não, minha filha, que esperança!

IRACEMA - O seu Arnóbio conversa muito. A gente precisa ter cuidado com êle.

L.HENRIQUE - Ah e eu tive. Ele me perguntou duas vezes. Da primeira, fingi que não ouvi e entrei com outro assunto, despistando; da segunda, não podendo mais fugir, fiz uso da mentira.

IRACEMA - E fez muito bem. Não será por mal, mas amanhã ele contará a todo mundo que viajou com você assim, assim, que você vinha de tal lugar assim, assim, que foi fazer isto, que fez aquilo... Eu conheço o seu Arnóbio. Ele foi muito bom para nós na doença da mãe e nos ajudou muito, mas Deus mantina inteira sabie quanto devíamos na farmácia, ha quanto tempo não pagavamos a conta e tudo mais que dizia respeito só a nós e a êle.

L.HENRIQUE - É... gente assim é perigosa, porque sem saber está fornecendo pistas.

IRACEMA - Mas conte-me do menino. Corália já estava muito saudosa dele? Ficou muito contente ao revê-lo?

L.HENRIQUE - Corália parecia que estava separada do garotinho ha mais de dois ou tres mezes. Quando o segurou no colo, não parava mais de beijá-lo. Eu tive que chamar a atenção que ela estava molestando a criança.

IRACEMA - Corália se agarrou muito a êle e estima-o como se fôsse um filho de sua própria carne.

L.HENRIQUE - Isto me preocupa, você sabe?

IRACEMA - Por que?

L.HENRIQUE - Porque... você sabe... os ricos são poderosos... e eu sempre penso que a avó, um dia, poderá encontrar a criança e reclamá-la judicialmente. Ai, que poderei fazer? Serei obrigado a entregá-la.

IRACEMA - Mas a mãe não o entregou a você?

L.HENRIQUE - Sim, mas de boca. E a lei é lei, minha filha. Ela já deve ter conseguido a pista. Esse homem que esteve ai e falou com sua irmã, já foi mandado por ela. Pode estar certa.

IRACEMA - Mas agora, lá na fazenda da madrinha de Corália, será que irão encontrá-lo? Acho muito difícil.

L.HENRIQUE - Não é não, minha filha. Essa gente possui faro de cachorro policial. Chega a parecer que adivinham as coisas.

IRACEMA - Será uma injustiça, mesmo, si chegarem a tirar esse garoto de Corália. Quem irá tratá-lo melhor do que ela? Quem irá dispensar-lhe maiores cuidados? Estou certa que ninguém. Corália se dedicou ao garoto de corpo e alma.

L.HENRIQUE - Pois é, mas isso não soma na hora do direito de posse.

C/REGRA - BATIDAS NA CAMPAINHA EM 2º PLANO.

IRACEMA - Quem será a esta hora? Nunca recebemos visitas à noite. Nessas amigas todas sabem que nos deitamos muito cedo...

L.HENRIQUE - Se fôr alguém procurando falar comigo, o melhor é dizer que eu estou viajando; não lhe parece?

IRACEMA - É claro. Posso, inclusive dizer que nem sei onde o senhor anda porque nunca para muito no mesmo lugar.

L.HENRIQUE - Isto mesmo.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS ANTERIORES.

IRACEMA - Ih, a pessoa parece que está com pressa.

L.HENRIQUE - E é melhor você atender de uma vez.

IRACEMA - Sim, eu vou.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. MICROFONE VAI COM IRACEMA PARA A PORTA. PASSOS PARAM. ABRE PORTA, DANDO VOLTA NA CHAVE.

JERONIMO - Boa noite.

IRACEMA - Boa noite.

JERONIMO - Eu podia falar com o seu tio, o senhor Luiz Henrique?

IRACEMA - Meu tio não está. Ele não mora aqui.

JERONIMO - Sua irmã já me disse isto, mas eu sei, de fonte segura que não é verdade.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

IRACEMA - O senhor está me parecendo muito impertinente. Se eu lhe digo que meu tio não está e não mora aqui, é porque ele realmente não está e não mora.

JERONIMO - E se eu lhe disser que estou controlando a casa desde as seis horas da tarde e vi o seu tio entrar há questão de dez ou quinze minutos?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

JERONIMO - Vamos, moça, vá chamar de uma vez o seu tio que eu preciso falar com ele um assunto importante e urgente!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FIM DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

482 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

JERONIMO - Boa noite.

IRACEMA - Boa noite.

JERONIMO - Eu podia falar com o seu tio, o senhor Luis Henrique?

IRACEMA - Meu tio não está. Ele não mora aqui.

JERONIMO - Sua irmã já me disse isso, mas eu sei, de fonte segura, que não é verdade.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

IRACEMA - O senhor está me parecendo muito impertinente. Si eu lhe digo que meu tio não está e não mora aqui, é porque ele, realmente, não está e não mora.

JERONIMO - E si eu lhe disser que estou controlando a casa, desde as seis horas da tarde, e vi seu tio entrar há questão de dez ou quinze minutos?

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA MUSICAL ANTERIOR

JERONIMO - (DEPOIS DE PAUSA) Vamos, moça. Vá chamar de uma vez seu tio, que eu preciso falar com ele um assunto importante e urgente!

IRACEMA - O senhor é teimoso, hein? Si esteve cuidando a minha casa e viu entrar um homem, esse homem não é meu tio, está entendendo? Acho que não preciso dar-lhe satisfações da minha vida íntima. Preciso?

JERONIMO - Não, é claro. Mas eu conheço seu tio de vista e sei que foi ele quem entrou aqui?

IRACEMA - E se fosse, por que motivo eu haveria de querer evitar que o senhor falasse com ele?

JERONIMO - Por causa do garoto, é lógico.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - Minha irmã me contou o que o senhor lhe falou à respeito daquele garoto mas o senhor está incorrendo num lamentável engano. Aquele garoto nunca morou em nossa casa. Esteve aqui dois ou três dias, à espera de que meu tio pudesse levá-lo para Goiás. Foi embora e não ficamos sabendo mais dele.

JERONIMO - E seu tio não voltou, depois disto?

IRACEMA - Voltou, mas nem cheguei a falar com ele. Minha irmã é que falou. Depois meu tio tornou a viajar e nunca mais o vi. O homem que o senhor viu entrar na minha casa, não era ele. Era só o que o senhor desejava saber?

JERÓNIMO - Não. Desejava saber muita coisa mais, mas vejo que é inútil porque a senhora não vai me dizer.

IRACEMA - Acho que já lhe disse muito mais do que o senhor deveria saber, porque não sou obrigada a dar contas da minha vida particular para ninguém e o senhor já sabe de uma coisa que talvez nem os vizinhos saibam.

JERÓNIMO - A senhora contou as suas particularidades porque quis, porque eu não lhe perguntei sobre elas. Perguntei coisa muito diferente.

IRACEMA - O senhor não me perguntou, mas me obrigou a dizer, insistindo em que o homem que está aqui dentro comigo era meu tio. E insistiu de tal maneira que me deu raiva e eu acabei dizendo-lhe a verdade.

JERÓNIMO - Ouça, senhorita: um garotinho foi raptado dos braços de sua mãe e escondido em qualquer lugar que não se sabe onde. Eu fui designado pela polícia, secreta que sou, para localizar o seu paradeiro. Com seu tio viajou uma criança do mesmo sexo, da mesma idade e da mesma cidade. Não acha justo que tenhamos o direito de procurar saber, de seu tio, quem era o garoto que estava com ele e que destino levou, uma vez que desapareceu novamente?

IRACEMA - Bem, mais uma vez o senhor vai me obrigar a revelar segredos íntimos e, desta vez, com a agravante de que é um segredo que não me pertence. O garotinho que meu tio trouxe e deixou não sei onde, é filho dele com uma moça solteira que não quis saber do menino e abandonou-o à própria sorte, para fugir à condenação da sociedade. Bem que nós teríamos gostado de ficar com ele aqui, mas meu tio, como seguidamente passa em Diamantina e vem nos ver, parece que não concordou em ter, sempre, diante dos olhos, a marca do seu erro que não tem nem a desculpa de um arruobo de mocidade porque já é um homem maduro. Negou-se a deixar o menino e nós não insistimos, fingindo, até, que não sabíamos a verdade. E agora que já lhe disse tudo, peço-lhe que por favor se retire porque tenho alguém à minha espera.

JERÓNIMO - Perfeitamente. Agradeço-lhe todas as informações, mas mesmo assim insisto em querer falar com seu tio. Ele deve aparecer aqui qualquer dia, não é verdade?

IRACEMA - Deve, mas não sei quando.

JERÓNIMO - Não importa. Eu esperarei pacientemente. Aliás, a minha grande virtude é saber esperar. Eu vivei, de vez em quando, até o ó e é possível que, numa das vezes, tenha a sorte de encontrá-lo. Boa noite, senhorita.

IRACEMA - Boa noite.

JERONIMO - Queira desculpar a incomodação.

IRACEMA - Está desculpado.

C/REGRA - FECHA A PORTA DA RUA. GIRA A CHAVE E FAZ RUIDO DE UMA TRANCA DE FERRO. PASSOS QUE SEGUEM SEMPRE EM 1º PLANO. PARAM DEPOIS DE ALGUM TEMPO.

L.HENRIQUE - Que homemsinho renitente!

IRACEMA - Ufa! O senhor viu só? Queria, por força, falar-lhe! Mas eu tenho a impressão que consegui cosinhá-lo no bafó. O senhor ouviu as mentiras todas que eu disse para êle?

L.HENRIQUE - Ouvi e admirei a sua corágem. Não tem medo que êle levante dúvidas sobre a sua moral?

IRACEMA - Não. Sou suficientemente conhecida na cidade, para que um forasteiro e desconhecido possa abalar o crédito de tantos anos a meu favor.

L.HENRIQUE - Você inventou coisas admiráveis. E foi tão pronta nas suas respostas que o homemsinho não poderia pensar que estivesse mentindo.

IRACEMA - Acho que foi Deus que me ajudou naquele momento de aflicção. ^{Mas} Não acredito muito que nos tenhamos livrado d'êle, mas pelo menos hoje consegui despistá-lo e assim teremos tempo de pensar o que nos convirá mais fazer.

L.HENRIQUE - Acho que vou ter que dar o fora da cidade definitivamente.

IRACEMA - E que Corália também não poderá voltar para cá, a não ser para passar uns dias e isto mesmo deixando o menino na fazenda.

L.HENRIQUE - É pena. O homemsinho vai desorganizar toda a nossa vida.

IRACEMA - Pois é, mas assim, de momento, não vejo outra solução. Será que o homemsinho é mesmo secreta da polícia?

L.HENRIQUE - Ele apresentou credenciais?

IRACEMA - Apresentou coisa nenhuma. Apenas disse que era. Eu devia ter exigido um comprovante. Não me lembrei.

L.HENRIQUE - Da polícia coisa nenhuma. Aposto a minha vida como é um enviado de dona Catarina. Ela deve ter combinado alguma trancica com êle.

IRACEMA - Dona Catarina? Quem é dona Catarina?

L.HENRIQUE - Quem é? Dona Catarina é... é o avô do menino, a quem a mãe me pediu que nunca o entregasse. Será uma pena se eu for obrigado a fazer isto.

IRACEMA - Não. Deus vai nos ajudar e nós vamos encontrar um meio de despistar todo mundo e ficar com o garotinho. Nem que eu tenha que pedir transferência no meu emprego e nos mudemos todos para qualquer outra cidade distante.

L.HENRIQUE - Mas isso vai ser um transtorno muito grande para vocês.

- IRACEMA - Eu, por mim, não me importo absolutamente nada. O que tenho de mais importante aqui e que mais me prende, é o meu trabalho. Se não transferida, ele vai comigo, porque vou desempenhá-lo da mesma maneira, em qualquer recanto que me oculte. Amisades, a gente faz novas. E passeios ou distrações, o senhor já viu que eu não sou disso, mesmo. Se não estou no trabalho, estou dentro de casa. E Corália, para onde o garoto tiver que ir, irá de muito bom grado, o senhor já viu. E também só sai aos domingos para ir à missa. Tendo uma igreja e o garoto, para ela está tudo bom. O senhor é que eu não sei...
- L. HENRIQUE - Eu tenho uma missão a desempenhar e onde puder melhor cumprir esta obrigação, estarei contente.
- IRACEMA - Pois então era o caso de irmos os dois, no próximo fim de semana, à fazenda da madrinha de Corália para combinarmos, juntos, o que deveremos fazer.
- L. HENRIQUE - Podemos ir. Eu vou sexta-feira de manhã e você sexta-feira à noite. É melhor do que irmos junto.
- IRACEMA - É claro. Prudência e galdo de galinha nunca fizeram mal a doente. O senhor vai de manhã e eu vou à noite. Está combinado.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- JERONIMO - Você tem certeza de que o homem está na cidade?
- VOZ - Certeza absoluta. Inda ontem à tarde estive lá no bar e eu servi cafézinho pra ele.
- JERONIMO - Ela me disse que o homem que estava lá não era ele.
- VOZ - Pelos sinais que o senhor me dá, era. E depois elas nunca receberam visita de homem em casa. Principalmente de noite.
- JERONIMO - O senhor conhece bem as duas?
- VOZ - Demais. Não tem um cafésinho ali na frente da casa delas, mais pra lá do da esquina?
- JERONIMO - Não prestei atenção.
- VOZ - Pois naquele café eu trabalhei oito anos. Era vizinho delas à dia todo. Só quando fui trabalhar no bar, é que deixei de ser. Muitas vezes elas me gritavam de porta, pedindo um litro de leite e eu ia lá levar. Eram boas peças. Eu gostava delas.
- JERONIMO & MASXE Mas será que ela te mentiu e que o homem que estava lá era mesmo o seu Luiz Henrique?
- VOZ - Tem que ser.

JERONIMO - Mas ela me contou lá umas histórias com tanta segurança... Elas sempre foram moças boas, não foram?

VOZ - Muito boas. Quasi todo mundo gosta delas.

JERONIMO - Ontem foi a outra que me atendeu. A de narizinho arrebitado.

VOZ - A dona Iracema. É a que trabalha *no Império de Roraima* e é mais moça. A outra é a dona Corália.

JERONIMO - Esse tio delas apareceu há pouco tempo; não foi?

VOZ - Uns trez mezes, ou talvez nem tanto.

JERONIMO - As informações que tenho dele é de que é um salafário.

VOZ - Mas a cara dele não engana. Cara de salafário mesmo, no duro.

JERONIMO - Por que será que elas fazem tudo para evitar que eu fale com ele?

VOZ - Elas sabem que o senhor é da polícia?

JERONIMO - Eu disse ontem para a moça.

VOZ - Pra outra o senhor não disse?

JERONIMO - Não. Não disse nada.

VOZ - É, mas ela talvez tenha desconfiado. É de certo não querem que o senhor fale com o ~~sempre~~ tio delas, porque sabem que ele é salafário e ficam com medo que ele se enrasque. Escute aqui: o senhor vai mesmo me arranjar colocação na polícia do Rio, ou falou por falar?

JERONIMO - Vou, sim. Prometi e pode estar seguro que vou lhe arranjar. Por que?

VOZ - Porque então amanhã eu já mudo o dono do bar às pitangas e já fico de guarda com o senhor lá na esquina da casa delas.

JERONIMO - Ótimo! Estamos combinados, então.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL PARA A 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

EUGENIA - Catarina, Catarina, eu já começo a ficar desanimada. Todos os dias você vem me dizendo a mesma coisa, há mais de dois mezes: breve... breve... breve... Esse breve não chega nunca, Catarina, nunca!

CATARINA - Chega, sim senhora. Não desespere porque chega. Agora mesmo foi para Di-
mantina um amigo meu da polícia e me prometeu investigar o assunto com
vontade. Eu tenho fé que ele vai nos resolver a parada.

EUGENIA - Mas por que Diamantina? Você nunca havia me falado nisto....

CATARINA - Diamantina é o lugar onde consta que os raptos se refugiaram.

EUGENIA - E quando volta esse seu amigo? Vai demorar muito por lá?

CATARINA - O tempo que se fizer necessário às investigações. Ele prometeu escrever
Devo receber carta dentro de trez ou quatro dias.

EUGENIA - Mas então ele foi especialmente para tratar do caso?

CATARINA - Claro. Oj a senhora pensa que eu estou dormindo? É que essas coisas demoram, mesmo, porque têm que ser muito bem feitas. Não adianta força. Tem que se empregar a astúcia.

EUGENIA - Bem, agora eu já me sinto mais animada. Pensei que a polícia já houvesse desistido de investigar o fato.

CATARINA - De maneira nenhuma. Aliás eles procuram dar essa impressão de propósito, que é para os criminosos afrouxarem a vigilância e eles terem maior chance de apanhá-los de surpresa. Esse amigo esteve me explicando os métodos como eles trabalham e eu achei-os muito interessantes. Muito racionais.

EUGENIA - Você disse que espera carta desse seu amigo da polícia dentro de três ou quatro dias?

CATARINA - No máximo. Ele prometeu me mandar dizer qualquer coisa, logo na primeira semana que estivesse lá. Aho que já deve ter mandado dizer. A demora, com certeza, é do correio.

EUGENIA - Então, Catarina, eu lhe peço como um grande favor: assim que você souber qualquer coisa venha depressa me contar.

CATARINA - Pode ficar tranquila, dona Eugênia. É certa, também, de uma coisa: aquilo que lhe foi prometido por mim, por mim há de ser cumprido, ou eu deixo de me chamar ~~Max~~ Catarina Malênde.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA MUDANÇA DE CENA. FUNDE COM PASSARINHOS CANTANDO EM 1º PLANO e RUIDOS DE RUA EM 2º PLANO.

RODRIGO - Parece mentira que a prudência nos obrigue a vir conversar escondidos no meio deste parque, como se fôramos dois fugitivos, ou namorados clandestinos, ocultando-nos por entre as árvores e as ramadas.

CLAUDIA - Que se vai fazer? Temos que nos acantelar. Nosso inimigo é forte e perigoso. Sabe que agora, que ele deixou cair para mim a sua máscara, quando me encontro só com ele, no escritório, eu chego a sentir medo?

RODRIGO - E eu também me preocupo muito com você lá. Só me sentirei completamente descansado o dia que souber que você abandonou aquele emprego e está trabalhando num outro ambiente.

CLAUDIA - Dona Leila já me conseguiu um outro bom emprego, mas tenho que esperar a vaga que deve se dar dentro de dois meses, no máximo.

RODRIGO - Você anotou as datas que lhe pedi?

CLAUDIA - Anotei. Foi feita uma remessa no dia 2º de Maio, outra no dia 30 de junho e uma terceira no dia 31 de julho. Todas elas dirigidas ao senhor Luiz

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) Henrique Cordonet, pelo Banco do Estado, em Diamantina.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Como foi que você disse? Luiz Henrique Cordonet?

CLAUDIA - Exato. Por que? Você o conhece?

RODRIGO - Conheço, sim. É um pusilânime e um covarde. Agora é que estou ligando as coisas!... Então foi dele que papai se utilizou. Ah que se o encontro em Diamantina...

CLAUDIA - (DEPOIS DE PAUSA) Que é que tem?

RODRIGO - Tenho contas a ajustar com aquele canalha.

CLAUDIA - Mas seja prudente, por favor, seu Rodrigo. Lembre-se de sua noiva.

RODRIGO - Sim, tenho que ser prudente. Não fosse por isso e já, neste momento, meu pai estaria em muito mais lençóis. Mas ele não perde por esperar.

CLAUDIA - O senhor precisa de mais algum dado ou esclarecimento?

RODRIGO - Não, Cláudia, obrigado. Acho que agora se descerraram todas as cortinas das minhas dúvidas e eu não preciso de mais nenhum dado para ter a certeza que procurava. Agradeço-lhe muito e se você vai para casa, meu carro está ali, logo depois daquela esquina. Posso lhe deixar um pouco mais perto de casa, se tem receio de que a leve até lá.

CLAUDIA - Sim, vamos, mas é melhor que eu desça um pouco antes, para evitar conversas dos vizinhos. Mas vale prevenir do que remediar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

CORÁLIA - São oito horas, já?

L.HENRIQUE - Oito e dez.

CORÁLIA - Se o trem não atrasou, Iracema deve estar chegando em Diamantina.

L.HENRIQUE - Vamos ver o que ela consegue por lá, para depois podermos traçar o nosso rumo.

CORÁLIA - Você acha que será fácil ela conseguir uma transferência?

L.HENRIQUE - Para Belo Horizonte penso que será difícil, mas para qualquer outra cidade eu acho que não há problema maior. Tanto mais que ela deixa a casa alugada no seu nome, o que já é uma facilidade para quem vem substituí-la.

CORÁLIA - Coitada da Iracema! Ela não botou o menor obstáculo para sairmos de Diamantina. E eu sei que vai fazer isto muito mais por mim do que pelo menino. Toda a vida foi assim: uma excelente irmã.

L.HENRIQUE - Eu às vezes penso em tudo que está acontecendo e sinto remorsos.

CORÁLIA - Remorsos de que?

L. HENRIQUE - De estar perturbando desta forma a vida de vocês.

CORÁLIA - A minha não perturba em nada. Desde que eu fique com o menino, posso ir para qualquer canto do mundo que não estou me incomodando. Muito mais perturba a sua vida e a de Iracema.

L. HENRIQUE - A minha, não. Posso fazer sede em qualquer cidade que deseje. Só uma coisa terei que fazer: ir mensalmente a Diamantina, receber a remessa do dinheiro que o patrão me faz.

CORÁLIA - Quanto tempo o senhor calcula para que Iracema possa ter o caso dela resolvido?

L. HENRIQUE - Isso vai depender muito do interesse do chefe que ela tem. Ele é amigo dela? Estima-a, pelo menos?

CORÁLIA - Muito. Pode ver isso no dia do aniversário dela que ele foi pessoalmente lá em casa, felicitá-la. Ceou conosco e ainda ficou uma grande parte do serão.

L. HENRIQUE - Então, se ele botar interesse no caso, em oito ou dez dias haverá tempo de estar tudo resolvido.

CORÁLIA - Ela disse que assim que tivesse resposta ao seu pedido, que viria aqui e comunicá-los, para que já fossemos, daqui, diretamente para lá.

L. HENRIQUE - E você não precisa ir a Diamantina organizar as suas coisas para a mudança? Eu posso ficar com o menino uns dois dias, se você quiser.

CORÁLIA - Não é preciso, obrigada. Iracema se ocupará de tudo, tenho certeza. E se for preciso eu ir por um dia ou dois, madrinha já estará de volta da cidade e cuidará do menino para mim.

L. HENRIQUE - Ele foi passear, ou foi a serviço da fazenda?

CORÁLIA - Tratar dos dentes e fazer umas compras. Vai ficar uns oito ou dez dias por lá.

L. HENRIQUE - Foi bom. Cain a sopa no mel, como se costuma dizer. Assim eu pude ficar por aqui, o que será muito bom para mim.

CORÁLIA - E agora vamos pedir a Deus que nos ajude até ao fim, para que possamos voltar a ficar todos juntos, longe das ameaças de perdermos o encanto de nossas vidas.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - O senhor outra vez?!

JERONIMO - Eu, sim. Aliás eu avisei que voltaria, de tempos em tempos, para ver se conseguia me avistar com seu tio. Será que hoje tive mais sorte?

IRACEMA - Não. Meu tio não está e eu já lhe disse que só acidentalmente ele nos aparece.

JERONIMO - Eu tive informações seguras de que aquela noite êle estava aqui.

IRACEMA - Ninguém poderia lhe dar uma informação mais segura do que a minha, uma vez que ninguém mais mora aqui, a não ser minha irmã e eu.

JERONIMO - E sua irmã também não está, hoje?

IRACEMA - Não senhor. Está há vários dias em Lindoia, cuidando de uma tia nossa que não está passando nada bem. Veio o telegrama avisando, acho que logo depois do senhor ter estado aqui a primeira vez e ela, já no dia imediato, embarcou para lá.

JERONIMO - Quer dizer, então, que a senhora está completamente sósinha em casa?

IRACEMA - Sim senhor. Por que? Está duvidando?

JERONIMO - Talvez, mas se isto acontece, a culpa é exclusivamente sua. Depois que se apanha uma pessoa na mentira, duvida-se, até, da maior verdade que ela possa estar dizendo.

IRACEMA - Eu não sei qual a mentira em que o senhor possa ter me apanhado, mas se está duvidando que eu esteja só em casa...

JERONIMO - (CORFANDO) Não posso deixar de duvidar, moça.

IRACEMA - Pois bem, para acabar com esta dúvida e com a discussão na porta da rua, o senhor tenha a bondade de entrar e revistar livremente a casa.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO CAPÍTULO.